

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

# **PRAZER NO TRABALHO**

Por

**Anna Maria Massad Dimatos**

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina  
para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção

Orientador:

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.

Florianópolis, Outubro 1999

# PRAZER NO TRABALHO

*Nome:*

Anna Maria Massad Dimatos

*Área de Concentração:*

Ergonomia

*Orientador:*

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.

Florianópolis, outubro de 1999

# PRAZER NO TRABALHO

**Anna Maria Massad Dimatos**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Engenharia, especialidade em Engenharia de Produção, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, em outubro de 1999.

---

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D.

*Coordenador do Curso de Pós-Graduação  
em Engenharia de Produção*

*Banca Examinadora:*

---

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.

*Orientador*

---

Prof. Zuleica Patrício, Dra.

---

Prof. Elson Manoel Pereira, Dr.

***“Se você tem prazer no que faz, você nunca vai ter que trabalhar na vida”. Confúcio (600 a C.)***

***“Quando o trabalho é um prazer, a vida é uma alegria. Quando o trabalho é um dever, a vida é uma escravidão”. Maksim Gorki***

***“A atração pelo conhecimento seria mínima, se não houvesse tanto pudor a vencer no caminho até ele. O desejo do saber gera o ímpeto. Todo ímpeto é cego, salvo quando há conhecimento.***

***Todo conhecimento é vão, salvo quando há trabalho. Todo trabalho é vazio, salvo quando há amor. Quando trabalhas com amor, estás unido a ti próprio, aos outros e a Deus, como quer que O concebas”. Gibran***

**Dedicatória: À Arte, em todas as suas formas e expressões,  
cores e matizes, tons e semitons.**

---

## **AGRADECIMENTOS**

---

À Deus; Pai, Filho e Espírito Santo e à Mãe Maria, pela saúde, coragem e inspiração;

À minha família, especialmente meus pais, pelo apoio e paciência;

À Universidade Federal de Santa Catarina, ao professor doutor Francisco Antônio Pereira Fialho, pela oportunidade e orientação;

Ao Banco do Brasil S/A, pela compreensão e incentivo;

Aos entrevistados, por acreditarem no estudo e colaborarem de modo decisivo para a sua realização;

A todos os amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram com suas palavras e ações.

---

## SUMÁRIO

---

Lista de Fotografias .....	viii
Resumo .....	ix
<i>Abstract</i> .....	x
<b>CAPÍTULO I: O Problema</b> .....	<b>11</b>
1.1 Introdução .....	11
1.2 Justificativa .....	12
1.3 Objetivos .....	13
1.3.1 Objetivo Geral .....	13
1.3.2 Objetivos Específicos .....	13
1.4 Questões à Investigar .....	13
1.4.1. Questão de Pesquisa .....	13
1.5 Delimitação do Estudo .....	14
1.6 Organização do Estudo .....	14
<b>CAPÍTULO II: Revisão de Literatura</b> .....	<b>15</b>
2.1 O que é Trabalho? .....	15
2.2 O Conceito de Trabalho .....	17
2.3 Algumas Pinceladas pela História .....	19
2.3.1 Declínio do Feudalismo.....	23
2.3.2 A Revolução Industrial .....	25
2.3.3 O Trabalho Hoje .....	27
2.4 Prazer .....	30
2.4.1 O Prazer e o Corpo Humano .....	32
2.4.2 Algumas Pinceladas pela História .....	34
2.4.3 O Prazer e a Ergonomia .....	40
2.4.4 O Prazer da Criatividade .....	41
2.4.5 Trabalho e Prazer .....	44
<b>CAPÍTULO III: Metodologia Qualitativa</b> .....	<b>47</b>
3.1 Considerações Gerais .....	47
3.2 A Entrevista .....	49
3.2.1 Considerações Gerais .....	49
3.2.2 A Entrevista semi-estruturada .....	50

3.2.3 O Registro da Entrevista .....	52
3.2.4 Os Cuidados Éticos .....	53
3.2.5 Amostra .....	54
3.2.6 A Análise dos Dados .....	55
3.3 Material e Método .....	57
3.3.1 Amostra .....	57
3.3.2 Instrumento .....	58
3.3.3 Procedimentos .....	58
<b>CAPÍTULO IV: Resultados .....</b>	<b>59</b>
4.1 Trabalho e Prazer .....	59
4.2 Prazer e Criatividade .....	62
4.3 Prazer e Sentir-se Amado .....	66
4.4 Prazer e Dinheiro .....	68
4.5 Prazer e Interesse em Aprimorar-se .....	69
4.6 Comentários .....	73
<b>CAPÍTULO V: Conclusões e Recomendações .....</b>	<b>74</b>
5.1 Conclusões .....	74
5.2 Recomendações .....	75
5.3 Sugestões para Futuros Trabalhos .....	75
<b>CAPÍTULO VI: Referências Bibliográficas .....</b>	<b>76</b>
<b>CAPÍTULO VII: Anexos e Entrevistas .....</b>	<b>78</b>

---

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

---

Fotografia 1 – O Flautista .....	59
Fotografia 2 – O Artista Plástico .....	61
Fotografia 3 – O Bancário e Músico Profissional .....	62
Fotografia 4 – O Ator .....	64
Fotografia 5 – O Artista Plástico .....	65
Fotografia 6 – A Comerciária e Gerente de uma Perfumaria .....	67
Fotografia 7 – O Jardineiro .....	70

---

## RESUMO

---

O objetivo deste estudo foi entrevistar profissionais de diversas áreas que, basicamente, sentem prazer em suas atividades profissionais. Para tanto, foram escolhidos, intencionalmente, um músico profissional – flautista, um bancário e músico profissional, um jardineiro, uma comerciária – gerente de loja, um ator e um artista plástico. Foi utilizado o instrumento da entrevista semi-estruturada, com as seguintes perguntas básicas:

1. O que significa o trabalho para você?
2. Fale sobre a rotina do seu trabalho.
3. O que é prazer para você? Você sente prazer no seu trabalho?

As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente. Houve, também, uma observação do trabalho realizado nos casos do jardineiro, da comerciária, do bancário e músico profissional, assistindo aos shows deste último. No caso do flautista e do ator assistiu-se a um recital e a duas apresentações da peça musical, respectivamente. Apesar de o artista plástico não ter sido entrevistado em seu ateliê, suas exposições de pintura foram visitadas. Por meio dessas categorias, pôde-se constatar que o trabalho está intimamente ligado ao prazer quando existe criatividade. O prazer está relacionado, também, com o sentir-se amado, pelo resultado final do trabalho. Dessa forma, quem trabalha com prazer possui interesse em aprimorar-se, em crescer profissionalmente e pessoalmente, ‘extrojando’ seu eu. Apesar de muitas vezes seus trabalhos causarem sofrimentos físicos, o prazer sentido é muito maior e mais gratificante, pois sentem-se realizados, amados em suas atividades laborais. Os resultados da pesquisa comprovaram a importância do prazer no trabalho para uma auto-realização do profissional, uma melhor e mais adequada adaptação do trabalho ao ser humano, evitando doenças profissionais. Assim, resgata-se o respeito ao homem no trabalho, não somente para alcançar o aumento da produtividade, mas, sobretudo, uma melhor qualidade de vida.

**Palavras-chave:** trabalho, prazer, criatividade, qualidade de vida.

---

## ABSTRACT

---

The aim of this study was to interview professionals from diverse areas who, basically, take pleasure in their professional activities. To this end, the following were selected intentionally; a professional musician - a flautist, a bank employee and professional musician, a gardener, the manager of a shop, an actor and an artist. A semi-structured interview format was used, with these basic questions:

1. What does work mean to you?
2. Talk about your work routine.
3. What is pleasure for you? Do you take pleasure in your work?

The interviews were recorded and subsequently transcribed. There was also observation of the work carried out by the gardener, the manager, the bank employee and the professional musician, including watching his shows. In the case of the flautist and the actor, a recital and a musical were witnessed respectively. Although the artist was not interviewed in his workshop, exhibitions of his paintings were visited. From these categories it can be verified that work is closely related to pleasure when an element of creativity exists. Pleasure is also related to feelings of being appreciated, through the end product of the work. In this way, those who work with pleasure are interested in improving themselves, in growing professionally and personally, in bringing out their own identity. Despite the fact that their work can often cause physical suffering, the pleasure felt is far greater and more rewarding when there is a feeling of achievement, of being appreciated for their professional activities. The results of this research demonstrate the importance of pleasure in work for the self-realisation of the professional, a better and more appropriate adaptation of work for human beings, avoiding professional illnesses. Consequently, some respect for people in their work can be recovered, not only to attain an increase in productivity, but above all to attain a better quality of life.

**Key words:** work, pleasure, creativity, quality of life.

# CAPÍTULO I

## O Problema

### 1.1 Introdução

O trabalho é uma atividade muito antiga e inerente ao ser humano.

Desde os homens das cavernas essa função aparece fortemente como fator importante da vida.

Passamos a maior parte de nossos dias envolvidos com o labor.

Porém, muitas vezes o trabalho é uma fonte de sofrimento e não traz satisfações, alegrias ou prazer.

A insatisfação no trabalho, a desmotivação para o trabalho é uma preocupação dos estudiosos, pois é um problema que afeta muitos trabalhadores, independentemente da posição ou *status* que possuem na organização.

Essa insatisfação é penosa tanto para o trabalhador quanto para a organização.

As organizações se constroem ou se destroem pelo desempenho das pessoas que nelas trabalham. Não se concebem organizações estrategicamente vencedoras sem trabalhadores estrategicamente vencedores, nem organizações motivadas sem pessoas motivadas; em conseqüência, não há qualidade sem qualidade de vida no trabalho. (VIANNA, CARVALHO, *apud* BÚRIGO, 1997)

Muitas organizações tornaram-se ambientes propícios ao sofrimento do trabalhador, à sua apatia e ao seu descrédito, e, nelas, o trabalho que se presume ser produtivo torna-se entediante. Diante desse fato e, especialmente, para evitá-lo e evitar para a organização suas conseqüências danosas, muitos gerentes buscam incessantemente programas de qualidade, reengenharias, programas de motivação, como iniciativas isoladas, objetivando também o aumento da produtividade e a satisfação dos trabalhadores.

A Ergonomia visa, basicamente, à adaptação do trabalho ao homem e preocupa-se, igualmente, se essa atividade apresenta sofrimentos ou alegrias.

A Ergonomia busca melhorar os postos de trabalhos fatigantes, oferecendo aos trabalhadores melhores condições de trabalho, visando à melhoria de seu rendimento, seu bem-estar, evitando acidentes ou doenças ocupacionais.

Segundo a psicóloga ANA CRISTINA LIMONGI (1999), professora da faculdade de Administração da USP – SP, o ser humano passa grande parte do dia acordado e deve sentir prazer acordado e não dormindo. Passa-se grande parte do dia trabalhando e deve-se sentir prazer com o que se faz.

No dia 25 de fevereiro deste ano, no Jornal Nacional da TV Globo, enfocou-se que vários jovens britânicos estão deixando seus empregos e altos salários para ganhar menos dinheiro e trabalhar em países pobres da África e Ásia, sentindo maior prazer em ver que estão ajudando outros seres humanos.

Esses trabalhadores ficam mais satisfeitos ao constatar os progressos dos alunos de inglês em países emergentes, por exemplo, do que trabalhando em seus altos postos na Grã-Bretanha.

Como se explica tudo isso, se não pensarmos que no século XXI o que vai contar é a satisfação e, sobretudo, o prazer que os seres humanos sentirão em seu trabalho?

Sabendo que nossa vida é efêmera, por que não a vivermos plenamente, sentindo alegria também em nosso trabalho?

## **1.2 Justificativa**

Segundo PATRÍCIO (1995), o ser humano necessita de momentos de felicidade e prazer para “viver saudável”, para “bem viver”.

De acordo com a autora, avaliar a qualidade da vida humana implica conhecer a realidade do processo de satisfação de necessidades individuais e coletivas que promovam felicidade e prazer ao ser humano.

Implica conhecer e compreender como esse ser humano interage com a natureza, consigo próprio e com os demais seres do mundo. Relaciona-se com a qualidade do cuidar da vida.

Vivendo nessa roda viva do dia-a-dia, muitas vezes o ser humano não se dá conta de quão importante é o bem viver.

Correndo atrás da máquina, apressado em cumprir horários impostos, rotinas entediadas, sem criatividade, o trabalhador vive sem sentir prazer com o seu trabalho.

Até pode sentir certa satisfação pela tarefa cumprida, uma meta alcançada, mas trabalha para ter como pagar o aluguel no final do mês, a alimentação, a escola dos filhos, enfim, não tem tempo de pensar em si, de questionar se seu trabalho é uma fonte de alegria e prazer ou lhe traz sofrimento, desprazer ou dor.

Pretende-se com este estudo verificar e analisar a existência de profissionais que efetivamente sintam prazer com seu trabalho, não importando as horas utilizadas com essa atividade, que não contem tempo para a “sonhada” aposentadoria como uma carta de alforria a ser recebida de seu senhor e algoz, que não se sintam escravos mas co-partícipes na construção de um mundo melhor.

## **1.3 Objetivos**

### **1.3.1 Objetivo geral**

Investigar a existência de profissões que priorizam o prazer no trabalho, pesquisar algumas causas comuns e analisar, por meio de entrevistas, profissionais que possuem atividades laborais prazerosas.

### **1.3.2 Objetivos específicos**

1. Através de elementos teóricos e da observação empírica, construir uma definição de prazer no trabalho;
2. Verificar se uma das causas do sentir prazer no trabalho é a utilização da criatividade, se esta concorre para o prazer no desenvolvimento de determinada atividade;
3. Verificar se o trabalho, em vez de trazer sofrimento e competição, pode ser uma atividade prazerosa e de aspecto lúdico.

## **1.4 Questões a investigar**

- a) O que significa trabalho;
- b) O que significa prazer;
- c) Verificar se o entrevistado sente prazer no seu trabalho.

### **1.4.1 Questão de pesquisa:**

Que aspectos do trabalho humano contribuem para o alcance do prazer das pessoas no exercício de suas atividades?

## **1.5 Delimitação do estudo**

O enfoque do presente estudo é investigar entre seis profissionais seus conceitos de trabalho e de prazer, e a existência de prazer nos seus trabalhos, bem como as razões de senti-lo.

Os profissionais escolhidos foram um músico de renome internacional, um bancário da rede pública e músico, um jardineiro, uma comerciária – gerente de perfumaria, um ator profissional e um artista plástico de grande reputação.

Não foram considerados outros profissionais ou outras variáveis como análise ergonômica de postos de trabalho, problemas de doenças ocupacionais ou acidentes de trabalho.

Espera-se contribuir demonstrando a relevância do prazer no mundo do trabalho para alcançar uma melhor qualidade de vida do trabalhador e uma eficaz adaptação do trabalho ao ser humano.

## **1.6 Organização do estudo**

O estudo está organizado em seis capítulos.

Este capítulo apresenta a situação-problema, justifica de forma resumida a importância do estudo, definindo objetivos, as questões a investigar, a questão de pesquisa e a delimitação da mesma.

O capítulo II trata da revisão da literatura, conceituando trabalho, apresentando características e aspectos principais, a influência da Igreja, objetivos do trabalho, evolução histórica, em algumas pinceladas pela História, o trabalho hoje, conceituando prazer, o prazer e o corpo humano, sua evolução histórica, em algumas pinceladas pela História, hedonismo, o prazer e a Ergonomia, o prazer da criatividade, trabalho e prazer.

O capítulo III apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do estudo, a saber: metodologia qualitativa, considerações gerais, a entrevista, a entrevista semi-estruturada, o registro da entrevista, os cuidados éticos, amostra, a análise de dados, material e método, amostra, instrumento, procedimentos.

O capítulo IV trata dos resultados e comentários.

O capítulo V ocupa-se das conclusões e recomendações.

Em seguida, o capítulo VI apresenta as referências bibliográficas e o capítulo VII, os respectivos anexos.

## CAPÍTULO II

### Revisão de Literatura

#### 2.1 O que é trabalho?

De acordo com o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete, trabalho é “... *ocupação em alguma obra ou ministério; exercício material ou intelectual para fazer ou conseguir alguma coisa. Luta, lida, esforço, labutação*”. (p.4015)

Segundo KRAWULSKI (1991), “... *esforço empreendido na consecução de um fim, o trabalho é uma atividade tão antiga quanto o empenho do homem em obter a satisfação de suas necessidades, garantindo, assim, sua sobrevivência e a da espécie*”. (p.7)

Para SÁVTCHENKO, mencionado por KRAWULSKI (1991) “... *o trabalho do homem, as suas condições e seus resultados são o objeto de estudo de diversas ciências. As ciências naturais estudam o aspecto psicológico e fisiológico do trabalho e as sociais analisam-no como um fenômeno socioeconômico*”. (p.7)

A Ergonomia, ciência antropocêntrica, visa à adaptação do trabalho ao ser humano, tanto do ponto de vista físico como psicológico.

Na linguagem cotidiana, a palavra trabalho possui muitos significados, o mais comum conotando a ação do homem para sobreviver e realizar-se.

Segundo BUENO, citado por KRAWULSKI (1991) trabalho é “... *um termo masculino que, em sua forma substantiva, quer dizer: exercício, aplicação de energia física em algum serviço, em uma profissão, ocupação, mister, ofício, labuta, esforço, esmero, cuidado, dedicação, feitura de uma obra, a própria obra já executada, livro, compêndio, escultura, pintura, aflição, sofrimento, parto*”. (p.8)

Etimologicamente, a literatura evidencia que a maioria das línguas da cultura européia apresenta mais de um significado para a palavra trabalho.

No grego, *érgon* significa ação, obra, coisa feita pelo exercício da ação, em oposição a *aergie* (inação). Já *aergein* quer dizer estar em lazer, sem nada para fazer, e *ponos* significa pena, fadiga, trabalho fatigante. Existe, então, uma palavra para fabricação, outra para esforço e uma terceira traduzindo o ócio, em oposição a trabalho.

O latim clássico distingue entre *laborare*, a ação do labor, e *operare*, que corresponde a *opus*, obra. *Laborare* significa trabalhar, laborar, executar, empenhar-se em algo, e também sofrer, padecer, estar doente, estar em dores de parto, cansar-se, fatigar-se, sucumbir.

*Opus* refere-se a obra, trabalho, mas tem, também, a conotação de penas e riscos.

O francês distingue entre *travailler* e *oeuvrer*, além de *tâche* que significa tarefa; em italiano existe *lavorare* e *operare*; e o espanhol apresenta *trabajar* e *obrar*.

No inglês existem *labour* e *work*, esta última expressando algo que se faz ou foi feito, ação, produto da ação de uma pessoa, criação, coisa feita manualmente.

Em alemão distingue-se entre *arbeit* e *werk*, sendo a última idéia de trabalho ou ação produtiva.

Em todas as línguas indo-europeias e, conseqüentemente, em suas derivadas, as palavras equivalentes a *labor* possuem conotação de dor, atribulação, esforço e cansaço, enquanto *work* ou *werk* representam criação. (ALBORNOZ, ARENDT, *apud* KRAWUSLKI, 1991)

Em português encontram-se as palavras labor e trabalho como sinônimas; no entanto, na palavra trabalho estão igualmente implicados os dois significados: a realização de uma obra expressiva, criadora e permanente, por um lado, e o esforço rotineiro, repetitivo e consumível, por outro.

Em nossa língua, a palavra trabalho originou-se do latim vulgar *tripalium*, embora seja, às vezes, associada a *trabaculum*.

*Tripalium* era um instrumento feito de três paus aguçados, com pontas de ferro, no qual os antigos agricultores batiam os cereais para processá-los.

Os dicionários, porém, registram *tripalium* apenas como instrumento de tortura, o que teria sido originalmente ou se tornado depois de seu uso na agricultura.

Associa-se, também, à palavra trabalho o verbo do latim vulgar *tripallare*, que significa justamente torturar.

Portanto, é da utilização desse instrumento como meio de tortura que a palavra trabalho significou, por muito tempo e até os dias atuais, padecimento, cativo e castigo. (ALBORNOZ, BUENO, *apud* KRAWUSLKI, 1991)

## 2.2 O conceito de trabalho

Considerado em sua mais ampla acepção, o trabalho pode ser concebido como o exercício da atividade humana, quais quer que sejam a esfera e a forma sob as quais essa atividade seja exercida. Muitos autores, ao conceituá-lo, enfatizam o fato de que também os animais, a seu modo, o realizam, mas o trabalho animal, como o das formigas ou das abelhas, é produto de comportamentos instintivos, enquanto o que caracteriza o trabalho humano é a adaptação a situações imprevistas e a fabricação de instrumentos, bem como o fato de ele ser consciente e proposital, na medida em que o resultado do processo existe previamente na imaginação do trabalhador. (BRAVERMAN, FRIEDMANN, *apud* KRAWULSKI, 1991)

### *a) Características e aspectos principais*

Como toda ação humana, o trabalho, normalmente, tem seu ponto de partida na insatisfação.

A extração, criação, produção ou transformação dele decorrentes ocorrem porque há uma privação, uma necessidade, cuja satisfação é um passo em um processo de sucessivas necessidades.

A necessidade é a mais evidente das características do trabalho, apontada pelos autores que o conceituam quase que justificando sua existência. Dentro desse entendimento, o homem trabalha porque precisa, para garantir sua sobrevivência, como afirma SÁVTCHENKO, citado por KRAWULSKI (1991): “... o trabalho é um companheiro inseparável do homem, pois ele é uma necessidade objetiva da sua vida”. (p.13)

Alguns estudiosos assinalam uma outra característica marcante do trabalho: a organização, em um quadro social, da relação do homem com a natureza.

MARX analisou vigorosamente essa relação na atividade de trabalho, pois, para ele, antes de tudo, o trabalho é um ato que se passa entre o homem e a natureza.

Para a maioria dos economistas liberais, a principal característica do trabalho, como comportamento essencialmente humano, é a sua utilidade, aspecto que se faz presente a partir do momento em que passa a ser visto como fator de produção, ao lado da natureza e do capital e, conseqüentemente, como criador de riquezas.

### *b) A influência da Igreja*

A Igreja tem-se manifestado, em seus escritos, a respeito do trabalho, ainda que nem sempre com a mesma conotação.

Na tradição judaico-cristã, o trabalho é considerado como labuta penosa, maldição à qual o homem está condenado pelo pecado, fruto de sua desobediência.

Assim, a Bíblia apresenta o trabalho como castigo e meio de expiação do pecado original, ao expressar no Gênesis: “Comerás o pão com o suor do teu rosto”.

As Santas Regras de São Bento também tiveram grande influência na concepção do trabalho, baseando-se na necessidade de salvação do homem e de sua aproximação a Deus por meio dele. É dessa maneira que os beneditinos, colocando em prática seu lema “*ora et labora*” (“reza e trabalha”), tiveram papel decisivo na reconstrução da Europa após a queda do Império Romano.

Com o advento da Reforma Protestante, o trabalho é uma vez mais fortalecido como chave da vida. Então, manter-se por meio dele é um modo de servir a Deus. As profissões passam a ser vistas como fruto de uma vocação, e o trabalho, o caminho religioso para a salvação. Para a ética do trabalho protestante de Martinho Lutero, trabalhar árdua, diligente e abnegadamente equivale a cultivar a virtude.

No século XIX, a encíclica *Rerum Novarum*, assinada pelo Papa Leão XIII, proclama o trabalho um modo de expressão direta da pessoa humana, não devendo o Estado deixá-lo à mercê do jogo automático das leis do mercado, como uma mercadoria, mas ampará-lo pelos critérios de justiça e equidade.

No entanto, à parte desses conceitos, o trabalho tem sido considerado, entre moralistas e filósofos, por uns, como um mal necessário ou uma fonte de sofrimentos; por outros, uma fonte de alegria e de prazer; e, ainda, por outros, uma necessidade imposta ao homem pela própria natureza, ou um dever imposto pela sociedade.

### *c) Objetivos do trabalho*

Além de propiciar a realização do homem como ser biológico, o trabalho traz, em seu bojo, um outro objetivo, qual seja, o de favorecer essa realização no nível espiritual-psicológico. Para o alcance desse segundo objetivo, contudo, é necessário que o trabalho seja simultaneamente meio e fim: meio, na medida em que o seu produto provê a subsistência individual e a produção social; e fim, enquanto puder proporcionar, em algum grau, a auto-realização e o crescimento dos indivíduos como seres humanos.

## 2.3 Algumas pinceladas pela História

O trabalho através da História

Segundo OLIVEIRA, citado por KRAWULSKI (1991), a história do trabalho tem início quando o homem busca os meios de satisfazer suas necessidades. Essa busca se reproduz historicamente, para que se garanta a sua sobrevivência.

A satisfação vai sendo atingida e as necessidades ampliam-se a outros homens, contribuindo, assim, para a criação das relações sociais que determinam a condição histórica do trabalho.

### *a) Pré-História: surgimento dos primeiros vestígios de trabalho e da agricultura*

O trabalho nasceu com o aparecimento do homem na Terra.

De acordo com NOUGIER, *apud* KRAWULSKI (1991), as suas formas elementares foram criadas vinte ou quinze milênios antes de nossa era, e só suas formas de execução alteraram-se e diversificaram-se, uma vez que o trabalho é próprio do homem.

Para esse autor, o passo decisivo da transição da animalidade ao homem ocorre no momento em que o australopiteco (o mais antigo tipo de *homo faber* conhecido) atrita duas pedras entre si com o objetivo de romper uma delas, fazendo-a mais afiada ou cortante.

Até mais ou menos 500.000 anos atrás, os homens continuaram vivendo em cavernas e alimentando-se dos animais e plantas que encontravam ao seu redor, em uma dependência total daquilo que a natureza oferecia. Era uma atitude meramente extrativa, característica do nomadismo, mas que já constituía uma forma de trabalho.

Se por volta do ano 10.000 aC toda, ou quase toda, a população humana do planeta ainda vivia da caça, da pesca e da coleta de frutos silvestres, a partir de 8.000 aC, aproximadamente, a caça começa a perder sua onipotência, como consequência de alterações de temperatura e condições atmosféricas, que foram tornando o clima mais temperado e úmido, o que veio a ocasionar novas ocupações e recursos.

Dessa forma, o cultivo de plantas como processo importante de trabalho começa a partir de 5.000 aC no Oriente e invade o Ocidente: entre 4.500 e 2.000 aC, uma economia agrícola desenvolve-se na região européia, estendendo-se, aos poucos, por todo o mundo.

A agricultura fixou o homem ao solo, transformando-o em sedentário, e tornou-se sua atividade fundamental, dada a necessidade de produzir alimentos que viessem a suprir o esgotamento do “estoque” natural.

Assim, a terra passou a ser o grande laboratório e a base da sociedade.

Segundo alguns historiadores, a agricultura surgiu graças às mulheres, que teriam forçado seu desenvolvimento inicial e colaborado para a superação do nomadismo dos povos caçadores, à medida que se negavam a partir em razão da maternidade e assistência à prole.

Havia a necessidade de fazer uso da natureza de forma mais efetiva. Talvez nesse momento o trabalho tenha sofrido sua primeira divisão, segundo a qual o plantio ficou sob a responsabilidade da mulher, cabendo ao homem a caça.

Essas atribuições certamente tiveram influência da mística e crenças sobrenaturais que vigoravam à época, as quais associavam a mulher ao mundo vegetal e o homem ao mundo animal.

Como ela era geradora de vidas, deveria gerar também alimentos, em uma divinização do ato de plantar. (ALBORNOZ, DURANT, NOUGIER, *apud* KRAWULSKI, 1991)

*b) Antigüidade: diversificação das atividades e ocorrência da escravidão*

A Antigüidade também esteve ligada à produção agrícola e à propriedade de terras.

Os gregos distinguiam entre o esforço do trabalho na terra, a fabricação do artesão e a atividade livre do cidadão que discutia os problemas da comunidade.

O trabalho na terra possuía valor e prestígio, pois estabelecia um elo com a divindade, que rege a fertilidade da terra e os ciclos naturais. De maneira semelhante, entre os artesãos a divisão do trabalho existia com vistas à qualidade do produto e por causa da diversidade das capacidades e dons, e não visando à produtividade.

O ideal do homem livre era antes o do usuário que o do produtor, e a questão que prevalecia era a do bom uso das coisas, e não sua transformação pelo trabalho.

Para os gregos, a distinção entre os diversos níveis do trabalho humano dava-se em um contexto social e cultural em que os espaços doméstico e público separavam-se radicalmente. Havia o espaço da casa, o *domus*, e o espaço da *poli*, a cidade, sendo que nesta última efetivava-se a democracia dos iguais, dos cidadãos livres, que decidiam pelo debate os seus negócios.

Assim, o exercício da palavra e a discussão dos problemas comuns e não o trabalho eram atividades significativas para o homem livre.

Não se pode deixar de mencionar a primazia do trabalho escravagista no campo, gerando uma grandeza metropolitana, uma vez que o universo greco-romano era centrado nas cidades.

Dessa forma, a escravidão, na Antigüidade, consistiu na tentativa de excluir o labor das condições da vida humana. Como o importante era a vida contemplativa e o culto ao belo, laborar significava ser escravizado pela necessidade, escravidão esta inerente às condições da vida humana.

*c) Idade Média: predomínio da vida rural e origens da riqueza*

A Idade Média trouxe consigo alterações em relação às épocas precedentes, especialmente no que diz respeito ao predomínio da vida rural, que lhe foi característico. Ao modo de produção escravagista, sucedeu-se o feudal, e os trabalhadores típicos passaram a ser os servos que, por não deterem a propriedade da terra, estabeleciam uma relação servil de trabalho, produzindo para si e também para todos os habitantes do feudo.

Assim, o trabalho modificou-se e, após uma longa persistência da agricultura como atividade básica, graças à importância atribuída à terra e à especificidade da mão-de-obra feudal, teve início uma diversificação do trabalho, com o surgimento ou o renascimento de novas atividades.

Então, o comércio e o artesanato fortaleceram-se, a pecuária intensificou-se e as cidades novamente floresceram, gerando novas demandas de trabalho e formação de riquezas.

Segundo HANNAH ARENDT, mencionado por KRAWULSKI, (1991), na Grécia antiga, a premência da vida tornava função natural o labor na busca de alimentos.

Um homem livre e pobre preferia a insegurança de um mercado de trabalho que mudasse diariamente a um trabalho regular e garantido, *‘por lhe restringir a liberdade de fazer o que desejasse a cada dia’*. (p.32)

Com o advento do feudalismo ocorreu a transferência das atividades humanas para a esfera privada, o que teve profundas repercussões na organização medieval do trabalho.

As repercussões apontadas foram-se estabelecendo gradativamente, com o fim do mundo antigo e a instalação do feudalismo, pois, enquanto a civilização da Antigüidade clássica representava a supremacia da cidade sobre o campo, dentro de uma economia predominantemente rural, o regime feudal que lhe sucedeu representou sua antítese, com o predomínio da vida rural.

Não se pode descrever com precisão e rigor o sistema feudal, uma vez que as condições encontradas nos lugares em que era instalado variavam muito.

Dessa forma, o próprio sistema variava de lugar para lugar.

Algumas características fundamentais do trabalho podem ser identificadas, tais como: a vassalagem, o benefício e o senhorio, além da própria estrutura geral da comunidade aldeã feudal.

Podem-se citar os seguintes aspectos do regime feudal: ruralização da sociedade, enrijecimento da hierarquia social, fragmentação do poder central, desenvolvimento das relações de dependência entre servo e senhorio, privatização da defesa, clericalização da sociedade e transformações na mentalidade vigente.

Os servos possuíam uma relação de dependência que os submetia ao seu senhor: em troca da terra para morar e cultivar, de forma a satisfazer as necessidades básicas de subsistência, eram obrigados a realizar uma determinada quantidade de tarefas para o proprietário da terra, não sendo, portanto, livres para dispor de sua força de trabalho.

Além da força de trabalho, deviam lealdade e respeito ao senhor da terra, fazendo parte, de certa maneira, dos seus domínios.

Porém, em caso de transferência da posse da terra, o servo teria outro senhor, mas permanecia em seu pedaço de terra, retratando uma segurança não desfrutada pelo escravo.

A sociedade feudal era composta de três classes: sacerdotes, guerreiros e trabalhadores.

Como se tratava de uma era religiosa, a Igreja, no seu papel de prestar ajuda espiritual por intermédio dos sacerdotes, adquiriu grande poder e equivalente riqueza em terras, o único sentido de riqueza que prevalecia na época, uma vez que a terra proporcionava todas as mercadorias de que se necessitava e constituía a classe da fortuna.

Os guerreiros eram os militares, representantes da nobreza, que se ocupavam da proteção em caso de guerras.

Os trabalhadores, por sua vez, produziam para ambas as outras classes, cultivando as terras que arrendavam e, também, a propriedade do senhor feudal, em troca de proteção espiritual e militar.

A atividade predominante nas propriedades feudais era a agricultura, na qual, utilizando-se de um sistema de rodízio de terras, produzia-se tudo o que era necessário para a vida de seus habitantes. Os feudos eram auto-suficientes, inexistindo o comércio, países ou mesmo um governo central.

Sob o ponto de vista do crescimento econômico, o regime feudal teve grande importância, haja vista os progressos alcançados, sendo o primeiro e mais fundamental a conquista da produção de um excedente agrícola, consequência do aumento da produtividade no setor em razão das inovações técnicas introduzidas.

### **2.3.1 Declínio do feudalismo: o comércio, os artesãos e o sistema de corporações**

O mundo do trabalho da Idade Média foi muito modificado pela descoberta e uso de novas fontes de energia e de novas técnicas de fabricação.

Porém, a ciência, a técnica e a indústria, que davam os primeiros passos, tinham ainda um papel subordinado à agricultura.

No entanto, os excedentes gerados pela agricultura forneceram matérias-primas básicas para a indústria artesanal, o que propicia, aos poucos, o ressurgimento do comércio e o avanço da pecuária e das indústrias têxtil e de construção.

Além do ressurgimento do comércio e da gradativa consciência dos camponeses rumo à liberdade de trabalho, também a progressiva utilização do dinheiro e a formação das cidades e da burguesia foram fatores decisivos do rompimento da velha ordem feudal.

O progresso das cidades e o uso do dinheiro possibilitaram aos artesãos abandonar o trabalho servil na agricultura e viver do seu ofício, não mais para satisfazer suas necessidades apenas, mas, também, para atender à constante demanda.

O trabalho artesanal caracterizou-se por um aspecto lúdico, na medida em que nele não se obedecia a nenhum motivo ulterior além da fabricação do produto e dos processos de sua criação.

O artesão era livre para organizar seu trabalho quanto ao plano, começo, forma, técnica e tempo.

Ao trabalhar, aprendia e desenvolvia seus conhecimentos e habilidades, que impregnavam todo seu modo de viver.

FROMM, *apud* KRAWULSKI (1991), de modo semelhante, afirma que, “... *na História do Ocidente, o artesanato, especialmente em seu desenvolvimento, durante os séculos XIII e XIV, constitui um dos clímax da evolução do trabalho criador*”. (p.38)

O trabalho artesanal não era apenas uma atividade útil; além disso, trazia em si uma profunda satisfação, pois, em sua realização, os artífices aperfeiçoavam suas potencialidades e destrezas.

A unidade industrial típica do final da Idade Média era uma pequena oficina, tendo um mestre como empregador em pequena escala, trabalhando lado a lado com seus ajudantes.

O trabalho consistia não apenas em produzir os artigos, mas, também, em comercializá-los.

As mercadorias eram feitas por artesãos profissionais, donos tanto da matéria-prima quanto das ferramentas utilizadas para trabalhá-la, os quais vendiam o produto acabado.

### *Idade Moderna: bases da Revolução Industrial.*

#### *Instalação do capitalismo e adoção do trabalho assalariado*

O ingresso na Idade Moderna ocorreu acompanhado de importantes modificações estruturais na sociedade e na economia, resultantes do intenso desenvolvimento artesanal e comercial.

A transição do feudalismo para o capitalismo teve origem na adoção do mercantilismo, que consagra a intervenção econômica do Estado na agricultura, nas manufaturas e no comércio.

A partir do século XV, a servidão deixou de ser a relação de produção dominante na Europa ocidental e, desde o século XVI, instalou-se a era capitalista, cujas principais características foram a produção de mercadorias e sua circulação intensificada por meio do comércio.

Com a ocorrência da Revolução Científica, também a ciência instituiu-se em estreita ligação com os interesses econômicos, provendo o homem dos instrumentos conceituais que o capacitaram a dominar novas fontes de energia.

Dessa época até o final da Idade Moderna, com a Revolução Francesa, o mundo ocidental vivenciou não apenas a transição do feudalismo para o capitalismo, consolidado com a Revolução Industrial.

Nesse período, pelo impacto dos acontecimentos, ocorreram também algumas das alterações mais significativas na concepção do trabalho e em suas atividades, e, principalmente, na conjuntura sócio-econômico-político-cultural, lançando as bases para o mundo contemporâneo.

### 2.3.2 A revolução industrial

De acordo com GOMEZ *et alii*, citado por KRAWULSKI (1991), a partir do século XVII, o trabalhador passou a adquirir nome e cidadania desde o seu nascimento, pois o *labor*, a forma de trabalho emergente, libertou-o do antigo *tripalium* e o colocou em um mercado de trabalho no qual irá dispor de sua força e irá comercializar com o capitalista, em troca do salário.

Segundo RIOUX, mencionado por KRAWULSKI (1991), a Revolução Industrial, ocorrida a partir do último terço do século XVIII, faria a mais profunda mutação a afetar o homem após o período neolítico.

Passa-se do trabalho manual para a máquina-ferramenta; do ateliê ou manufatura para a fábrica, e, pouco a pouco, o trabalho cotidiano, a mentalidade, a cultura, enfim, todos os setores da vida são atingidos e transformados.

FROMM *apud* KRAWULSKI (1991), afirma que mudanças significativas na atmosfera psicológica acompanharam a evolução econômica do capitalismo. Um sentimento de inquietude começou a impregnar a vida, e o trabalho foi cada vez mais se tornando o valor supremo.

O desejo de riqueza e de sucesso material tornou-se a paixão que a tudo absorvia.

No sistema de produção doméstica, o mestre artesão com seus ajudantes produziam em casa, mas dependiam do fornecimento de matéria-prima e não detinham o excedente.

Assim, o artesão empregava seu conhecimento e sua técnica de produção e com toda a sua família entregava ao negociante ou intermediário o fruto do seu trabalho.

O controle capitalista sobre o trabalho acentuou-se com a reunião dos trabalhadores em um mesmo local, o que deu início ao sistema de fábrica.

Dessa forma, o negociante e o fabricante tornaram-se distintos e a manufatura, que consistia em uma simples reunião comercial de múltiplos ateliês familiares, transformou-se em uma fábrica que empregava trabalhadores assalariados.

A manufatura gerou a proliferação da divisão técnica do trabalho e a ampliação da sua divisão social. Além disso, fez surgir uma outra divisão, entre o trabalho de produção propriamente dito e o de controle e supervisão. Se o trabalho até então consistia na execução de uma operação completa, a partir daí começa a se transformar, como no setor de produção têxtil, onde ocorrem o desaparecimento da produção baseada na cooperação e a gradual separação entre aquele e o capital.

A partir do século XVIII as jornadas de trabalho foram estendidas de 10 horas para 12, 14 ou mesmo 16 horas diárias.

Segundo HANNAH ARENDT, mencionado por KRAWULSKI (1991), durante a Idade Média raramente se trabalhava mais que a metade dos dias do ano, e o crescimento do número de horas de trabalho é típico do início da Revolução Industrial, quando os trabalhadores tiveram que competir com as máquinas recém-introduzidas.

Uma das conseqüências mais importantes da Revolução Industrial foi a adoção do trabalho assalariado, isto é, a percepção de um salário em dinheiro em troca do trabalho livre.

Para FROMM, *apud* KRAWULSKI (1991), com a introdução do trabalho assalariado, o capitalismo libertou o indivíduo da arregimentação do sistema corporativo. *“Ele se tornou o senhor de seu destino, dele era o risco e dele também o ganho. O esforço individual podia levá-lo ao sucesso e à independência econômica. O dinheiro converteu-se em grande igualador de homens e demonstrou ser mais poderoso do que o nascimento e a casta”*. (p.50)

A adoção de uma nova atitude ante o esforço e o trabalho como meta por si mesmo foi inovador: os homens passaram a ser impelidos para o trabalho, não tanto por pressão externa, mas por compulsão interna que os fazia trabalhar arduamente.

Com o colapso da estrutura medieval e o advento do modo moderno de produção, o significado e a função do trabalho modificaram-se fundamentalmente, especialmente nos países protestantes.

A liberdade recém-conquistada levou o homem a ingressar em uma atividade febril, e o trabalho, de atitude satisfatória por si mesma e agradável, tornou-se um dever e uma obsessão.

Dessa maneira, o trabalho passou a ser valorizado, porquanto significava o cumprimento do dever, das tarefas, da vocação, constituindo a própria finalidade da vida.

O fato de as atividades econômicas terem-se convertido na preocupação do homem e dado o caráter assumido pelo trabalho após a Revolução Industrial, ele se tornou gradativamente mais rotineiro e irreflexivo, à medida que o trabalhador passou a executar tarefas parcelares, limitou-se à execução e foi impedido de visualizar o trabalho ou o produto em seu conjunto.

Foi criado, assim, um contexto propício à consolidação do trabalho-mercadoria, uma simples quantidade de esforço a ser vendida pelo melhor preço obtido, o qual, por sua própria natureza, não condiz com os interesses do trabalhador e à satisfação pessoal.

Os homens são tratados como “fatores de produção” e não como seres humanos responsáveis.

O homem passou a ser visto como um componente de uma força de trabalho e viu-se transformado de indivíduo em trabalhador: o trabalho passou a ser utilizado como instrumento do valor e da dignidade humana.

Para HANNAH ARENDT, *apud* KRAWULSKI (1991), na era moderna o trabalho passou a ser glorificado como fonte de todos os valores: “... a revolução industrial substituiu todo artesanato pelo labor; o resultado foi que as coisas do mundo moderno se tornaram produtos do labor, cujo destino natural é serem consumidos, ao invés de produtos do trabalho, que se destinam a serem usados”. (p.53)

### **2.3.3 O trabalho hoje**

Após o que se convencionou denominar Revolução Industrial foram alterados o conceito, a natureza e, sobretudo, a organização do trabalho.

A partir de então, ocorreram as mais profundas transformações de que se têm registro em toda a história do trabalho, culminando com ele, nos dias atuais, configurado como atividade desenvolvida predominantemente de forma institucionalizada, mediante pagamento de salários e voltada à produtividade e obtenção de lucros, sob os auspícios da economia de mercado.

No início do século XX, com a implantação da organização científica do trabalho, os conhecimentos técnicos do saber operário foram-lhe retirados.

O controle sobre o processo de trabalho foi maximizado e, gradativamente, foram desaparecendo as outras formas de trabalho, passando a ser considerado como um simples fator de produção.

Assim, o saber fazer, típico do ser humano e fonte de seu próprio valor, progresso e realização pessoal, não tinha maior importância, tendo em vista a submissão individual do trabalhador, por causa da interdependência das tarefas que caracteriza o trabalho industrial.

Ocorreu, dessa forma, a alienação do trabalhador relativamente à concepção do processo produtivo e do produto, tarefa que deixou de lhe pertencer.

Citando MOSER, *apud* KRAWULSKI (1991), “... o sucesso da fábrica provém do fato de ela despojar o operário de qualquer controle sobre o trabalho, desde o de prescrever a natureza da tarefa quanto à quantidade a produzir”. (p.56)

Assim, as atividades a desempenhar passaram a ser determinadas por imperativos externos e não mais por deliberação pessoal dos indivíduos e de acordo com seus desejos de realização pessoal.

O trabalho passou a ser uma atividade predominantemente individual, levando o homem a uma gradual perda do senso de coletividade.

Em conseqüência da individualidade, hierarquia das tarefas e da própria passividade do trabalhador, “... *o trabalho atualmente é um meio para ganhar dinheiro e não uma atividade humana significativa em si*”. (FROMM, citado por KRAWULSKI, 1991, p.60)

O caráter alienado e insatisfatório do trabalho leva as pessoas a duas reações perante ele: por um lado, o ideal da ociosidade total e, por outro, uma hostilidade profundamente arraigada, embora, muitas vezes, inconsciente.

Assim, é o tempo destinado ao lazer, separado do tempo produtivo, após a Revolução Industrial, que exerce uma função produtiva, ou seja, a de permitir a recuperação das forças e o consumo.

O lazer é, então, a negação do próprio trabalho.

Com o trabalho parcelado, o indivíduo perde a noção do todo, do conjunto, não vê o produto acabado, bem como não se sente mais responsável pelo seu trabalho, nem se orgulha dele.

O trabalho tornou-se degradado, com a eliminação da criatividade para grande parte dos indivíduos. Ocorreu uma alteração radical do caráter do trabalho, que o tornou um processo singularmente desinteressante e sem significado, obrigando os homens a uma disciplina enervante e embrutecedora, voltada apenas ao aumento da produtividade.

Atualmente, além do provimento da subsistência, é mister fazer com que o trabalho satisfaça as necessidades psicológicas da humanidade; uma delas, a auto-realização, configura-se, acima de tudo, como uma tarefa estritamente pessoal.

As posturas encontradas denotam que as perspectivas para o mundo do trabalho em que vivemos hoje apresentam dois ângulos.

Por um lado, vislumbra-se a possibilidade de uma real diminuição do tempo de trabalho, em função do avanço tecnológico que assumiria grande parte principalmente das tarefas operacionais, proporcionando mais tempo livre a todos.

Por outro lado, postula-se uma profunda modificação na concepção de trabalho, que, uma vez concretizada, será capaz de gerar mudanças nas suas formas características, nos modos de organização e na finalidade, resgatando os aspectos prazeroso e humano que ele comportou um dia.

Nas palavras de GUERREIRO RAMOS, citado por KRAWULSKI (1991), “... *é imprescindível e válido o pressuposto de que os estatutos normativos do trabalho não se podem confundir com os estatutos normativos da vida humana em geral, embora uns e outros se relacionem*”. (p.68)

Desse modo, é facultado ao homem de hoje recuperar a dimensão subjetiva de sua existência, traçando limites entre seus objetivos pessoais e os da organização, sem perder, todavia, a dimensão da importância do trabalho na sua formação.

Trata-se, em suma, de buscar uma sincronização entre o trabalho e a realização pessoal, pautados por novos critérios de qualidade de vida.

Na busca de humanizar as relações de trabalho, a qualidade de vida deste deve estar associada tanto à satisfação dos trabalhadores quanto ao desenvolvimento da organização, considerando a expectativa de que as pessoas serão tanto mais produtivas quanto mais satisfeitas e envolvidas estiverem com o próprio trabalho.

Assim, a qualidade de vida no trabalho, tomada como uma intervenção global, que envolve toda a organização, requer, necessariamente, a formação de uma mentalidade global que acredite no limite máximo da sensibilidade, de uma atividade permanente de fazer bem feito diante da perspectiva de transformar o trabalho em prazer, incluindo-o como vetor de fortalecimento da própria felicidade. (LIMA, VIANNA, *apud* BÚRIGO, 1997)

KRAWULSKI (1991), pelo estudo da evolução do conceito de trabalho através da história, concluiu que muito lentamente ele vem perdendo a conotação de sofrimento, pois permite ao trabalhador vantagens dificilmente substituíveis no tempo livre, como identidade e autoconsciência, *status* e reconhecimento, contato com outras pessoas, satisfação das necessidades, responsabilidade pelo conteúdo de suas atividades e uso do seu tempo.

Segundo KANAANE (1995), “... *através do trabalho, o homem pode modificar seu meio e modificar-se a si mesmo, à medida que possa exercer sua capacidade criadora e atuar como co-partícipe do processo de construção das relações de trabalho e da comunidade na qual se insere*”. (p.22)

O trabalho possui um forte potencial motivacional sobre a pessoa, a organização e as outras esferas da vida. Esse potencial motivacional é traduzido fundamentalmente pelo trabalhador em gostar do que faz e em transformá-lo em fonte de satisfação e prazer.

MORAES (1992) ressalta que a relação do homem com o trabalho é, às vezes, conflituosa: ao mesmo tempo em que o trabalho é um fardo, dá sentido à vida; ao mesmo tempo em que ele oferece *status*, define a identidade pessoal e o crescimento humano.

Porém, conhecendo essa relação conflituosa com o labor, o trabalhador pode achar seu ponto de equilíbrio buscando não somente uma melhor qualidade de vida, mas, também, uma harmonia do trabalho com as outras esferas da vida.

## 2.4 Prazer

No Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de CALDAS AULETE (1964), prazer, substantivo masculino, significa “... *júbilo, alegria, contentamento; sentimento ou sensação agradável, deleite, satisfação, delícia. Boa-vontade, agrado. Distração, divertimento*”. (p.3234)

Segundo DACQUINO (1984), prazer, em sentido psíquico, é o que resulta do funcionamento equilibrado e coerente do ser humano, nos seus inúmeros aspectos, inclusive os corporais, mas, sobretudo, os psíquicos.

O prazer nasce da ausência de inibições profundas e de ansiedade injustificada.

É uma sensação global de bem-estar, que proporciona uma vida instintiva e racionalmente “sadia”, vivida na liberdade e na serenidade interior.

Resumindo, é a capacidade sempre renovada de saber adaptar-se às situações mutáveis da existência, sem cair na aflição. Quem aprendeu a se comportar assim, experimenta um autêntico “prazer de viver”.

De acordo com SCHUTZ (1974), o prazer é o sentimento que provém da realização do nosso potencial. A realização traz ao indivíduo o sentimento de que pode defrontar-se com seu meio ambiente; o sentimento de autoconfiança, de ser uma pessoa importante, competente e amável, capaz de manejar as situações à medida que surgem, de usar plenamente suas próprias capacidades e de ser livre para expressar seus sentimentos.

O prazer requer um corpo energético e vivo, auto-satisfação, relações produtivas e satisfatórias com os outros e uma relação bem-sucedida com a sociedade.

A primeira área de realização é a estrutura física. O prazer corporal não provém apenas de uma constituição atlética, mas de um corpo que funcione suave e graciosamente, sem esforço desnecessário; um corpo no qual as juntas sejam flexíveis, os músculos tonificados, em que o sangue circule vigorosamente, a respiração seja profunda e plena, o alimento bem digerido, o aparelho sexual se encontre em bom funcionamento e o sistema nervoso atuando satisfatoriamente.

O prazer também é conseqüência do pleno desenvolvimento do funcionamento pessoal. As partes do corpo podem ser treinadas, exercitadas e ativadas; os sentidos devem tornar-se mais aguçados para discriminar odores e imagens. A força e o vigor musculares podem ser aumentados. A percepção e a apreciação sensoriais devem ser despertados de modo a que possa ser desenvolvida uma maior sensibilidade às manifestações corporais e aos fatos naturais. O controle motor pode ser cultivado de modo a resultar no desenvolvimento de habilidades mecânicas e artísticas e em uma melhor coordenação e destreza.

O prazer surge quando alguém realiza seu potencial para o sentimento, para a liberdade e abertura internas, para a expressão total de si mesmo, para poder fazer tudo aquilo de que é capaz, e para estabelecer relações satisfatórias com os outros e com a sociedade.

Quanto mais habilidades forem desenvolvidas e usadas por um indivíduo, mais prazer ele sentirá. A fonte máxima do prazer é a realização e emprego de todos os recursos; o fracasso no uso deles leva, conseqüentemente, a uma ausência de prazer.

PRADO (1998) conceitua prazer da seguinte forma: “... *é aquela sensação que temos quando algo nos acontece, ou que fazemos acontecer, que concorda com o nosso ser naquele momento*”. (p.36)

De maneira inversa, “... *desprazer e dor são sensações que temos quando algo acontece, ou que fazemos acontecer, que discorda do nosso ser naquele momento*”. (p.37)

Assim, um prazer de agora, poderá não o ser daqui a pouco, e até ser algo desprazeroso no futuro, podendo o prazer ser temporário ou não.

#### *Como o nosso cérebro processa o prazer:*

De acordo com PRADO (1998), baseado em informações biológicas do prof. Esper Cavalheiro, vice-reitor da Faculdade Federal de Medicina de São Paulo, “... *a endorfina (endor - em grego, próprio, mais fina, de morfina) entra em produção com a sensação de prazer, depois cria um círculo vicioso que aguça ainda mais as atividades mentais nos processos ligados ao prazer*”. (p.41)

Nas palavras do prof. Esper: “... o nosso cérebro cria o seu próprio ‘barato’, produzindo a sua morfina pura, nas doses certas, e sem efeitos colaterais”. (p.41)

Por outro lado, a adrenalina, substância autofabricada pelos animais para mobilizar seus recursos para agir para poder enfrentar perigos repentinos em frações de segundos, se utilizada em excesso é a causa da doença do século XX: o estresse.

Fisicamente, a adrenalina faz ultrapassar limites e, mentalmente, dota de uma clareza extraordinária para poder decidir se fugir ou lutar, e como fugir ou lutar.

Normalmente a adrenalina age energizando, aumentando a tensão muscular, a pressão sanguínea e os batimentos cardíacos, o que, sem exageros, é natural e saudável.

De outra parte, a endorfina age para contrabalançar a excitação provocada pela adrenalina.

Ela relaxa, faz baixar a pressão, os batimentos do coração e diminui a tensão muscular. É responsável, também, pelas atividades do sistema imunológico, protegendo de doenças.

O ideal é a utilização dessas substâncias com equilíbrio: adrenalina para tirar o ser humano da letargia e prepará-lo para a ação, e a endorfina para o seu relaxamento e aproveitamento daquilo que a ação colocou ao seu alcance.

Em suas pesquisas PRADO (1998), estabeleceu uma relação de igualdade entre a sensação de prazer da criação, do prazer do encontro de uma solução, seja por intermédio de pesquisa própria ou de outra pessoa, e, ainda, do prazer do aprendizado, decorrente da conscientização de que algo foi aprendido.

Dessa forma, estas três situações têm a mesma raiz, porquanto “... no que concerne ao cérebro de cada um, todo aprendizado é o encontro de uma solução, uma criação, que resulta numa certa forma de orgasmo”. (p.42)

O prazer é a mãe das motivações, é o elemento básico para o aprendizado, pois não se aprende aquilo para o que não se está motivado e a maior motivação é a do prazer, o prazer de saber mais sobre aquilo em que temos prazer de atuar.

#### **2.4.1 O prazer e o corpo humano**

O comportamento é uma função de todo o sistema nervoso e não de uma parte em particular.

No entanto, a maior parte dos aspectos involuntários do comportamento é controlada pelo sistema límbico.

Segundo GUYTON (1982), muito provavelmente a parte mais importante do sistema límbico, do ponto de vista comportamental, seja o hipotálamo.

Muitas das regiões circundantes do sistema límbico, incluindo, especialmente, o hipocampo, a amígdala e o tálamo, transmitem grande parte de seus sinais eferentes para o hipotálamo, objetivando causar efeitos variados no corpo, tais como o de estimulação do sistema nervoso autonômico ou de participação em sentimentos como os de dor, de prazer, ou em sensações relacionadas à fome, ao sexo, à raiva.

Uma das descobertas de grande importância no campo do comportamento é o chamado sistema de “prazer e dor” ou de “recompensa e castigo” do encéfalo.

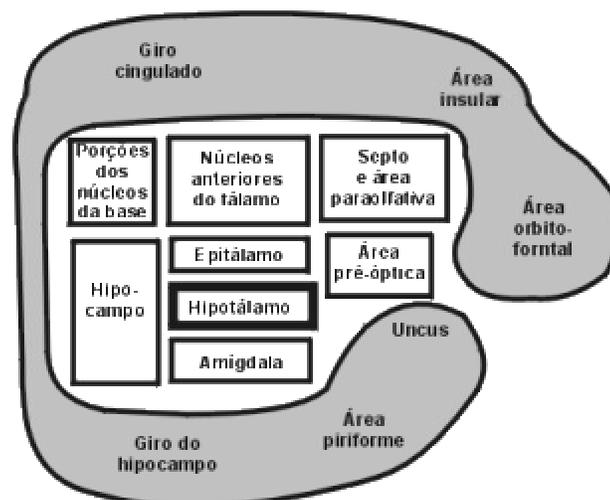
Em experiências com macacos, certas áreas do mesencéfalo, do hipotálamo e de outras intimamente associadas a elas, quando estimuladas, fazem com que os animais sintam como se estivessem sendo intensamente castigados, experimentando dor muito forte.

Entretanto, a estimulação de áreas próximas produz efeito oposto, fazendo com que os animais experimentem prazer extremo.

Dessa forma, a estimulação aplicada a algumas áreas pode causar dor intensa e sentimentos de punição; a outras áreas, pelo contrário, prazer e recompensa.

A estimulação aplicada às outras áreas do sistema límbico pode causar excitabilidade exacerbada, desenvolvimento de enraivecimento, postura agressiva e outras respostas comportamentais.

Por outro lado, outras regiões produzem respostas opostas tais como: docilidade extrema, mansidão e, até mesmo, amor.



**O sistema límbico**

## 2.4.2 Algumas pinceladas pela História

EPICURO faz do prazer o objetivo da vida, mas o conceito que ele apresenta lembra mais uma suave felicidade, uma harmonia afastada de todo traumatismo:

*“O limite quantitativo dos prazeres é uma supressão do sofrimento. Onde há prazer, enquanto há prazer, não há dor, nem sofrimento”* ( Doutrinas Principais, 111).

*“Insuportável felicidade é a supressão total do sofrimento”* ( Fragmentos, 60).

EPICURO nos diz, também, que o bem-estar do corpo é um pré-requisito para o bom funcionamento da mente:

*“O maior fruto do prazer é a liberdade”*.

A disciplina de todos permite a fruição do prazer por parte de cada um: *“O direito natural não é outra coisa senão o pacto de utilidade cujo objeto é que não nos prejudiquemos reciprocamente, a fim de não sermos prejudicados. Cada um, protegendo-se contra o outro protege este outro”*. (EPICURO *apud* LEPARGNEUR, 1985, p.18)

Assim, o prazer grego, em sentido amplo, é a ordem social no que diz respeito ao indivíduo; a justiça é a mesma realidade voltada para o outro.

SÊNECA *apud* LEPARGNEUR (1985), compara o prazer à flor que aparece espontaneamente em uma roça cultivada com verduras. *“Igualmente, o prazer não é o salário nem o móvel da virtude, mas seu acessório; não é porque ele dá prazer que procuramos a virtude, mas porque se gosta dela que ela dá prazer”*. ( p.18)

A felicidade não exclui o prazer e não se equipara à beatitude divina.

Segundo SÊNECA *apud* LEPARGNEUR (1985), os gregos viam nela *“... o sinal duma completa realização de nossa natureza. Um grego, qualquer que seja a sua concepção sobre a essência da moralidade, não vê outro fim último para a atividade que não seja a obtenção e a conservação da felicidade. À medida que se desenvolve a noção de responsabilidade moral da pessoa, a felicidade de que se trata é menos uma felicidade outorgada do que um estado merecido”*. (p.18)

A moral de Aristóteles visa também à felicidade do “bem agir” e de seu sujeito: agir bem-sucedido (não moral de pura intenção), desabrochar.

Distingue oportunamente a vida sensual (visando ao puro prazer), a vida política (visando a governar com sabedoria, grau intermediário de felicidade) e a vida contemplativa (que chega a unir-se à impassibilidade do Uno, reservado à uma pequena elite).

Mas, cada ser humano, agindo conforme seus dons, pode e deve atingir a felicidade que lhe cabe, sábia administração dos prazeres desta vida.

LÉON ROBIN (1970) declara que: “... os erros sobre a qualidade do prazer não provam que ele não seja o elemento divino que secretamente reside em todas as coisas. Se os prazeres da devassidão não fossem prejudiciais à saúde, nada haveria a dizer contra eles”. (p.63)

Anunciando aquilo que MICHEL FOUCAULT *apud* LEPARGNEUR (1985), confirma para a Antigüidade: “Para Aristóteles, em suma, o problema moral é essencialmente o problema do bom uso dos prazeres e das dores”. (p. 19)

“A vida do homem honesto não tem necessidade do prazer como de um acréscimo (ou acessório), mas possui, em si mesma, o prazer”. (LEPARGNEUR, 1985, p.19) Esse refrão de Aristóteles censura a busca do prazer pelo prazer. Sem dúvida, aproxima prazer e felicidade, elevando o primeiro e conferindo realismo ao segundo conceito.

Não concorda como Filebo de Platão na sua defesa do prazer como bem supremo.

“Não há dúvida de que o maior prazer está ligado ao exercício perfeito de qualquer função ...”, observou LÉON ROBIN. (1970, p.63)

Antecipando sobre o pensamento cristão e medieval, é importante completar o posicionamento ético de Aristóteles sobre o prazer com seu maior e melhor comentarista da Idade Média, Tomás de Aquino.

São Tomás não aceitou a idéia de que toda paixão é nefasta: seu propósito de reconciliar o mais possível natureza e graça, como sendo dons do mesmo Deus criador é de suma importância para entendermos sua moral e sua posição diante do prazer.

Tomás volta à dinâmica aristotélica do desejo-motor: as paixões merecem o nome de doença, quando se subtraem ao governo da razão.

O amor é uma paixão, pai do desejo, sendo a reação da mente ante o objeto desejável, cuja obtenção propicia contentamento e prazer.

Assim, o prazer é uma paixão. Nasce da nossa conjugação com um bem que nos convém; seu valor moral não pode ser determinado *a priori*.

No entanto, somente Deus pode satisfazer o apetite humano de beatitude: o prazer é apenas um baliza, nada desprezível.

Outras frases de São Tomás de Aquino *apud* LEPARGNEUR (1985): “Ninguém pode viver sem usufruir algumas satisfações sensíveis e corporais”; “... sem recolher algumas satisfações em suas atividades virtuosas, os homens não perseveram”.

*“O remédio à fadiga da alma, como à do corpo, é o repouso. Repouso da alma é o prazer. É mister, portanto, remediar a sua fadiga concedendo-lhe alguns prazeres que fazem cair a tensão do espírito.”* (p. 35)

*A Bíblia e o prazer*

A Bíblia fala em felicidade, chamada pela bênção dos patriarcas e que leva à beatitude do Novo Testamento.

Entretanto, relata os prazeres da vida diária, da alimentação, do vinho, das oliveiras, do trabalho bem feito, da posse de rebanhos e outros bens, até das batalhas ganhas.

Iavé, soberanamente feliz, é fonte de felicidade da criatura, por meios das bênçãos, benefícios e dons.

O Éden é a mítica projeção do prazer sem pecado em um jardim fechado, do qual devem sair aqueles que acederam ao conhecimento do bem e do mal, isto é, do prazer permitido e do prazer proibido.

Mas, fora do Éden, transgressão merece sanção (culpabilidade atrai o contraprazer): o trabalho penoso do homem, o parto doloroso da mulher, a luta pela sobrevivência no seio de uma natureza não tão amiga quanto antes.

Na Bíblia vemos reprovação ao pecado como ofensa à divindade, não uma condenação do prazer por ser prazer.

No Novo Testamento, nítida desconfiança aparece diante da riqueza ou do prazer que pode alienar, abafar a semente da Palavra divina, tornar escravo, desviar os ricos, desonrar o ser humano.

PIERRE VASSEROT, *apud* LEPARGNEUR (1985), conclui: *“A fragilidade do prazer é necessária para que tenhamos acesso à alegria plena; mas a espessura do prazer nos é necessária para que esta alegria seja real e não imaginária, eficaz e não alienante.*

*O prazer, que é élan dado ao homem para introduzi-lo na alegria, é a comida que o assiste na caminhada para a alegria”.* (p.23)

GEORGES DUBY (1981) comenta: *“Na Igreja primitiva que se formava no seio da cultura helenística, a tendência ascética acentuou-se, primeiro sob influência dos ritos sacrificiais em uso em outras seitas.*

*Desde que a celebração eucarística foi pensada como sacrifício, afirmou-se a necessidade para os participantes de purificações ...”.* (p.30)

Dessa forma, deveria haver abstenção do prazer, pelo jejum e continência, antes da celebração dos ritos e das festas.

ANDERS NYGREN *apud* LEPARGNEUR (1985), analisa a translação do centro da moral:

*“O sentido do problema moral modificou-se no decorrer da História. A maioria das questões que os antigos consideravam de ordem ética, nos parecem fora dela. Ao inverso, a moral antiga não reservava lugar algum para aquilo que está, para nós, no centro da ética. Esta incrível mudança é imputável, antes de tudo, à influência moral do Cristianismo ... A moral antiga era individualista... dominada pelo problema da felicidade. Os hedonistas afirmam que a felicidade é o prazer do momento; Aristóteles disse que é atividade e progresso moral; os estóicos, que ela é autonomia e independência em relação aos bens exteriores. A maneira de colocar a questão é idêntica, apesar da diversidade das respostas. Esse é o problema que o Cristianismo transformou radicalmente. Fez da coletividade o ponto de partida da reflexão moral”.* (p.25)

Na Idade Média todo e qualquer tipo de prazer era considerado pecado.

Entretanto, o autor medieval que mais contribuiu, com lucidez e excepcional coragem, para se contrapor à corrente pessimista no tocante ao prazer foi um professor da Universidade de Paris, MARTIN LE MAISTRE (1432-1481) *apud* LEPARGNEUR (1985), que escreveu o seguinte: *“Alguém pode procurar o prazer, primeiro por amor ao próprio prazer, e depois para evitar de se aborrecer e cair na melancolia causada pela falta de satisfação”.*

O autor evoca Aristóteles que permite o prazer quando *“... ajuda a saúde e a boa condição do corpo e da mente”.* (p.36)

Dessa forma, segundo LE MAISTRE, *apud* LEPARGNEUR (1985), o prazer *“... pode ser vivenciado para um fim honesto e portanto, para Deus”.* (p.36)

Após esse período, muitas correntes surgiram, umas mais e outras menos rigoristas.

O catolicismo do século XIX foi rigoroso; porém, o liberalismo do fim do século foi muito mal visto.

A corrente que faz do prazer o eixo da vida humana e de sua moralidade chama-se hedonismo ou, evoluído, eudemonismo: após ter dominado o pensamento grego primitivo, reapareceu com maior firmeza com o pragmatismo e utilitarismo anglo-saxão.

A procura dos prazeres sempre foi objeto de maduras reflexões para otimizar as estratégias, melhorar os resultados.

Tanto Tomás de Aquino quanto Freud admitem que o ser humano age motivado por um bem que atrai sua afetividade; confirmam Aristóteles que considera a atividade certa e o prazer unidos “em uma dupla indissolúvel.”

Nesse movimento de afetividade e desejo (coroado pelo amor e pela caridade), o sujeito sai de si para encontrar o outro, ao passo que no ato de conhecimento o sujeito absorve o outro em si mesmo pela representação, o conceito ou o juízo.

### *Hedonismo*

A ambigüidade do conceito de prazer permitiu agrupar, sob a denominação geral de “hedonismo”, várias linhas filosóficas claramente distintas.

Segundo a NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA (1997), “*Hedonismo é definido como a doutrina que considera o prazer (hedoné em grego) o objetivo supremo da vida*”. (p.336)

Surgiu muito cedo na história da filosofia, em duas modalidades: a primeira considera o prazer como critério das ações humanas; a segunda toma o prazer como único valor supremo.

### *Manifestações históricas*

O primeiro pensador que formulou uma tese explicitamente hedonista foi Eudoxo de Cnido, no início do século IV aC; considerava o prazer o bem supremo de todos os seres. Fundada na mesma época por Aristipo de Cirene, a escola cirenaica manifestou-se de maneira semelhante.

Aristipo entendia por prazer uma qualidade positiva, uma forma de satisfação tranqüila regida pelos sentidos. Considerava o prazer como algo fugaz e que o homem deveria desfrutar do presente, pois só o presente pertence a ele realmente.

A escola de Epicuro propunha um prazer moderado, único capaz de evitar a dor.

Assim, o prazer epicurista quase que se confundia com a indiferença à dor.

Em Aristóteles, o fim último das ações humanas era a felicidade, em geral, sinônimo mais vago e impreciso de prazer.

Como fundamento do comportamento humano, o hedonismo sempre esteve presente na história do pensamento. Foi incorporado à filosofia dos empiristas britânicos Thomas Hobbes, John Locke e David Hume.

O britânico Jeremy Bentham, criador do hedonismo moderno ou utilitarismo, foi mais radical e pregou a “maior felicidade para o maior número”.

Dessa forma, enquanto as teorias hedonistas antigas olhavam o prazer do indivíduo, as modernas baseiam-se em uma concepção mais ampla de prazer ou felicidade. Em primeiro lugar está o prazer ou o bem-estar da comunidade.

Assim, o hedonismo moderno deixa de fazer parte de uma ética individual ou egoísta para integrar-se em uma ética social.

### *Tipos de hedonismo*

Existem, basicamente, duas formas de hedonismo - o ético e o psicológico. Segundo RICHARD B. BRANDT, *apud* NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA (1997), um dos filósofos modernos que mais se dedicaram ao hedonismo ético, “... *uma coisa é intrinsecamente desejável (ou indesejável) se e somente se, e na medida que, é prazerosa (ou não prazerosa)*”. (p. 336)

Quanto ao hedonismo psicológico, existem várias doutrinas classificadas de acordo com a determinação temporal do prazer.

A teoria do prazer dos fins ou “hedonismo psicológico do futuro” sustenta que o prazer pessoal é o objetivo final de um indivíduo.

Bentham, representante desse tipo de hedonismo, afirmou que todo homem sente-se inclinado a perseguir a linha de conduta que, acredita, o levará à máxima felicidade.

O chamado “hedonismo psicológico do presente”, baseado na motivação prazerosa por meio do pensamento, considera que um indivíduo sente-se motivado a produzir um determinado estado de coisas se o fato de pensar nelas for prazeroso.

O “hedonismo psicológico do passado” defende que a intensidade do interesse de uma pessoa por um tipo de acontecimento é resultado de satisfações passadas. (NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA, 1997)

Na mitologia grega o deus do prazer, Dionísio, é o próprio exemplo da liberdade, da busca de prazer e de satisfação na vida.

Dionísio é aquele arquétipo que sugere alegria, êxtase, entusiasmo, instinto natural, o apaixonado que tem coragem de ir em busca de outros caminhos, de possibilitar-se a liberdade. É o adolescente na vida, é o curinga, o viajante; em certas representações, ele é o “louco”, porquanto foge ao padrão “normal”, quando não se deixa prender por amarras culturais que o impeçam de buscar o que melhor lhe faz ser feliz e ter prazer. (PATRÍCIO, *apud* DIMATOS, SILVA & PATRÍCIO, 1999)

Vem de Dionísio a inspiração vivificadora das capacidades humanas, da autoconfiança, da sensação heróica de poder viver e trabalhar com alegria, contrariando a angústia e o sacrifício revivido diariamente no eterno sofrimento de Prometeu. (RAMOS, *apud* DIMATOS, SILVA & PATRÍCIO, 1999)

### 2.4.3 O prazer e a Ergonomia

DEJOURS (1994) postula: “... *costuma-se separar a carga de trabalho em dois setores: a carga física de um lado, a carga mental de outro. ... Proponho, para a carga mental, separar essas duas ordens de fenômenos e reservar aos elementos afetivos e relacionais um referencial específico: o da carga psíquica do trabalho*”. (p.22)

Em seguida, o autor afirma, baseado em estudos de MONOD, LILLE (1976), que a noção de carga em ergonomia é, geralmente, associada à preocupação de quantificação e objetividade.

Entretanto, considerando a carga psíquica, não é possível quantificar uma vivência, que é, antes, de tudo, qualitativa.

Assim, o prazer, a satisfação, a frustração, a agressividade não podem ser medidas por números, pois têm um caráter subjetivo.

DEJOURS divide a carga psíquica em positiva e negativa, salientando que, se um trabalho permite a diminuição da carga psíquica, ele é equilibrante.

Por outro lado, se ele se opõe a essa diminuição, é fatigante.

Nesse tipo de trabalho a energia psíquica acumula-se, tornando-se fonte de tensão e desprazer, a carga psíquica cresce até que aparecem a fadiga e a patologia.

Inversamente, o trabalho equilibrante, ou seja, um trabalho escolhido livremente ou organizado livremente, oferece, na maioria das vezes, vias de descarga mais adaptadas às necessidades: o trabalho torna-se um “meio de relaxamento”, a tal ponto que uma vez a tarefa terminada, o trabalhador sente-se melhor que antes de tê-la começado. Como exemplo, é o trabalho do artista, do pesquisador, do cirurgião, quando estão satisfeitos com seu trabalho.

Postula-se, então, a existência de uma carga psíquica negativa do trabalho, ou de uma “descarga psíquica” de trabalho.

Nas palavras de DEJOURS (1994),

*“... para transformar um trabalho fatigante em um trabalho equilibrante precisa-se flexibilizar a organização do trabalho, de modo a deixar maior liberdade ao trabalhador para rearranjar seu modo operatório e para encontrar os gestos que são capazes de lhe fornecer prazer, isto é, uma expansão ou uma diminuição de sua carga psíquica de trabalho. Na falta de poder assim liberalizar a organização do trabalho, precisa-se resolver encarar uma reorientação profissional que leve em conta as aptidões do trabalhador, as necessidades de sua economia psicossomática, não de certas aptidões somente, mas de todas, se possível, pois o pleno emprego das aptidões psicomotoras, psicossensoriais e psíquicas parece ser uma condição de prazer no trabalho”*. (p.31 e 32)

#### 2.4.4 O prazer da criatividade

Segundo D'ACQUINO (1992), *“... o que caracteriza o homem não é apenas a razão, mas também a capacidade de superá-la, mediante a criatividade. De fato, criar é ir além dos limites do racional, ou pelo menos, do comum; é sair do isolamento de si, para ir ao encontro do outro; é entrar no futuro, na eternidade. Por isso, pode-se falar de criatividade, no campo da arte ou da pesquisa científica”*. (p.92)

Conforme o mesmo autor, a criatividade está ligada à camada mais profunda do ser humano.

Baseia-se em uma atividade do inconsciente com a participação do consciente.

Assim, a criatividade é a ativação de pulsões eróticas sublimadas, que levam o ser humano a ir além das respostas costumeiras e comuns, efetuando algo insólito.

De acordo com o autor citado, *“... o Eros não é somente uma pulsão humanizante, enquanto portador do amplo leque afetivo. É também um impulso interior que estimula a fugir dos estereótipos e dos convencionalismos do consciente, inventando novos esquemas fantásticos e possibilitando exprimir, sob a forma de símbolos, autênticos conteúdos inconscientes”*. (p.92)

A pessoa criativa vive a própria realidade interior e exterior, reagindo a ela, de maneira peculiar, enquanto elabora pulsões e informações de forma diferente daquela outra, não criativa.

Assim, é artista quem, vivendo intensamente uma emoção, consegue exprimi-la concretamente, a fim de manifestá-la e transmiti-la aos outros.

Quando o Eros consegue um certo nível de sublimação, estimula a pessoa a um processo criativo. Para que isso aconteça é necessário que o consciente esteja aberto aos impulsos do inconsciente.

As manifestações da criatividade são multiformes por causa das diferenças existentes sob o aspecto qualitativo e quantitativo da vocação criativa. (D'ACQUINO, 1984)

Assim, deve-se levar em conta não somente os componentes conscientes, mas também, o nível de motivações inconscientes e conscientes.

A criatividade não é um atributo peculiar de poucos indivíduos excepcionais; está presente em todos. O que os distingue é o grau de intensidade com que a manifestam.

Por fazer parte de todo ser humano, a criatividade necessita ser individualizada e incentivada.

De acordo com estudos de PRADO (1998) sobre criatividade chegou-se à conclusão que: “... *todo ato criativo, toda nova idéia somente acontecia quando a atividade envolvida era prazerosa*”. (p.13)

A criatividade é consequência que aparece quando uma pessoa atinge um alto nível de prazer em uma determinada atividade.

Isso se deve ao fato de que, para gerar algo novo, nosso cérebro necessita de um banco de dados e o respectivo domínio sobre ele, adquirido por meio de vários e constantes aprendizados.

E o aprendizado está ligado ao prazer naquela atividade.

É preciso o domínio sobre o assunto para que se possa ter uma visão abrangente e divagar, e que dessa divagação nasça algo de novo.

Além disso, a fagulha intuitiva é de fundamental importância para a criatividade.

Quanto maior o domínio, maiores são as possibilidades de uma nova conexão de idéias, aquela percepção fora do tradicional que caracteriza uma criação.

A criatividade manifesta-se também fora da produção de uma obra de arte ou de uma invenção científica, uma vez que criativo é todo pensamento e toda ação que sublimam a pessoa, afastando-a dos instintos arcaicos e tornando-a mais humana.

Até mesmo o trabalho pode ser um meio de gratificação criativa. A arte é formulação fantástica; o trabalho é real, entretanto, todos têm, em comum, a tendência para a ordem, a harmonia, a beleza, mediante o aperfeiçoamento dos meios expressivos.

Segundo D'ACQUINO (1984), o artesão que cria um lindo objeto, ou o camponês que cultiva um bom produto agrícola, são protagonistas do próprio trabalho, não executores passivos; eles transmitem ao que produzem sua realidade interior, sua personalidade.

Além de trabalhar com os braços, trabalham com a mente (e, por isso, também com criatividade).

Confirmando o autor citado, a pessoa que pode ver seu esforço transformado em algo concreto ou um benefício direto, ou seja, pode ver o produto final, decorrente de seu trabalho, possui maior criatividade, uma vez que sente maior prazer ao realizar sua atividade profissional.

O mundo industrializado que, muitas vezes, não respeita as necessidades psicológicas do trabalhador, alienando-lhe a personalidade com trabalhos extremamente repetitivos, os quais dispensam seu esforço mental, conseqüentemente impede que venham à tona seus estímulos criativos.

Aquilo que se produz é determinado por precisas instruções de outrem, sem que o trabalhador tenha uma participação direta. Isso dá margem ao automatismo, à frustração, falta de motivação, desadaptações, despersonalizações, seguidas, também, de descompensações neuróticas (psicossomatismos).

De acordo com D'ACQUINO (1984):

*“... relacionar-se com os outros pode fomentar ou frear a criatividade. O amor quase sempre a aumenta, pois produz entusiasmo, euforia, dinamismo, hiperatividade. Justamente porque cada um de nós possui, no inconsciente, uma “potencialidade criativa” própria, o amor entendido como dimensão lúdica, como momento de fantasia, como relacionamento dinâmico e fecundo, é um reflexo e uma manifestação fundamental dessa mesma potencialidade. Quem ama, cria não apenas porque procria (ou seja, cria a vida), mas sobretudo porque, na comunhão afetiva, produzem-se interações de maior humanidade. De fato, ao harmonizar dois inconscientes, o amor multiplica a criatividade, resultando disto muito mais que o nascimento biológico dos filhos. Afinal, qualquer tipo de amor contribui para estimular a criatividade, dado que todo ato de amor é criativo. Somente o ódio não cria, antes destrói.*

*Não temos experiência da morte física, mas conhecemos bem a psíquica, que consiste em perder a esperança, o amor, nutrir-se só de ódio, perdendo toda criatividade para o bem. O dinheiro, o sucesso, o poder, a ‘inteligência aliada ao silício’, representada pelas calculadoras, são apenas paliativos, quando um indivíduo perdeu a capacidade de criar. A pior desgraça que pode advir à humanidade é um mundo sem artistas”.* (p.111 e 112)

A improvisação é uma forma de expressão da criatividade.

NACHMANOVITCH (1993) comenta:

*“Num certo sentido, toda arte é improvisação. Algumas improvisações são apresentadas no momento em que nascem, inteiras e de repente, outras são ‘improvisações estudadas’, revisadas e reestruturadas durante certo tempo antes que o público possa desfrutá-las.*

*Mesmo quando escreve música o compositor está improvisando (ainda que apenas mentalmente). Só depois ele vai refinar o produto de sua improvisação, aplicando a ele técnica e teoria. ‘Compor’, escreveu Arnold Schoenberg, ‘é retardar a improvisação; muitas vezes não se consegue escrever numa velocidade capaz de acompanhar a corrente de idéias.’ Obras de arte acabadas, que admiramos e amamos profundamente, são, num certo sentido, vestígios de uma viagem que começou e acabou. O que alcançamos na improvisação é a sensação da própria viagem”.* (p.19)

Dessa forma, o essencial da improvisação é a livre expressão da consciência quando desenha, escreve, pinta ou toca o material bruto que emerge do inconsciente.

Conta-se que um dos alunos de Bach perguntou-lhe: *“Professor, como é que o senhor consegue pensar em tantas melodias?”* E Bach respondeu-lhe: *“Meu garoto, minha maior dificuldade é evitar tropeçar nelas quando me levanto pela manhã”.* (NACHMANOVITCH, 1993, p.17)

Existe, também, a famosa teoria de Michelangelo sobre a escultura: a estátua já está contida na pedra, sempre esteve na pedra desde o princípio dos tempos, e o trabalho do escultor é vê-la e libertá-la, retirando, cuidadosamente, o excesso de material. (NACHMANOVITCH, 1993)

A literatura sobre a criatividade fala de experiências de ruptura, de *insight*, alguma coisa imprevisível salta de dentro do ser, desbloqueado de algum impedimento ou medo, remetendo à sensação de clareza, poder e liberdade.

Tudo isso gera um incrível prazer e uma enorme alegria. É um prazer, segundo NACHMANOVITCH (1993), que “não se iguala a nada neste mundo”.

E continua: “*O processo criativo é um caminho espiritual. E essa aventura fala de nós, de nosso ser mais profundo, do criador que existe em cada um de nós, da originalidade, que não significa o que todos nós sabemos, mas que é plena e originalmente nós*”. (p.24)

#### **2.4.5 Trabalho e prazer**

S. FREUD, citado por NUNES (1998), definiu trabalho e prazer como princípios arquetípicos, contraditórios entre si, fundando uma dualidade analítica que marcou toda a tradição recente de articulação entre esses tópicos.

Para este autor, princípio do trabalho é o princípio da realidade, ou seja, a necessidade ontológica imperativa do homem em prover sua existência material e dela produzir a cultura e a civilização.

De acordo com a palestra de NUNES (1998): “... *este princípio da realidade, consubstanciado na organização do mundo do trabalho e das determinações da sociedade, seria o oposto ao mundo marcado pelo princípio do prazer, determinante de uma origem primordial definida em termos de plenitude e realização erótica, libidinosa, sem sanções e coerções sociais*”.

Assim, segundo FREUD a natureza prazerosa do homem teria sido superada pela natureza da realidade civilizatória, fundamentada em sanções e representações religiosas e morais, abrangendo o controle da sexualidade (produção de sentidos) e a organização do mundo material produtivo. O trabalho seria a negação do prazer.

Para MARCUSE *apud* NUNES (1988), em sua obra “A Ideologia da Sociedade Industrial”, a sociedade erigiu o mundo do trabalho alienado, sufocando a potencialidade erótica e criadora do trabalho. Busca explicar na história social a dissociação entre o trabalho que realiza o ser humano, ao transformar a natureza, e o trabalho alienado por força das expressões históricas e políticas das contradições da sociedade de classes.

Assim, o homem é trabalho, é capacidade criadora e inovadora, que ‘extrojeta’ do que faz a plenitude do que ele é.

Entretanto, no decorrer da organização das forças produtivas e em consequência de processos econômicos e políticos, o trabalho deixou de ter sua característica reveladora, tornando-se o algoz das pessoas, apropriado por construções sociais expropriadoras e exploradoras. O trabalho, segundo a conferência de NUNES (1998), “... já não representa o homem, fetichiza-se na mercadoria e reifica-se o homem, clivado de si, que não se reconhece nos produtos que sua ação erige e faz existir”.

De acordo com o mesmo autor: “... o trabalho na sociedade atual continua a ser o grande catalisador de energias humanas a mobilizar nosso potencial criativo, erótico, afetivo e intelectual em favor do processo mecânico de viabilização material da sobrevivência”.

A exploração dessas potencialidades qualitativas pelo universo do trabalho cria, em geral, uma variedade de relação quantitativa do homem com a sua sexualidade na mesma proporção de sua perspectiva de relação com a produção material de sua sobrevivência.

O esforço do ser humano em busca do prazer é o grande articulador das ações humanas.

A recriação contínua e dinâmica produzida pelo trabalho no mundo do homem, e em muitos casos pelo homem no trabalho, repercute na vivência e significação de sua sexualidade e na sua atitude ante a busca do prazer. De outra parte, a intervenção da sexualidade e do prazer é importante na composição do sentido do trabalho na vida do ser humano.

Desde os tempos mais remotos da existência do homem pode-se perceber a multiplicidade de sentidos que as tarefas entendidas de alguma forma como trabalho têm apresentado.

Essas formas de entendimento têm dependido da cultura e do momento histórico-político de cada época.

Muitos estudiosos preocuparam-se em definir o que seria o trabalho na perspectiva humana, além de buscar entendê-lo como necessidade social, moral e econômica.

KARL MARX em “O Capital” assim define trabalho: “... *é a condição indispensável da existência do homem, uma necessidade eterna, o mediador da circulação material entre o homem e a natureza*”. (palestra de NUNES, 1998)

De acordo com a conferência de NUNES (1998), “... *a Sexualidade sofre influências estruturais, ao mesmo tempo que repercute as relações do homem com o trabalho este envolvimento mútuo alia o prazer como fator e ao mesmo tempo o efeito destas duas dimensões primeiras*”.

A sexualidade é aqui entendida como conjunto das atividades humanas em geral e que possuem diferentes formas e significações.

Dessa forma, a sexualidade está sempre aberta a novas significações, novas experiências de sentido, apresentando-se, potencialmente, como o critério de percepção da dimensão do trabalho e da concepção da relação deste com o prazer.

## CAPÍTULO III

### Metodologia Qualitativa

#### 3.1 Considerações gerais

MARTINS e BICUDO, *apud* MARTINS (1998), explicam que, diferentemente da pesquisa quantitativa, a qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda; não se preocupa com generalizações, princípios e leis. O foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, buscando mais a compreensão do que a explicação dos fenômenos estudados. Esses autores comentam que muitas perguntas são feitas, no meio acadêmico, com relação a essa metodologia. Uma delas é a seguinte: “Como é que o pesquisador pode descobrir as qualidades essenciais a serem estudadas?” Essa é uma questão constantemente formulada àqueles que fazem pesquisa qualitativa. A resposta não é dada a partir de padrões de procedimento preestabelecidos como corretos para o desenvolvimento da pesquisa. Essa resposta, segundo os autores, depende da intuitividade e da habilidade do pesquisador. Isso porque as técnicas e os recursos por ele usados podem ou não focalizar as características mais significativas do fenômeno; o pesquisador substitui as correlações estatísticas pelas descrições e as conexões causais objetivas pelas interpretações.

Sobre a questão do quantitativo *versus* qualitativo, MINAYO & SANCHES, *apud* MARTINS (1998), pesquisadores que utilizam, respectivamente, metodologia qualitativa e quantitativa de pesquisa, pontuam que, do ponto de vista epistemológico, nenhuma das duas abordagens é mais científica do que a outra. E perguntam: De que adianta ao investigador utilizar instrumentos altamente sofisticados de mensuração quando estes não se adequam à compreensão de seus dados ou não respondem a perguntas fundamentais? E respondem que uma pesquisa, por ser quantitativa, não se torna “objetiva” e “melhor”, ainda que se prenda à manipulação sofisticada de instrumentos de análise, caso deforme ou desconheça aspectos importantes dos fenômenos ou processos estudados. Advertem que, da mesma forma, uma abordagem qualitativa em si não garante a compreensão em profundidade. Os autores rebatem a tese de vários estudiosos que, do ponto de vista científico, colocam, em uma escala, a abordagem quantitativa como sendo a mais perfeita, classificando estudos qualitativos apenas como “subjetivismo, impressões ou, no máximo, atividades exploratórias”. Comentam, ainda,

que o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa.

As aproximações quantitativas de pesquisa enfatizam a possibilidade de chegar a princípios explicativos e generalizar para grandes populações. (HOLMAN, citado por MARTINS, 1998)

Os métodos qualitativos produzem explicações contextuais para um pequeno número de casos, com uma ênfase no significado – mais que na frequência – do fenômeno. O foco é centralizado no específico, no peculiar, almejando sempre a compreensão do fenômeno estudado, geralmente ligado a crenças, motivações, sentimentos e pensamentos da população estudada. (SHMERLING, SHATTNER & PITERMAN, mencionados por MARTINS, 1998) As técnicas qualitativas podem proporcionar uma oportunidade para as pessoas revelarem seus sentimentos (ou a complexidade e intensidade deles). Além disso, o modo como as pessoas falam sobre suas vidas é importante; a linguagem usada e as conexões realizadas revelam o mundo como é percebido por elas. (SPENCER *apud* MARTINS 1998)

Para HOLMAN, citado por MARTINS (1998), a pesquisa qualitativa pode ser particularmente útil em situações em que variáveis relevantes e/ou seus efeitos não são aparentes ou quando o número de sujeitos e/ou dados obtidos são insuficientes para análise estatística. Ainda conforme o autor, na pesquisa qualitativa, os sujeitos podem variar em tamanho – de um indivíduo até grandes grupos – e o foco do estudo pode variar de uma ação particular de uma pessoa ou pequeno grupo para a função de uma complexa instituição. Os investigadores estão preocupados com as crenças, motivações e ações das pessoas, organizações e instituições. Os métodos de investigação incluem entrevista (estruturadas, semi-estruturadas e abertas), observação (externa ou participante) e análise de material escrito. Cita como exemplos clássicos os estudos antropológicos sobre culturas, os estudos sociológicos de instituições e os estudos psicológicos de comportamentos.

Quando se tem como objeto de estudo o próprio homem, a relação de conhecimento se estabelece entre iguais, pois o objeto e o sujeito do conhecimento coincidem.

Assim, o critério de cientificidade passa a ser a intersubjetividade, pois o conhecimento é construído pelo sujeito e pelo objeto em uma relação dialética, conforme CELERI, mencionada por MARTINS (1998). Essa autora pontua que três são os aspectos que permitem caracterizar uma abordagem qualitativa. O primeiro é de caráter epistemológico, e relaciona-se à visão de mundo implícita na pesquisa, isto é, o pesquisador que se propõe a realizar uma pesquisa qualitativa busca uma compreensão subjetiva da experiência humana. O segundo

aspecto diz respeito ao tipo de dado que se objetiva coletar, isto é, dados ricos em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, vivências. E o terceiro relaciona-se ao método de análise, que na pesquisa qualitativa busca compreensão e significado e não evidências.

## 3.2 A entrevista

### 3.2.1 Considerações gerais

Mais do que em outros instrumentos de pesquisa que, em geral, estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. (LÜDKE & ANDRÉ, *apud* MARTINS, 1998). Para essas autoras, a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.

De acordo com as autoras, como a entrevista realiza-se a cada vez de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao iniciar-se o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado.

Conforme LÜDKE & ANDRÉ, mencionados por MARTINS (1998), há uma série de exigências e de cuidados requeridos por qualquer tipo de entrevista. Em primeiro lugar, um respeito muito grande pelo entrevistado. Esse respeito dele envolve desde um local e horário marcados e cumpridos de acordo com a conveniência até a perfeita garantia do sigilo e anonimato em relação ao informante, se for o caso. Igualmente respeitado deve ser o universo próprio de quem fornece as informações, as opiniões, as impressões, enfim, o material em que a pesquisa está interessada. Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado. Essa estimulação não deve, entretanto, forçar o rumo das respostas para determinada direção. Deve apenas garantir um clima de confiança, para que o informante sinta-se à vontade para expressar-se livremente.

A entrevista supõe uma conversação continuada entre participante e pesquisador; o tema ou o acontecimento sobre que versa foi escolhido por este último, por ser conveniente ao seu trabalho. O pesquisador dirige, pois, a entrevista; esta pode seguir um roteiro previamente estabelecido, ou operar aparentemente sem roteiro, porém, na verdade, desenvolve-se conforme uma sistematização de assuntos em que o pesquisador está interessado. A captação dos dados decorre de sua maior ou menor habilidade em orientar o informante para discorrer sobre o tema; é este que conhece o acontecimento, suas circunstâncias, as condições atuais ou históricas, por tê-lo vivido ou por deter a respeito informações preciosas. (QUEIROZ, *apud* MARTINS, 1998)

A entrevista permite o acesso a dados de difícil obtenção por meio da observação direta, tais como sentimentos, pensamentos e intenções. O propósito da entrevista é fazer com que o entrevistador se coloque dentro da perspectiva do entrevistado. (PATTON, mencionado por MARTINS, 1998)

É preciso ressaltar que na entrevista não há possibilidade de se estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o entrevistado nem entre o pesquisador e o tema que ele estuda. (ZANINI, *apud* MARTINS, 1998)

BATISTA, citado por MARTINS (1998), define entrevista como uma conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objetivo de pesquisa, e centrada em temas pertinentes a esse objetivo.

Existem três tipos de entrevista: a entrevista estruturada, ou fechada, a semi-estruturada e a entrevista livre ou aberta.

### **3.2.2 A entrevista semi-estruturada**

Entrevista semi-estruturada, em geral, é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. O entrevistado, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. É útil enfatizar que essas perguntas fundamentais que constituem, em parte, a entrevista semi-estruturada, são resultado não somente da teoria que alimenta a ação do investigador mas, também, de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno que lhe interessa.

Na entrevista semi-estruturada, LÜDKE & ANDRÉ, mencionados por MARTINS (1998), propõem que se tenha o cuidado de manter a “atenção fluante”. O entrevistador precisa estar atento não apenas (e não rigidamente, sobretudo) ao roteiro preestabelecido e às respostas verbais que vai obtendo ao longo da interação. Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não-verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito. Não é possível aceitar plena e simplesmente o discurso verbalizado como expressão da verdade ou mesmo do que pensa ou sente o entrevistado.

É necessário analisar e interpretar esse discurso à luz de toda aquela linguagem mais geral e depois confrontá-lo com outras informações da pesquisa e dados sobre o informante.

TRIVIÑOS, citado por MARTINS (1998), destaca que o começo da entrevista está geralmente marcado por incertezas. O pesquisador não sabe se alcançará os propósitos levantados em seu estudo, com as respostas do entrevistado. O entrevistado, por sua vez, não tem ainda clareza sobre o tópico a ser desenvolvido nem uma relação de confiança com o pesquisador.

BOTEGA *apud* MARTINS (1998), lembra que a entrevista constitui-se em uma relação humana e que ao se tratar de relações humanas não se pode desconsiderar a existência dos fenômenos de transferência e contratransferência que, embora privilegiados pela psicanálise por serem utilizados nesta como instrumentos técnicos de observação e compreensão, estão presentes em todas as relações.

Enfatiza a importância para o pesquisador da utilização de seus sentimentos em benefício da pesquisa. Os dados emocionais do entrevistador não devem ser desprezados, em nome de uma observação fria e distante, muito pelo contrário, devem ser levados em conta, transformando-se em dados de valor para a pesquisa.

O campo psicológico é estruturado pelo sujeito entrevistado. Segundo OCAMPO & ARZENO, mencionados por MARTINS (1998), o entrevistador deve intervir com os seguintes objetivos:

a) auxiliar e estimular o entrevistado a iniciar ou continuar a entrevista, quando este não souber como proceder;

b) permitir a continuidade da entrevista quando situações de bloqueio ou paralisação surgirem em razão de um aumento de angústia;

c) investigar acerca de determinadas questões que não foram referidas espontaneamente e que são consideradas de importância, ou acerca de contradições, ambigüidades e verbalizações confusas ou obscuras.

SIMIONI, LEFÈVRE & PEREIRA, citados por MARTINS (1998), comentam que nas pesquisas qualitativas o instrumento de coleta de dados denominado “roteiro de entrevista” deve sofrer modificações sucessivas, em decorrência da aplicação de pré-testes.

As questões devem ser apresentadas com a finalidade de aproximar o entrevistado da problemática em tela. No caso de o objetivo que se pretendeu alcançar não ser atingido, o entrevistador deve elaborar nova questão, que permitirá aproximá-lo do alvo proposto. Portanto, nesse roteiro, o pesquisador utiliza-se das questões como um guia orientador para atingir os objetivos propostos para cada pergunta.

As perguntas podem tanto ser modificadas como acrescidas de outras, dependendo do rumo das respostas do entrevistado.

### **3.2.3 O registro da entrevista**

LÜDKE & ANDRÉ *apud* MARTINS (1998), ressaltam que as duas principais formas de registro suscitam muitas discussões entre os especialistas a respeito de seus defeitos e virtudes.

São elas: a gravação direta e a anotação durante a entrevista. A gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado. Por outro lado, a gravação só registra as expressões orais, deixando de lado as faciais, os gestos, as mudanças de postura, e pode representar, para alguns entrevistados, um fator constrangedor. Nem todos se mantêm inteiramente à vontade e naturais ao ter sua fala gravada. Outra dificuldade em relação à entrevista gravada é a sua transcrição para o papel. Essa operação é bastante trabalhosa, consumindo muitas horas e produzindo um resultado ainda bastante cru, isto é, em que as informações aparecem ainda indiferenciadas, sendo difícil distinguir as menos importantes daquelas realmente centrais. Será necessária uma comparação desse material com a gravação para se estabelecerem as prioridades, com o auxílio, é claro, da memória do entrevistador.

O registro realizado por meio de notas durante a entrevista certamente deixará de cobrir muitas das coisas ditas e solicitará a atenção e o esforço do entrevistador, além do tempo necessário para escrever. Mas, em compensação, as notas já representam um trabalho inicial de seleção e interpretação das informações emitidas. É indispensável que o entrevistador disponha de tempo, logo depois de terminada a entrevista, para preencher os claros deixados nas anotações. Se deixar passar muito tempo, certamente perderá aspectos importantes.

Sobre o registro dos dados, TRIVIÑOS, mencionado por MARTINS (1998), recomenda a gravação da entrevista, ainda que seja cansativa sua transcrição. A gravação permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre com a utilização de anotações.

SIMIONI, LEFÈVRE & PEREIRA, citados por MARTINS (1998), também recomendam que o material da entrevista seja gravado em fita magnética. A fala dos diversos sujeitos deve ser transcrita de forma a recuperar a integralidade dos depoimentos.

### **3.2.4 Os cuidados éticos**

Nas entrevistas, como também em qualquer outra forma de abordar os informantes, é necessário lembrar que a experimentação com seres humanos só pode ser feita mediante consentimento. (HOSSNE & VIEIRA, *apud* MARTINS, 1998)

É o consentimento que transforma o que seria simples uso da pessoa em participação consciente dessa pessoa em um empreendimento científico. Convém ressaltar, no entanto, que a assinatura do participante no rodapé de um formulário não significa, necessariamente, que este tenha consentido em participar da pesquisa.

Quando se discute consentimento do sujeito na experimentação com seres humanos, é preciso distinguir “formulário de consentimento” de “consentimento”.

O formulário de consentimento é um documento legal, assinado pelo participante ou por seu representante, que protege tanto o pesquisador como a instituição em que se realiza o experimento. Esse documento deve fazer parte do protocolo de pesquisa e deve ser redigido de forma simples, porém precisa. Já o consentimento do sujeito não tem natureza legal, mas sim ética. Para obter o consentimento do participante em potencial do experimento, é preciso que o pesquisador explique toda a situação para essa pessoa, de forma simples, mas exata. Só assim essa pessoa poderá decidir, com pleno conhecimento de causa, se participará ou não do experimento.

Urge destacar que a palavra consentimento implica a idéia de atitude tomada por livre e espontânea vontade, mas não implica a idéia de atitude tomada com pleno conhecimento dos fatos.

Por essa razão, segundo HOSSNE & VIEIRA, mencionados por MARTINS (1998), muitos autores insistem, atualmente, na necessidade de obter o “consentimento esclarecido” do participante, para deixar claro que este deve não apenas concordar em participar do experimento, mas tomar essa atitude plenamente consciente dos fatos. Vale ressaltar que a expressão “consentimento esclarecido” traduz, melhor do que a expressão “consentimento pós-informado”, a idéia de que o consentimento deve ser obtido não apenas após informação, mas após esclarecimento.

### **3.2.5 Amostra**

Para MINAYO, citada por MARTINS (1998), alguns cuidados devem ser tomados com o processo de amostragem, com o objetivo de refletir a totalidade em suas múltiplas dimensões:

- privilegiar os sujeitos que detêm as informações e experiências que o pesquisador deseja conhecer;
- considerar um número suficiente para a reincidência das informações;
- escolher um conjunto de informantes que possibilite a apreensão de semelhanças e diferenças.

CELERI *apud* MARTINS (1998), salienta que uma questão importante diz respeito à representatividade dos sujeitos escolhidos para a coleta de dados. Na abordagem qualitativa o critério de representatividade não é numérico, pois sua preocupação não é com a generalização. A preocupação do pesquisador está no aprofundamento e na abrangência da compreensão do objeto de estudo.

### 3.2.6 A Análise dos dados

Para LÜDKE & ANDRÉ, citados em MARTINS (1998), analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa. A tarefa de análise implica, em um primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar tendências e padrões relevantes.

Em um segundo momento, essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências em um nível de abstração mais elevado. O trabalho de codificação resulta em um conjunto inicial de categorias que serão reexaminadas e modificadas em um momento subsequente. É quando, por exemplo, categorias relacionadas são combinadas para formar conceitos mais abrangentes ou idéias muito amplas são subdivididas em componentes menores para facilitar a composição e apresentação dos dados. A classificação e organização dos dados prepara uma fase mais complexa da análise, que ocorre à medida que o pesquisador vai relatar os seus achados. Para apresentar os dados de forma clara e coerente, ele provavelmente terá que rever as suas idéias iniciais, repensá-las, reavaliá-las, e novas idéias podem então surgir nesse processo. A categorização, por si mesma, não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para tanto terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações.

LÜDKE & ANDRÉ, mencionados por MARTINS (1998), salientam que, ao se descrever um fenômeno observado, procura-se representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes nele. Quando a situação suscita opiniões divergentes, o pesquisador vai procurar trazer na descrição essa divergência de opiniões, revelando ainda o seu próprio ponto de vista sobre a questão. Desse modo, permite aos usuários do estudo que tirem suas próprias conclusões sobre esses aspectos contraditórios. Como nunca será possível explorar todos os ângulos do fenômeno, a seleção de aspectos mais importantes e a determinação do recorte é, pois, crucial para atingir os propósitos do estudo.

Para QUEIROZ *apud* MARTINS (1998), a análise, em seu sentido essencial, significa decompor um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais, isto é, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, a fim de utilizar somente o que é compatível com a síntese que se busca.

PATTON, citado por MARTINS (1998), comenta que a interpretação, por definição, envolve ir além dos dados descritivos. Interpretação significa atribuir significado para o que foi encontrado, oferecer explicações, desenhar conclusões, extrapolar lições, fazer inferências, construir ligações, impor ordem, lidar com explicações rivais, desconfirmar casos. Tudo isso é esperado e apropriado conforme o pesquisador realiza a interpretação e faz clara a diferença entre a descrição e a interpretação.

Sobre a criação de categorias, PATTON *apud* MARTINS (1998), enfatiza que ... esse esforço de detectar padrões, temas e categorias é um processo criativo que requer julgamentos cuidadosos sobre o que é realmente relevante e significativo nos dados. Como as pessoas que analisam dados qualitativos não têm testes estatísticos para dizer-lhes se uma observação é ou não significativa, elas devem basear-se na sua própria inteligência, experiência e julgamento.

Segundo WILLMS & JOHNSON, citados por MARTINS (1998), para analisar e interpretar dados qualitativos não há fórmulas; não há meios de replicar perfeitamente o processo analítico de pensamento do pesquisador; não há regras a não ser utilizar da melhor maneira a capacidade intelectual, para representar fielmente os dados e comunicar o que eles revelam, segundo o propósito do estudo. Isso não significa que não existam sugestões para nortear a análise de dados. Mas sugestões de procedimentos não são regras; requerem julgamento e criatividade. Como cada estudo qualitativo é único, a aproximação analítica utilizada será também única. Como a obtenção de dados qualitativos depende, em qualquer estágio, do treino, *insights* e capacidades do pesquisador, a análise qualitativa depende, em última análise, da capacidade analítica e do estilo do pesquisador. O fator humano é a grande força e a fundamental fraqueza tanto na coleta de dados como na análise qualitativa.

SIMIONI, LEFÈVRE & PEREIRA, mencionados por MARTINS (1998), propõem, para a análise de dados qualitativos, a utilização de algumas figuras metodológicas, sendo uma delas o discurso do sujeito coletivo (DSC), que consiste na reunião, em um só discurso-síntese, de vários discursos individuais emitidos como resposta a uma mesma questão de pesquisa, por sujeitos social e institucionalmente equivalentes ou que fazem parte de uma mesma cultura organizacional e de um grupo social homogêneo na medida em que os indivíduos que fazem parte desse grupo ocupam a mesma ou posições vizinhas em um dado campo social.

Resumindo, o DSC é como se o discurso de todos fosse o discurso de um. Em termos metodológicos, esse processo deve ser transparente, aparecendo, sempre que possível, ao lado dos discursos individuais dos sujeitos, com vistas a que a necessária arbitrariedade presente na sua construção possa ser avaliada e, se for o caso, refutada pelo leitor.

BARDIN (1977) comenta que a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdo e continentes) muito diversificados.

Como esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da abundância da subjetividade.

Quanto à categorização, BARDIN (1997) define como “... *uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos*”. (p. 117)

### **3.3 Material e método**

#### **3.3.1 Amostra**

A população pesquisada neste estudo foi composta por seis profissionais de diversas áreas, a saber: um músico profissional – flautista, um bancário e músico profissional, um jardineiro, uma comerciária – gerente de loja, um ator e um artista plástico.

A escolha da amostra foi intencional, levando em consideração a vantagem que a utilização desse tipo de amostra contemplava: redundância de informações, uma vez que as profissões escolhidas estavam intimamente ligadas ao tema do presente estudo.

### 3.3.2 Instrumento

Utilizou-se o instrumento da entrevista semi-estruturada, que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que a entrevistadora, a própria mestrande, faça as necessárias adaptações a partir dos dados que vai obtendo do entrevistado. (LÜDKE & ANDRÉ, QUEIROZ, BATISTA, *apud* MARTINS, 1998)

O roteiro básico da entrevista foi:

- 1) O que significa o trabalho para você?
- 2) Fale sobre a rotina do seu trabalho.
- 3) O que é prazer para você? Você sente prazer no seu trabalho?

### 3.3.3 Procedimentos

Os entrevistados foram contatados durante suas atividades habituais: a comerciária, o bancário e músico profissional e o jardineiro ou após suas performances em Florianópolis: o músico profissional e o ator, e, no caso do artista plástico, na véspera de seu *vernissage* em Florianópolis.

Então, recebeu-se o “consentimento esclarecido” e foram marcados o local e horário para a entrevista.

As entrevistas foram realizadas no período de outubro a dezembro de 1998 em Florianópolis, salvo a do artista plástico que foi realizada em Joinville.

Os locais das entrevistas foram escolhidos pelos entrevistados, na sua maioria seus próprios locais de trabalho, com exceção do músico profissional – flautista: uma sala do hotel em que estava hospedado em Florianópolis e do artista plástico, uma sala na casa de sua mãe, em Joinville.

As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente.

Houve, também, uma observação do trabalho realizado, nos casos do jardineiro, da comerciária, do bancário e músico profissional, assistindo aos shows deste último.

No caso do flautista e do ator assistiu-se a um recital e a duas apresentações da peça musical, respectivamente.

O artista plástico não estava em seu ateliê e não tinha material disponível consigo, não podendo, assim, ser observado em seu trabalho. Porém, suas exposições de pintura foram visitadas.

## CAPÍTULO IV

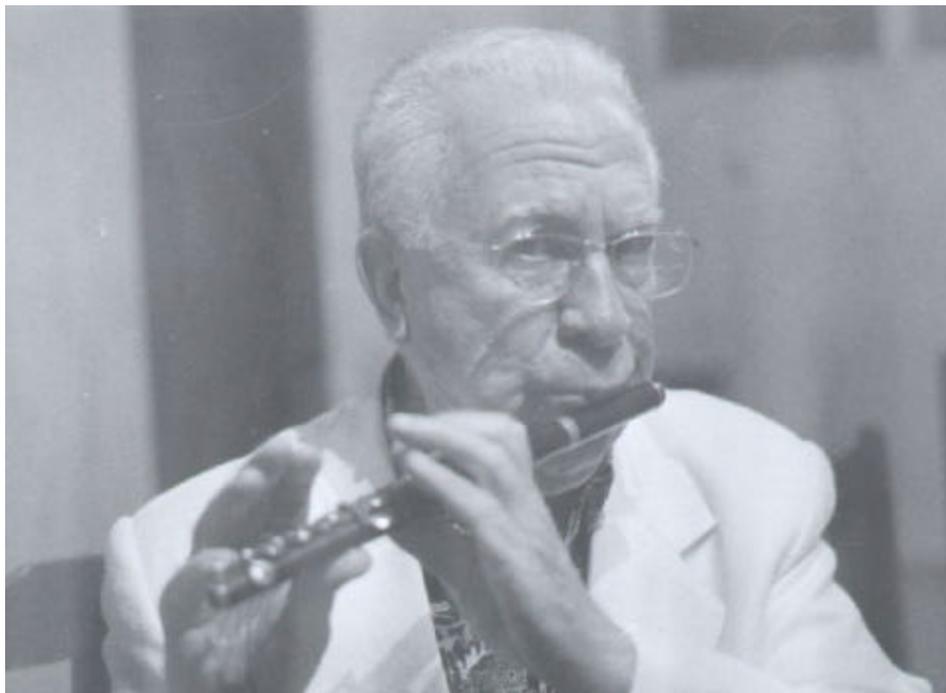
### Resultados

#### 4.1 Trabalho e prazer

(Definição: o trabalho é realizado com prazer)

Trabalho é uma grande alegria, um contentamento maior, um grande prazer interior. O trabalho é necessário a todos, pois coloca o cérebro a funcionar. É preciso amar o trabalho. Não se pode fazer nada sem trabalho, com o objetivo da satisfação das necessidades materiais e da criação de algo. A música oferece um maior prazer, uma grande alegria interior, enfim, o sentir-me inteiramente vivo.

O prazer do dever cumprido e cumprido com prazer. *(o flautista)*



**Fotografia 1 – O Flautista**

O trabalho realizado no banco significa sobrevivência, é um meio de sobreviver. Não significa algo feito com alegria ou prazer. Prazer no trabalho não sinto em tempo integral, apenas a satisfação pelo dever cumprido, uma meta atingida ou o atendimento bom ao cliente.

Já a música oferece mais prazer do que o outro trabalho no banco, é quase como um vício, uma coisa gostosa de fazer. É tocar, é música, é cantar. É viver da música. *(o bancário e músico profissional)*

Sem trabalho, a gente não é nada. O trabalho purifica a alma da gente, faz crescer, amadurece. Este trabalho (a jardinagem) me dá muito prazer, é o que me realiza dia a dia.

*(o jardineiro)*

Trabalho, além de ser uma renda, é o essencial na vida. Não é somente a parte financeira, mas prazer. A vida é o trabalho; não saberia viver sem trabalhar.

É atender as pessoas, é conversar, explicar, é o vender, sabe, esse é o prazer. Então, passo o dia todo e eu não vejo passar. Esse é o que é o prazer. Esse é o que é o prazer.

E faço isso com prazer, com certeza, nunca tento passar assim nada negativo. Porque, às vezes, tu não estás bem, claro, acontece dias. Mas, na hora que tu entra aqui, na hora que tu estás conversando com o cliente... tu tem que ser outra, tem que passar o bom, o prazer. E, realmente, é o que a gente sente.

Se eu saio em férias, eu não saio nunca trinta dias de férias, eu sempre pego parcelado, porque sinto muita falta. *(a comerciária e gerente de uma perfumaria)*

Trabalho é produção, o meu prazer está em produzir aquilo e só. O trabalho em teatro, por exemplo, é um prazer muito grande. A música, tocar piano, eu sempre toquei e toquei por prazer. O piano é um grande amigo. Tem esse processo, absolutamente reflexivo, prazeroso, relaxante... *(o ator)*

Quando eu falo em prazer, eu sinto muito prazer no meu trabalho, muito prazer em viver e nas mínimas coisas; no ato de viver, eu faço disso um prazer. Me dá muito prazer o rame-rame do dia a dia dentro do meu trabalho. Trabalho é isso para mim, é ficar o dia todo, o tempo todo ligado ao centro do meu universo que é o cavalete, que é a pintura.

Esse ritmo de trabalho é um período em que me sinto muito produtivo, aí realmente estou numa concentração muito forte e total entrega à pintura. O trabalho é um profundo prazer.

O meu prazer é visual, pela minha formação ou deformação de artista plástico.

Então, eu acabo dando os trabalhos para mim, sou eu o chefe, escravo, gerente e *office-boy*, porque todo o trabalho que eu faço eu acabo fazendo solitariamente e o trabalho do pintor é um trabalho solitário, ele acaba se bastando, ele acaba se bastando, ele não precisa de mais ninguém, ele fica egoísta, ele fica solitário. E precisa talvez disso para poder ter uma concentração maior. Porque eu queria, aí essa paixão pelo trabalho, eu queria me comprometer de tal forma, que eu queria sobreviver, viver para o trabalho.

Se alguém me oferecesse um emprego mais tranquilo, mais leve e ganhando muito mais, eu não aceitaria. Eu queria ter um casamento eterno com a minha intenção de artista. Eu queria depender, para sobreviver, da arte.

Porque aí, eu sabia, na época, que a minha entrega seria maior. Eu iria me entregar de corpo e alma. Eu acordo muito cedo, seis horas da manhã, e vou para o atelier e trabalho até as sete, oito horas da noite, todos os dias e isso me dá muito prazer.

Após todo o sofrimento físico para realizar o trabalho do painel, em Curitiba, com frio, dentro de um galpão gelado, de quatro, me arrastando em cima de mil e poucos azulejos, pintando, chegava no hotel completamente dolorido, às nove horas da noite. Tomava remédios para dores musculares; com joelheiras de jogador de futebol, no final, a pele saiu toda do joelho, o elástico do joelho atrás abriu feridas, chagas nas minhas pernas, calo de apoiar a mão, ânsias de vômito por causa do cheiro da tinta, enfim, sofrimento físico, cabeça a mil.

Mas, me deu muito prazer. Me deu prazer. É uma coisa meio sadomasoquista, me deu prazer.

*(o artista plástico)*



**Fotografia 2 – O Artista Plástico**

## 4.2 Prazer e criatividade

(Definição: utilizando a criatividade o prazer no trabalho é maior)

Com a criação sinto um prazer total. Utilizando a criatividade dentro da improvisação sinto muito prazer e não esqueço o que oferece alegria e satisfação íntima. *(o flautista)*

A música oferece total liberdade de criação; no banco é diferente, é um trabalho mais sisudo, mais rotineiro, é preciso respeitar várias e várias regras, tu ficas muito metódico.

Na música é possível viajar mesmo e no banco é quase o contrário, pois é necessário seguir as instruções, fazer as coisas como têm de ser.

Assim, não se tem o direito de ser criativo no banco, senão alguém começa a desconfiar. Nos finais de semana, quando saio do banco, me sinto vivo.

Mesmo que a música não dê retorno financeiro, é algo prazeroso, gratificante, em que se pode criar, enfim, se realizar como pessoa.

Procuro criar em cada música, fazendo uma interpretação diferente da original. Jamais tu vais cantar uma música do mesmo jeito.

Então, isso é muito gostoso, poder criar, improvisar. Isso é que é legal e dá muito prazer.

*(o bancário e músico profissional)*



**Fotografia 3 – O Bancário e Músico Profissional**

Na jardinagem utilizo a imaginação, a criatividade, não importando o tipo de serviço. Não sou muito de escolher serviço; aparece um serviço, vou e faço.

Às vezes, pego um serviço que é só mato e não tem mesmo como começar. Não sei por onde começar a fazer este serviço, aí me sento, olho e vou começar por aqui e quando eu vejo, já acabei o serviço, estou cansado.

Eu vou ali com meu olho, é aqui que vai, quantos metros para cá, a grama é aqui. Fica tudo na cabeça. E volto outro dia, fica tudo na cabeça.

Esse negócio de plantar, pegar assim plantar e jogar ali e colocar terra por cima é a mesma coisa que estar enterrando alguém. Não diz nada.

Eu digo: tomara que tu venhas muito linda, eu sempre digo e elas estão sempre bonitas, as plantas.

Tem isso aí, o contato físico da pessoa que está lidando com outro ser vivo que é a planta.

E parece que tem um anjo sempre do teu lado, uma pessoa ali sempre do teu lado, sempre te dando força e energia. *(o jardineiro)*

Com certeza sempre crio, sempre inovo, sempre vou buscar uma coisa diferente, para mostrar coisas diferentes, não adianta ficar na mesmice.

Buscar produtos novos para a perfumaria e com os clientes também. Tanto com o produto, sempre buscando produtos novos; todo mundo quer novidades e, também, com os clientes, mostrando, apresentando coisas diferentes, sempre criando.

Eu me encontro muito aqui, então eu venho, é uma coisa assim que eu tenho vontade de sair de casa pra vir trabalhar.

E tem pessoas que saem de casa e vão trabalhar por ter de ir, sei lá, por falta de opção ou não se acha em outra. Eu não, eu saio de casa assim, pensando, vou pra casa pensando o que tenho que fazer, o que tenho que resolver. Então, estou sempre em função, amanhã quero fazer uma coisa melhor, sabe, então é diferente.

Tenho toda a liberdade para criar, muito prazer. *(a comerciária e gerente de uma perfumaria)*

A gente tem a oportunidade de fazer muita coisa improvisada, pesquisar em cada cidade, brincar coisas novas, incluir informações novas, piadas novas, enfim...

A gente regionaliza muito, a gente localiza, melhor dizendo, o espetáculo, cria, inclusive, intimidade para quem está assistindo.

Não tem rotina no trabalho, para esse caso, não. Porque também você trabalha com uma coisa que é maravilhoso na vida do ser humano enquanto produção, que é a criatividade. Isso é que é o fundamental da história, então a arte, de um modo geral, lhe dá muito isso.

É o traço do desmantelamento que eu me sinto depois de eu produzir alguma coisa, e pensar, então é assim, você delira, você cria, você sente confortável, e sente que você está se projetando, eu saio de mim quando faço isso. Isso é que é prazer realizado, esse prazer absolutamente é total. *(o ator)*



**Fotografia 4 – O Ator**

Talvez eu seja um privilegiado, porque eu tenho no trabalho a criação. Eu penso o tempo todo no trabalho, porque, talvez, o meu trabalho também é um trabalho generoso, é o ato de criação.

Mas, a criatividade também você pode aplicar, eu sinto que é possível e, é claro, que é possível, você aplicar no dia a dia, nas mínimas coisas, até na hora de fritar um ovo, sei lá, invés de botar só sal, põe um pouco de açúcar também, ou na maneira de se vestir, na maneira de se banhar. O prazer no trabalho está ligado ao prazer da vida, eu acho que é por aí. Nem sempre é possível sentir sempre o prazer, mas alivia a carga do dia a dia, vai aliviando um pouco. É tentar do que você esteja vendo melhorar um pouquinho.

A orgia é começar a pintar trinta ou quarenta quadros ao mesmo tempo. Após andar de metrô, ir ao supermercado, volta ao atelier para mudar algum detalhe dos quadros.

Então, fica a tinta molhada em cima da seca; é o requinte da pintura, espera secar para raspar.

Comparando com a culinária, as lembranças, necessárias à pintura, são temperos de um prato gostoso.

Normalmente, o tema muda, mudam as cores, mas não muda o artista; é somente um outro enfoque.

Quando vou para um cavalete e vejo uma tela em branco, o quadro já está pronto.

*(o artista plástico)*



**Fotografia 5 – O Artista Plástico**

### 4.3 Prazer e sentir-se amado

(Definição: a necessidade de sentir-se amado para ter um prazer maior)

No início minha preocupação era a de agradar a todos. Hoje sei que é muito difícil, o importante é agradar a maioria. Pela experiência já sei o que irá agradar meu público.

O público é sempre bom; o artista deve chegar ao público.

Tenho muita alegria em agradar a maioria. *(o flautista)*

Aquela coisa do público e do palco é algo simplesmente mágico, é fantástico.

E depois que se começa a se apresentar no palco, a pessoa vai se descobrindo e vendo a alegria que causa nas outras pessoas. Aí tu queres mais e mais. É quase como um vício, uma coisa gostosa de fazer. *(o bancário e músico profissional)*

Tu vais fazer uma coisa, vais fazer um serviço, aí depois termina aquele serviço, tu ficas feliz. Você realizou aquele trabalho, você é capaz de fazer alguma coisa para a sociedade.

Às vezes eu não tenho condições de trabalhar, porque não tenho estudo, mas, de repente, você tem o dom de alguma coisa, onde você vai, faz aquele serviço e aí as pessoas dizem: “pô, foi o Fernando quem fez aquele serviço ali!”. Aí, tu olhas pra trás e, realmente, eu tenho condições de fazer alguma coisa, onde as pessoas notam.

Aí tu vais a um local que as pessoas te dão valor assim, “gostei, o teu serviço é ótimo!”, valoriza aquilo que estás fazendo. Todo mundo elogia quando passa ali. Até um americano passou ali, era uma mulher americana, lá da Califórnia, ela falou mais ou menos e eu entendi, a gente entende um pouco inglês, né. Ela falou ali, ela deu altos elogios ao meu serviço. Parabéns mesmo! Ela falou um pouco brasileiro, um pouco americano, olha ela deu altos elogios! Trabalha muito bem, obrigado.

Isso ajuda muito, uma pessoa te dá um elogio. *(o jardineiro)*

Mas eu me encontro mesmo é assim com o público, assim, cara-a-cara e vendendo. E, principalmente, cosméticos; adoro. O produto traz prazer em si, tu vende, tu aplica na pessoa também, tu mostra, tu vê que ela gosta, ele se olha e fica bonita.

É um perfume, é uma coisa pra ela se sentir bem. Então, é diferente. E cada um se encontra. Eu me encontro muito aqui, então eu venho, é uma coisa assim que eu tenho vontade de sair de casa pra vir trabalhar. *(a comerciária e gerente de uma perfumaria)*



**Fotografia 6 – A Comerciária e Gerente de uma Perfumaria**

O trabalho em teatro, por exemplo, é um prazer muito grande, obviamente, se você é aplaudido, se você é aceito, como qualquer coisa, não precisava ser o teatro.

Quando eu fui, tive um parecer absolutamente honroso do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, quando eu fui gerente administrativo-financeiro do meu órgão, aquilo saiu publicado no Diário Oficial, aquilo não poderia ter me dado mais prazer dentro do trabalho que fiz. O que fiz foi tecnicamente certo, atingiu, excedeu as expectativas que eles estavam esperando ou que o órgão já tinha feito antes, então foi publicado um elogio. Aquilo para mim é como se tivesse esta casa lotada e todo o mundo aplaudindo de pé. Então, para mim isso não tem diferença.

Então, eu tinha essa coisa, toda uma realização muito diferenciada, porque eu realizo aquele trabalho, eu componho uma peça por exemplo, toco, as pessoas gostam, pronto, eu estou feliz. Mas aquilo fica, tem um sabor de eternidade, entendeu, o que as outras pessoas me dão. Elas me trazem aquela sensação momentânea, por mais reflexo que elas venham a ter para a posteridade, futuramente, médio ou longo prazo, enfim, seja lá dependendo do tipo de ação que seja. *(o ator)*

Então, desses onze acabou sobrando eu como pintor e fiz disso carreira, profissão e vida.

Lá em Paris, eu tenho sala de visitas, tem sala de jantar, tem sala de televisão, tem sala de tudo, mas, acabam as visitas, no final da noite, todos enfiados no atelier, tomando a saideira no atelier, porque no atelier é que tem mais alma, tem mais energia, é que tem mais coisa pra ver, tem mais curiosidade.

Mas, com habilidade, acabei eu fazendo e fabricando as minhas próprias abotoaduras, para fazer charme para as menininhas; devia ter treze ou quatorze anos. Então, eu fazia as minhas abotoaduras de madeira, com formas, com massinhas e com tudo e que era um pretexto para seduzir e mostrar para as menininhas.

Aí começa essa coisa que a gente vai crescendo e vai percebendo, todo tipo de trabalho que você faz, na verdade, é para isso, para seduzir, pra seduzir um público, para você se sentir aceito, pra você se sentir amado, pra você sentir-se admirado.

Então, esse tipo de coisa eu acabei levando a sério, não é?

Quer dizer, acabei levando a sério em todos os sentidos. Talvez seja ainda aquele menininho que queria seduzir e não pode e não quer, se nega a comprar tal abotoadura igual à de todos, ou aquele tênis igual ao de todo mundo; acaba comprando polainas e bengalas e ridengotes dos antiquários para, quando chegar numa festa, ser notado.

Mas, não importa, me faz prazer, me dá prazer. *(o artista plástico)*

#### **4.4 Prazer e dinheiro**

(Definição: a melhor utilização do dinheiro quando se trabalha com prazer)

Com o dinheiro da música aproveito para ir a outros *shows*, compro CD ou fita, enfim, vou a *shows* de bons artistas; gasto com o dinheiro da música o que me traz prazer.

*(o bancário e músico profissional)*

Tudo o que eu tenho ganho hoje, eu tenho meu apartamento bem mobiliado, tenho meu carrinho que tá lá, precisa de uma reforma, mas tudo das plantas, das flores, da parte vegetal, tudo me ajuda.

O que me remunera para comprar o que eu quero é o trabalho da jardinagem. O outro é para fazer algumas compras, pagar algumas contas de luz, telefone...

Aí tu recebes aquele dinheiro e te dá prazer em gastá-lo.

Realmente, vale a pena trabalhar. É outra coisa, trabalhar com prazer e receber aquele dinheiro bem pago.

Vou contar uma coisa: também trabalho com pintura, em dias de chuva. Um dia pinte uma grade, lavei a grade, passei lixa, deixei bonita e pinte.

Na hora de receber o dinheiro, aí o dono da casa achou que eu tinha cobrado demais, que o dinheiro que ele me pagou não valia o serviço que eu fiz.

Aí fui viajar, precisei ir a Curitiba fazer uns exames; eu tinha feito uma cirurgia em Curitiba, fui fazer uma rotina de exames. Não é que eu perdi esse dinheiro que eu recebi no trabalho?

Paguei a passagem e fiquei com o resto do dinheiro, paguei o ônibus, cheguei em Curitiba, cadê o dinheiro, fiquei sem dinheiro. Ainda bem que tenho uma cunhada que mora lá e me pagou a volta. *(o jardineiro)*

Os outros entrevistados não possuem outros tipos de atividades profissionais. Assim, não podem comparar a melhor utilização do dinheiro proveniente de diferentes formas de trabalho.

#### **4.5 Prazer e interesse em aprimorar-se**

(Definição: a necessidade de crescer, aprimorar-se quando se trabalha com prazer)

Onde estou penso e vivo a música, desconcentrando-me em uma loja, por exemplo, se ouço uma música. Aí paro e fico prestando atenção, imaginando como tocar a música ouvida.

As viagens ocorrem, também, em um plano mais elevado. Se, por exemplo, estou tocando música religiosa, sinto uma paz proveniente de entes mais evoluídos, enfim, energias melhores. *(o flautista)*

Procuro criar em cada música, fazendo uma interpretação diferente da original.

As pessoas chegam e falam que não é assim que se canta essa música... Não tem que existir a obrigação de se cantar uma música do Chico Buarque, por exemplo, no mesmo tom. A Elis Regina, uma das maiores intérpretes de música da história do país, dava uma interpretação única para cada canção, para cada música.

Jamais tu vais cantar um música do mesmo jeito. *(o bancário e músico profissional)*

É uma vida que está ali, ela quer respirar, estar em contato com o sol, com a claridade, tudo isso, então a gente, eu sei fazer isso. Nunca me ensinaram. Eu estudei, li muitos livros, observo muito em outros lugares que vou, em outras capitais que eu vou e vejo muita reportagem também pela televisão, vídeo.

Eu ainda tenho que entrar nessa parte de estudar um pouco o tempo de duração de uma flora. A gente sabe que, colocando uma flor em um ambiente que ela gosta de sol, a gente sabe que ela dura muito tempo. O tratamento que a gente vai dar, a época de adubação, botar uma terra boa, estar sempre cuidando dela, não deixar as pragas tomarem conta...

Aqui em Florianópolis, por exemplo, eu tinha uma certa paixão, vontade de um dia pegar na Prefeitura para fazer essa cidade ficar linda de flores, fazer uns jardins bem bonitos; já têm algumas coisas. Eu gostaria de entrar nesse ramo. Futuramente, quem sabe.

Pretendo fazer faculdade no ano que vem. Estudar novamente para me aperfeiçoar cada vez mais, porque a gente tem que melhorar. A gente não pode parar. *(o jardineiro)*



**Fotografia 7 - O Jardineiro**

Então, fiz alguns cursos, mas eu me interessei pelo produto, porque só se vende conhecendo.

Então, se eu conheço bem o produto, eu passo segurança para o cliente e vendo o que eu quiser. Esse é o negócio. Esse é o segredo. Se tu não conhece, tu não passa segurança para a

cliente, ela fica insegura. E se tu não, é isso, é bom, é agradável ou é um produto que vai te dar o resultado, a pessoa leva sem dúvida.

O maior segredo é a segurança que tu passa.

Procuro falar com a pronúncia correta os nomes dos perfumes franceses, porque tu tens que passar o certo para o cliente.

É claro que várias vezes eles vêm e pedem diferente, mas tu também não podes corrigir.

Então, tu pronuncia. Eles perguntam: ‘mas como se fala esse perfume?’ Tu, pelo menos, o nome deles, tu tens que saber. Procurar sempre falar o correto.

E, cada vez, a gente quer sempre melhorar, é claro, né? *(a comerciária e gerente de uma perfumaria)*

É, eu faço a temporada de verão e saio, porque eu tenho uma série de outras coisas que eu quero fazer também, que me realizam também, coisas que não tenho feito muito, por exemplo, tocar, é uma coisa que eu faço com frequência e com o fato que eu estou viajando, não faço. Se eu posso encontrar um piano aqui, como tem um aqui no teatro, eu sento, eu toco, então vem uma coisa mais de deleite. Eu tenho uma coisa muito pessoal com relação à música.

A música tem esse traço muito mais forte, a realização é diferente. Não é só o pensar, não é o ato intelectual de compor ou de tocar simplesmente, de executar, de trabalhar bem o instrumento tecnicamente e da platéia receber bem, de aplaudir, ovacionar, ou querer você sempre, mas tem o significado da própria música, entendeu, não é o som do aplauso, são os sons que eu produzi, então a coisa que vem mais de dentro. É muito mais forte. A pessoa se expõe.

O trabalho musical é muito especial, a força em si do trabalho musical é diferente. O que fica, aquele som que lhe acompanha. São as notas que lhe acompanham. Por isso eu digo, tem tudo isso, eu combino, isso, então seja, eu faço um trabalho intelectual absolutamente, eu produzo aquilo, transformo numa partitura, sento e toco, as pessoas adoram, pronto, é perfeito. Mas aquilo para mim, o prazer daquilo, a totalidade daquilo, está muito antes. Porque assim, eu produzi aquilo, todo mundo viu, gostou, eu também gostei, tá, tudo muito bem, prazer absolutamente feito. Só que aquilo me emociona sempre e vai ser sempre um prazer ouvir aquilo. Aquilo não vai me remeter ao aplauso que eu tive antes, aquilo me remete a cada instante que eu ouço. E se tem ou não tem alguém ouvindo. Ela em si, para mim, é um complemento. *(o ator)*

É uma vida de sacerdócio, mas não é recluso em um convento. Aí essa vida mundana que também me excita e preciso dela. Porque ela acaba retornando para a minha pintura. Todas essas vivências que passei pela televisão, pela arquitetura, pela publicidade, pelo humor, passei anos fazendo desenhos de humor para imprensa, jornais, revistas brasileiras, eu acho que tudo isso acabou refletindo na minha pintura. As figuras que povoam os meus quadros são personagens dessas vivências.

Quando em Paris estou no metrô escuro, gente, apertado, frio, não importa, estou com meu caderninho, desenhando tipos que estou vendo dentro do metrô, quando vou ao *restaurant*, mesmo sozinho ou em grupo, eu estou também com caderninho desenhando penteados, gestos, atitudes, comportamentos, perfis; quando não estou com caderninho, estou com meu olhar de fotógrafo, registrando essas imagens que, depois, vão fazer parte da minha pintura.

Então, é um exercício constante do dia a dia, o tempo todo, estou trabalhando para o meu quadro, para a minha pintura, olhando a maneira como a moça sentou, como ela cruzou as pernas, como virou a cabeça, tudo isso aí é um exercício constante que faz parte do meu trabalho. E isso dá prazer.

E, conversando com Millôr, eu acho que ele me deu uma palavra mágica, que foi que ele disse: ‘observe, fique em estado de atalaio o tempo todo, de observação, porque é aí que a gente vai tendo inspirações e vai tendo a possibilidade de contar coisas,’ e acabei levando a sério isso e é essa a minha atitude o tempo todo, mesmo quando estou na praia pegando um solzinho ou dentro do metrô ou do *restaurant* ou na fila do cinema, ou do supermercado, eu estou vendo os outros, compreendeu, porque são as pessoas que me excitam, no bom sentido; aliás, excitação não tem mau sentido, só tem bom.

Eu fico usando essas imagens que estão prontas na minha frente, não precisa buscar inspiração no céu ou no inferno, elas estão a seu lado. E isso me encanta.

Eu viajo muito de trem também e nunca sento, eu percebi isso, é até um cacoete, pela própria formação ou deformação de artista plástico, eu não sento na janela para ver a paisagem, eu acabo sentando no corredor para ver as pessoas. As pessoas no corredor e aí batendo papo com as pessoas, aí puxa conversa, porque aí entra um lado nosso, também brasileiro, que não agüenta ficar calado, não consegue ficar quietinho, que já quer conversar, já quer saber da vida do outro, já dá palpite e já se mete, e tudo isso vai enriquecendo. É o ser humano, porque, na verdade, eu sou apaixonado pelo ser humano. (*o artista plástico*)

## 4.6 Comentários

Analisando as categorias apresentadas, pode-se observar que o trabalho está intimamente relacionado com prazer quando o ser humano pode utilizar a criatividade, a improvisação para realizar ou aprimorar suas atividades profissionais.

Então, a parte material ou financeira fica relegada a segundo plano, uma vez que a pessoa poderia até trabalhar naquilo que gosta sem nem mesmo pensar em obter ganhos monetários.

É o receber dinheiro para realizar algo que faria, com prazer, sem nem mesmo pensar em cobrar.

O pagamento por seu trabalho é uma mera consequência e não o objetivo principal.

Até mesmo aqueles que possuem mais de uma forma de trabalho utilizam de uma maneira mais sadia a remuneração do que é feito com prazer.

O sentir-se amado, o prazer de seduzir as outras pessoas também é assinalado pelos entrevistados como ponto essencial no trabalho realizado com prazer. É um *feedback* importante e aumenta a auto-estima, pois o ser humano se vê no produto final, externiza seu eu e pode sentir o prazer que propicia às outras pessoas, sendo parte integrante do seu trabalho.

O prazer em aprimorar seu trabalho, crescer, criar, ter novas idéias é fundamental para quem trabalha com prazer, utilizando sua capacidade e aptidões de forma integral, sentindo-se valorizado no que realiza.

Assim, as atividades profissionais dos entrevistados são consideradas como prazer e alegria de viver.

Vivem seus trabalhos mais como criação – *ergon* – e não como *phonus* ou *tripalium*, ou seja, como sacrifício e sofrimento.

O processo de realização do trabalho e a transformação que este ato permite são tão gratificantes quanto o produto final.

O processo e o produto permitem a comunicação, externizando suas personalidades.

## CAPÍTULO V

### Conclusões e Recomendações

#### 5.1 Conclusões

Desde os primórdios o ser humano esteve ligado ao trabalho. O trabalho faz parte da essência do homem.

DEJOURS (1993) afirma que a atividade profissional não é só um meio de ganhar a vida, mas também uma forma de inserção social, em que aspectos psíquicos e físicos estão fortemente implicados. O trabalho pode ser um fator de deterioração, de envelhecimento e de doenças graves, mas pode também constituir um fator de equilíbrio e desenvolvimento. A possibilidade da segunda hipótese está vinculada a um trabalho que permita a cada indivíduo aliar às necessidades físicas o desejo de executar a tarefa.

Segundo a teoria desenvolvida por FERGUSON (1996), a humanidade caminha em direção a um novo paradigma, sob novos valores, questiona-se a glória do materialismo econômico. Esse novo paradigma tem como uma das principais características a luta das pessoas para encontrar sentidos e objetivos mais elevados no trabalho, refletindo a necessidade e o desejo de desenvolver o labor que seja veículo de transformação pessoal e também social. (DIMATOS, SILVA & PATRÍCIO, 1999)

O sociólogo italiano DOMENICO DE MASI (1999), em suas vindas ao Brasil, tem falado muito na criatividade, no tempo livre para introspecção e novas idéias.

Dessa forma, a administração do tempo é fundamental para a criatividade.

O ser humano de hoje tem mais tempo que seus antepassados mas o administra mal e vive correndo; a sensação de não ter tempo é enorme.

O presente estudo tinha como finalidade principal encontrar profissionais que trabalham com prazer em suas atividades.

Eles utilizam criatividade, improvisação, sentem-se reconhecidos e amados, têm vontade de aprimorar seu trabalho, não importando seus ganhos financeiros.

Assim, tudo o que é realizado tem um novo sabor, a pessoa sente cada vez mais vontade de trabalhar, melhorar seu nível de desempenho, produzir mais e melhor, cumprindo a sua verdadeira vocação: a de ser feliz e viver bem.

A utilização da criatividade é, fundamentalmente, um aspecto importante do trabalho humano, que contribui para o alcance do prazer das pessoas, no exercício de suas atividades.

Espera-se que o próximo século seja voltado para a Ética e a Estética, respeitando a natureza, na qual o ser humano está inserido, sendo parte vital.

Não se conceberá mais o ser humano escravizado pelo seu trabalho, infeliz, recalcado, valendo, sobretudo, o ser feliz com seu labor, sentir prazer, dentro de um novo paradigma, em que o mais importante é ser e não ter.

Utilizando a criatividade o trabalhador passaria a se ver no produto final, trazendo maior liberdade para o processo de trabalho.

VINCENT VAN GOGH dizia: *“As emoções são, por vezes, tão fortes que trabalho sem ter consciência de estar trabalhando”*. O prazer de trabalhar, de criar algo novo, de ‘extrojetar’ seu eu é tão forte que a pessoa esquece que está trabalhando, confundindo trabalho com divertimento.

A vida é um dom precioso, é um presente único. O ser humano nasce para, primordialmente, ser feliz.

O trabalho, algo tão importante na vida, deve ser encarado como fonte de alegria, bem-estar e felicidade, como forma de aprimoramento do ser humano para que ele possa ser melhor e crescer junto aos seus semelhantes e ao seu Criador.

## **5.2 Recomendações**

Aprofundar este trabalho, procurando entrevistar outros profissionais, com o objetivo de reforçar os conceitos apresentados.

Pesquisar formas de conscientização e tomada de decisão para as empresas adaptarem melhor o trabalho ao ser humano, com a finalidade deste sentir maior prazer em seu trabalho, aumentando, conseqüentemente, a sua produtividade.

Conscientizar os trabalhadores para a importância de sentir prazer no trabalho, fazendo parte do produto final, demonstrando sua personalidade, deixando o seu eu no produto, para a melhoria da qualidade de vida.

## **5.3 Sugestões para Futuros Trabalhos**

Aprofundar esses conceitos com o objetivo de criar um modelo prático para o aumento do prazer no trabalho nas organizações modernas, aumentando a criatividade e a qualidade de vida do trabalhador.

## CAPÍTULO VI

### Referências Bibliográficas

- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 5 ed. Rio de Janeiro : Editora Delta, 1964.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa : Edições 70, 1977. 226 p.
- BUENO, Francisco da S. **Grande dicionário etimológico – prosódico da língua portuguesa**. São Paulo : LISA, vol. 8, 1988. p. 4020.
- BÚRIGO, Carla Cristina Dutra. **Qualidade de vida no trabalho: dilemas e perspectivas**. Florianópolis : Editora Insular, 1997. 184 p.
- D’ACQUINO, Giacomo. **Viver o prazer**. São Paulo : Edições Paulinas/Psicologia Familiar, 1992. 270 p.
- DEJOURS, Christophe et al. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo : Editora Atlas, 1994. 145 p.
- DUBY, Georges. **Le chevalier, la femme et le prêtre**. Paris: Hachette, Pluriel 1981, p. 30.
- ENCICLOPÉDIA BARSA. **Encyclopaedia Britannica Editores Ltda**. Rio de Janeiro/São Paulo : Cia. Melhoramentos de São Paulo, vol. 7, 1974.
- GUYTON, Arthur C. M. D. **Fisiologia humana**. 6 ed. Rio de Janeiro : Editora Guanabara Koogan, 1982. 564 p.
- KANAANE, Roberto. **Comportamento humano nas organizações: o homem rumo ao século XXI**. São Paulo : Atlas, 1995. 131 p.
- KRAWULSKI, Edite. Evolução do conceito de trabalho através da história e sua percepção pelo trabalhador de hoje. **In: Dissertação de Mestrado em Administração**. Centro Sócio Econômico. Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina/Programa de Pós-Graduação em Administração, Área de Concentração: Administração Pública, agosto de 1991. 121 p.
- LEPARGNEUR, Hubert. **Antropologia do prazer**. São Paulo : Papyrus, 1985. 185 p.

- MARTINS, Maria Cezira Fantini Nogueira. **A transição estudante-fonoaudiólogo: estudo qualitativo sobre a vivência dos primeiros atendimentos.** São Paulo : Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina, 1998. (Tese de Doutorado)
- MORAES, Lúcio F. R. As dimensões básicas do trabalho, qualidade de vida e stress. **In: Reunião da ANPAD, 16. Anais.** Canela : ANPAD, vol. 8, 1992. p. 162-182.
- \_\_\_\_\_. O atual da arte da qualidade de vida no trabalho no Brasil. **In: Reunião da ANPAD, 18. Anais.** Curitiba : ANPAD, vol. 3, 1994. p. 305-325.
- NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo – o poder da improvisação na vida e na arte.** São Paulo : Summus, 1993. 186 p.
- NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. **Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.** Rio de Janeiro/São Paulo : Cia. Melhoramentos de São Paulo, vol. 7, 1997.
- NUNES, César. Conferência: Trabalho e prazer. **In: I Congresso Nacional de Educação e Trabalho. XIV Encontro de Profissionais que atuam na área de Educação e Trabalho.** Florianópolis : Fundação Catarinense de Educação Especial – FCEE/APAE, 1998. (mimeo)
- PATRÍCIO, Zuleika Maria. **Ser saudável na felicidade-prazer – uma abordagem ética e estética pela unidade holístico-ecológico.** Pelotas : Editora Universitária/UFPEL; Florianópolis : Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFSC, 1996. 153 p.
- PATRÍCIO, Zuleika Maria et al (org.). Qualidade de vida do trabalhador – uma abordagem qualitativa do ser humano, através de novos paradigmas. **In: DIMATOS, Anna M. et al. A qualidade de vida mediada pela paleta interior – o prazer do artista plástico no processo e no produto de seu trabalho.** Florianópolis : Editora do Autor, 1999. 368 p.
- PRADO, Flávio de Almeida. **Prazer: a energia dos vencedores.** São Paulo : Editora Mercuryo. 1998. 183 p.
- REVISTA EXAME. Edição 684, nº. 6, ano 32, março 1999. Entrevista: Por mais horas de folga, com Domenico de Masi, concedida a Maria Luisa Mendes, pp. 62-68.
- ROBIN, Léon. **A moral antiga.** Porto: Editora Despertar, 1970.
- SCHUTZ, Willian C. **O prazer expansão da consciência humana.** Rio de Janeiro : Imago Editora Ltda., 1974. 189 p.

## CAPÍTULO VII

### Anexos e Entrevistas

**ALTAMIRO CARRILHO:** flautista, compositor, arranjador e maestro.

A pequena cidade de Santo Antônio de Pádua (Estado do Rio) jamais poderia imaginar que aquele menino, que preferia tocar uma pequena flauta de bambu feita por ele mesmo, seria um dia um músico tão famoso. Dotado de uma capacidade criativa sem limites, que ele explora até hoje, Altamiro improvisava sons maravilhosos. Essa característica o tornou inconfundível.

Além da música, ele se interessou também pela manipulação farmacêutica e, desde muito cedo, trabalhava na farmácia de seu tio.

Quando a família mudou-se para Niterói, aos doze anos, Altamiro começou a trabalhar em uma farmácia. Sua mãe reclamava que ele quase não brincava, mas ele levava a sério o que o pai dizia sobre como o saber não ocupa espaço e se dividia entre os estudos, a farmácia e, claro, a música. As brincadeiras, deixava para os finais de semana.

No entanto, Altamiro encontrou-se na música, pois esta lhe oferecia maior prazer, uma grande alegria interior, enfim, o sentir-se inteiramente vivo.

Durante dez anos consecutivos, foi premiado em cinquenta troféus, concedidos pela imprensa especializada como “*O melhor flautista, melhor compositor, melhor conjunto regional, melhor arranjador, melhor diretor musical e melhor disco*”.

Sua carreira internacional começou em 1963, quando se apresentou na Itália, França e Portugal. No ano seguinte, esteve na Inglaterra, a convite da NBC e BBC de Londres, para gravação de programas especiais.

Em seguida, mostrou sua arte no Egito, Alemanha e Líbano, patrocinado pela ONU.

Em 1966, aconteceu sua turnê pela Rússia, onde permaneceu três meses e recebeu crítica como o melhor solista de flautim do mundo, o que deixou-o muito emocionado.

Dois anos depois, partiu para o México, em uma temporada que deveria ser de vinte dias mas que, de fato, foi de um ano, tal o sucesso obtido.

Em 1969 fez extensa turnê pelos Estados Unidos.

Viajou, apresentando seu trabalho, por mais ou menos quarenta e dois países.

Possui mais de sessenta gravações, algumas delas feitas nos Estados Unidos, México, França, Itália, Alemanha e Inglaterra.

No Brasil, suas gravações premiadas são: Antologia do Chorinho 1 e 2, Antologia da Flauta, Antologia das Canções Juninas, Clássicos em Choros 1 e 2 e Bem Brasil.

Extremamente religioso, Altamiro sente-se um instrumento de Deus que, gratuitamente, lhe presenteou com esse dom musical.

O trabalho, para ele, é encarado como uma grande alegria, um contentamento maior.

Ele faz algo com grande prazer interior. Onde está pensa e vive música, ao ponto de desconcentrar-se em uma loja, por exemplo, se ouve qualquer música.

Aí para e fica prestando atenção e imaginando como tocar a música ouvida.

*“O trabalho é necessário a todos, pois coloca o cérebro a funcionar. É preciso amar o trabalho. Não se pode fazer nada sem trabalho, objetivando a satisfação das necessidades materiais e da criação de algo.”*

Perguntado sobre o cotidiano do seu trabalho, Altamiro comenta que não tem rotina, pois seu trabalho é realizado em local e hora diferentes. Ele costuma viajar muito para apresentar seu trabalho.

Suas viagens ocorrem, também, em um plano mais elevado. Se, por exemplo, está tocando música religiosa, sente uma paz proveniente de entes mais evoluídos, enfim, energias melhores.

Altamiro sente muito prazer ao realizar seu trabalho, principalmente porque consegue criar. Com a criação ele sente um prazer total. Utilizando a criatividade dentro da improvisação ele sente muito prazer e não esquece o que oferece alegria e satisfação íntima.

No início, sua preocupação era a de agradar a todos. Hoje sabe que é muito difícil; o importante é agradar a maioria. Pela sua experiência já sabe o que irá agradar seu público.

*“O público é sempre bom, o artista deve chegar ao público.”*

Assim, o artista tem muita alegria em agradar a maioria. É “o prazer do dever cumprido e cumprido com prazer”, em suas palavras.

**ROGÉRIO JOSÉ FERNANDO LESSA:** gaúcho, bancário e músico profissional.

Trabalha no Banco do Brasil S/A, em Florianópolis (SC), há onze anos. Atualmente, trabalha na área de suporte de serviços gerais, contabilidade, administração do prédio da agência, expedição de malotes e devolução de cheques, exercendo a substituição de gerente de expediente. Seus clientes são todos os setores do banco e órgãos como a engenharia e a superintendência.

O trabalho significa sobrevivência, é um meio de sobreviver. Não significa algo feito com alegria ou prazer.

Sua rotina de trabalho não é “das melhores nem das piores”, em suas palavras. *“O trabalho não é muito massacrante, não é uma coisa triste ou deprimente. É um dia a dia normal de uma empresa. É preciso trabalhar, cumprir as metas da empresa e atender as pessoas da melhor maneira possível”.*

Quanto a prazer no trabalho não sente em tempo integral. Existem momentos quando consegue atingir uma meta, por exemplo, ou atender bem um cliente. *“Tu notas uma certa satisfação, aí a gente sente um certo prazer. É apenas uma satisfação pelo dever cumprido, cumprir uma exigência da empresa”.*

“Na verdade, sou músico profissional, aí me realizo bem com a música, canto nos fins-de-semana em bares, shows; aí me realizo com essa outra profissão”.

Desde sua infância, quando Rogério via um artista na TV, pensava: *“Quero ser isso amanhã”.* E depois que se começa a se apresentar no palco, a pessoa vai se descobrindo e vendo a alegria que causa nas outras pessoas. *“Aí tu queres mais e mais. É quase como um vício, uma coisa muito gostosa de fazer. É tocar, é música, é cantar. É viver da música”.*

Sem nenhuma dúvida, este trabalho oferece mais prazer do que o outro no banco. Rogério usa o trabalho no banco como um suporte para poder encarar a outra profissão que é a música. É difícil sobreviver somente com a música, o banco é um suporte financeiro.

Por outro lado, existe uma diferença na utilização do dinheiro vindo como resultado do trabalho no banco e aquele proveniente da música.

A sua sustentação provém do dinheiro do banco (inclusive Rogério ajuda financeiramente sua família).

Com o dinheiro da música aproveita para ir a outros shows, compra um CD ou fita, enfim, vai a um show de um bom artista. Em suas palavras, “... *gasto com o dinheiro da música, o que me traz prazer*”.

A música oferece total liberdade de criação; no banco é diferente, é um trabalho “... *mais sisudo, mais rotineiro, é preciso respeitar várias e várias regras, tu ficas muito metódico*”.

Na música é possível “viajar mesmo” e no banco é quase o contrário, pois é necessário seguir as instruções, “fazer as coisas como têm de ser”.

Assim, não se tem o direito de ser criativo no banco, senão alguém começa a desconfiar.

Nos finais de semana, quando sai do banco, Rogério sente-se vivo.

É uma terapia, pois quando sai do banco, esquece que ele existe.

*“Na sexta-feira, vou cantar por aí, extravasar tudo e depois vem a depressão, a volta para o banco na segunda-feira. É um sacrifício, ter de ir para lá de novo.*

*O banco é a minha cruz. Não odeio, mas o banco não ajuda a ter prazer, não oferece condição e não se pode fazer nada para mudar, tem de seguir o rumo, o fluxo dos acontecimentos”.*

A dualidade de profissões e atividades lhe faz bem. Uma coisa liberta a outra, por exemplo, se “... *estou chateado no trabalho, chego em casa, ouço ou toco música e aí, dá o balanço exato para a coisa*”.

Mesmo que a música não lhe dê retorno financeiro, é algo prazeroso, gratificante, em que se pode criar, enfim, se realizar como pessoa.

*“Aquela coisa do público e do palco é algo simplesmente mágico; é fantástico”.*

Rogério sente-se mais músico do que bancário, uma vez que não tem vocação para as atividades no banco.

Falando sobre música e improvisação, Rogério salienta que procura criar em cada música, fazendo uma interpretação diferente da original.

*“As pessoas chegam e falam que não é assim que se canta essa música ... Não tem que existir a obrigação de se cantar uma música do Chico Buarque, por exemplo, no mesmo tom. A Elis Regina, uma das maiores intérpretes de música da história do país, dava uma interpretação única para cada canção, para cada música.*

*Jamais tu vais cantar uma música do mesmo jeito.*

*Então, isso é muito gostoso, poder criar, improvisar. Isso é que é legal e dá muito prazer”.*

**LUIZ FERNANDO PIRES:** gaúcho, paisagista e jardineiro (floreiro).

Autônomo, faz projetos de jardins e os executa.

Perguntado sobre a significação do trabalho, Fernando pondera que é uma parte da vida, local de crescimento, “... *saber que trabalhando você vai ter muitas coisas e, sem trabalho, a gente não é nada. O trabalho purifica a alma da gente, faz crescer, amadurece*”.

*“Tu vais fazer uma coisa, vais fazer um serviço, aí depois que termina aquele serviço, tu ficas feliz. Você realizou aquele trabalho, você é capaz de fazer alguma coisa para a sociedade. Às vezes eu não tenho condições de trabalhar, porque não tenho estudo, mas, de repente, você tem o dom de alguma coisa, onde você vai, faz aquele serviço e aí, as pessoas dizem: ‘Pô, foi o Fernando quem fez aquele serviço ali!’ Aí, tu olhas prá trás e, realmente, eu tenho condições de fazer alguma coisa, onde as pessoas notam”.*

Fernando tem várias profissões, mas o que ele mais gosta é a parte de paisagismo, ajardinamento, mexer com a terra, “... *fazer terra, fazer muda de flor, folhagem, semente, ver aquela plantinha germinar ali; é uma vida que está ali*”.

Fernando também trabalha com música, tira música, toca, às vezes à noite, instrumentos como cavaquinho, banjo e percussão.

Sua principal profissão é a de auxiliar de enfermagem em um hospital de Florianópolis; fez curso específico e concurso para ingressar no hospital.

Em suas palavras: “*É uma profissão que eu gosto assim. Gosto de fazer aquilo que faço ali, lidar com material de cirurgia. É uma coisa que já venho trabalhando há vinte anos*”.

O material é usado num paciente, em uma cirurgia que foi executada, aí o material volta para mim e eu tenho que deixá-lo de molho em um produto químico, tirar o sangue para deixá-lo mais limpinho, aí, depois, passo uma escova no material.

De repente, é material de estufa ou autoclave, aí tu tens que acomodá-lo em caixa metálica para esterilizar na estufa ou em campo de pano para colocar na autoclave. Aí faz a esterilização do material.

No outro dia tu já entrega aquele material de novo para ser usado em outro tipo de cirurgia.

Tem vários tipos de materiais ...

Perguntado sobre a rotina de trabalho na jardinagem, Fernando enfatiza que um dia é diferente do outro.

Na jardinagem ele possui vários clientes, diversos tipos de jardins: jardim suspenso, floreiras, campo aberto, canteiros de prédios ou casas.

Assim, os projetos são bem diferentes.

*“Então, ali, a gente tem que bolar, ver como vai ser, o que vai colocar de planta, se a planta gosta de pegar sol, se é folhagem ou flor, qual tipo de flor que vai, se ela gosta de receber bastante água, se não gosta de receber água ...*

*Então, a gente trabalha assim com aquele amor que tu sabes o que estás fazendo. Tu realmente estás lidando com aquela flor, olha essa flor é para colocar nesse cantinho, porque aí ela vai se dar bem, o habitat dela é aqui.*

*Não adianta pegar uma planta do sol e colocar na sombra, ela não vai ter desenvolvimento.*

*Ela vai ficar ali, o desenvolvimento dela vai ficar parado, não vai desenvolver, não vai dar flor, as folhas não vão ter aquele brilho. Tudo isso influi muito no local aonde você vai colocar uma folhagem ou uma flor. É uma vida que está ali, ela quer respirar, estar em contato com o sol, com a claridade, tudo isso, então a gente, eu sei fazer isso. Nunca me ensinaram. Eu estudei, li muitos livros, observo muito em outros lugares que vou, em outras capitais que eu vou e vejo muita reportagem também pela televisão, vídeo.*

*A gente vê entre um país e outro, tu vê a diferença de uma flor daqui do Brasil.*

*E de Florianópolis, inclusive. Aqui em Florianópolis o clima é muito ruim para flor.*

*As flores duram pouco.*

*Eu ainda tenho que entrar nessa parte de estudar um pouco o tempo de duração de uma flor. A gente sabe que, colocando uma flor em um ambiente que ela gosta de sol, a gente sabe que ela dura muito tempo. O tratamento que a gente vai dar, a época de adubação, botar uma terra boa, estar sempre cuidando dela, não deixar as pragas tomarem conta ...*

*A mesma coisa uma pessoa, se tu não te cuidar, se tu andares muito com os pés na umidade, te dá um resfriado, uma infecção urinária, talvez, tu já vais ter de ser medicada.*

*A mesma coisa a planta. Se tu molhares demais, vai dar uma causa de uma bactéria nela, se tu molhares de menos, ela vai morrer porque está seca, ela gosta de água, da umidade.*

*Este trabalho me dá muito prazer. É o que me realiza dia a dia. Tu sabes que eu trabalho na saúde. E vem com esse problema financeiro, é uma coisa que eu também não ligo para o problema financeiro. Se eu tenho hoje um pouco, fico com esse pouco. Então, amanhã começo a trabalhar com uma florzinha, pronto, aquilo ali já me ajuda. Nem que eu ganhe pouquinho, mas já me ajuda.*

*Tudo o que eu tenho ganho hoje, eu tenho meu apartamento bem mobiliado, tenho meu carrinho que tá lá, precisa de uma reforma, mas tudo das plantas, das flores, da parte vegetal, tudo me ajuda.*

*E também, um pouco de mim, porque não fosse de mim ... As plantas ajudam muito.*

*O que me remunera para comprar o que eu quero é o trabalho da jardinagem. O outro é para fazer algumas compras, pagar algumas contas de luz, telefone, ...*

*Vamos supor, eu estou trabalhando na casa da tua mãe agora, hoje. Aí eu recebo aquele dinheirinho, também tem isso, eu sei que ela vai pagar.*

*As vezes a gente recebe um dinheiro mal pago, que a pessoa diz: Ah!, mas ele fez aquele serviço num dia e ganhou R\$ 50,00. Pô, foi muito dinheiro para pouco serviço. A pessoa não valoriza aquele serviço que tu fizeste com tanto carinho. Aí, tu pegas o dinheiro e nem sabes como gastou, tu gastas ele assim, que nem água.*

*Aí quando tu vais a um local que as pessoas te dão aquele valor assim, ‘gostei, o teu serviço é ótimo’, valoriza aquilo que estás fazendo. Aí tu recebes aquele dinheiro e te dá prazer em gastá-lo.*

*Realmente, vale a pena trabalhar. É outra coisa, trabalhar com prazer e receber aquele dinheiro bem pago. A pessoa te pagar.*

*Vou contar uma coisa: também trabalho com pintura, em dias de chuva. Um dia pinte uma grade, lavei a grade, passei lixa, deixei bonita e pinte.*

*Na hora de receber o dinheiro, aí o dono da casa achou que eu tinha cobrado demais, que o dinheiro que ele me pagou não valia o serviço que eu fiz.*

*Aí fui viajar, precisei ir a Curitiba fazer uns exames; eu tinha feito uma cirurgia em Curitiba, fui fazer uma rotina de exames. Não é que eu perdi esse dinheiro que eu recebi no trabalho?*

*Paguei a passagem e fiquei com o resto do dinheiro, peguei o ônibus, cheguei em Curitiba, cadê o dinheiro, fiquei sem dinheiro lá. Ainda bem que tenho uma cunhada que mora lá e me pagou a volta”.*

Na jardinagem, Fernando utiliza a imaginação, a criatividade, não importando o tipo de serviço. E afirma:

*“... não sou muito de escolher serviço, aparece um serviço, vou e faço.*

*As vezes, pego um serviço que é só mato e não tem mesmo como começar. Não sei por onde vou começar a fazer este serviço, aí me sento, olho e vou começar por aqui e quando eu vejo, já acabei o serviço, estou cansado.*

*Eu uso a imaginação, a criatividade.*

*Muitos paisagistas calculam o m<sup>2</sup> e um m para cá. Eu vou ali com meu olho, é aqui que vai, quantos metros para cá, a grama é aqui. Fica tudo na cabeça. E volto outro dia, fica tudo na cabeça.*

*As vezes passo sempre por um jardim que está muito mal cuidado, converso com aquelas plantas, aquelas flores que estão mal cuidadas; um dia ainda venho aqui cuidar de vocês.*

*Vocês estão muito mal cuidadas.*

*Então, um dia passo ali e dou meu telefone para a pessoa, o síndico, o zelador ou o dono da casa ou ele mesmo me vê trabalhando em algum lugar e diz: Não queres trabalhar lá na minha casa? Aí, quando vou lá – Pô, já passei por essa casa e já tinha vist o estas plantas.*

*Converso muito com as plantas, com as flores, acaricio elas. Um contato que se tem com elas, tem que ser bem carinhoso. Tem que agarrar uma planta, uma flor, plantar com carinho.*

*Esse negócio de plantar, pegar assim, plantar e jogar ali e colocar terra por cima é a mesma coisa que estar enterrando alguém. Não diz nada.*

*Eu digo: tomara que tu venhas muito linda, eu sempre digo e elas estão sempre bonitas as plantas, né? Aí, eu coloco muito adubo químico, não muito, dependendo da época, com esse calor não pode, se não maltrata muito a parte da raiz da planta.*

*As pessoas que lidam com os animais, também.*

*Os médicos principalmente. Tem muitos médicos que são carinhosos com os pacientes, tratam bem e aí, tu te sente bem indo num médico.*

*Aquela médica, aquela ginecologista me tratou tão bem, como dizia, da mulher com mulher. Ou um médico com uma paciente mulher. Aí tu vê aquele carinho que a pessoa tem contigo. Agora, tu vai num médico, como sei de algumas pessoas, agora falando na parte ética que a gente nem devia tocar. A gente sabe, ouve as pessoas comentarem – Ah, aquele médico foi tão grosseiro comigo, nem conversou comigo direito, nem me examinou, nem passou a mão em mim, parecia que estava com nojo de mim.*

*Tem isso aí, o contato físico da pessoa que está lidando com outro ser vivo que é a planta.*

*Tu vê assim uma planta que está com uma doença, um tipo de pulgão, sei lá, um tipo de uma doença, tem vários tipos. Aí tu vai tratando aquilo ali, coloca um veneno, tu tens que usar um pesticida para matar aquilo ali. Aí tu vai vendo que a planta vai renovando as folhas, aí tu coloca uma camadinha de terra nova, tu vê que cada dia, eu faço assim, não sei se as outras pessoas fazem, cada dia ou cada semana, tu vai lá, olha ela, está saindo uma folhinha, já está se recuperando, já está se reanimando a planta e quando tu vê, de um dia para o outro, ela já está cheia de folhas novas, aí tu vê o que é a natureza e o que se pode fazer por uma planta.*

*E ela faz muita coisa pela gente. Muita gente não sabe o que uma planta faz pela gente, o ar, renova o ar. Então, a gente tem que fazer isso sempre, cuidar da natureza.*

*Aqui em Florianópolis, por exemplo, eu tinha uma certa paixão, vontade de um dia pegar na Prefeitura para fazer essa cidade ficar linda de flores, fazer uns jardins bem bonitos; já tem*

*algumas coisas. Agora, eles já estão dando mais valor ao jardim. Antigamente ninguém valorizava. Podia ver como os jardins eram feios. Agora, a Beira-Mar já está com outro aspecto. Tem muito a melhorar.*

*Eu gostaria de entrar nesse ramo. Futuramente, quem sabe. Pretendo fazer faculdade no ano que vem. Estudar novamente para me aperfeiçoar cada vez mais, porque a gente tem que melhorar. A gente não pode parar. Agronomia, lidar com a terra. Já lidei muito tempo com plantas. Já tive até duas floriculturas, mas não deu certo”.*

Perguntado sobre a existência de estigma sobre sua profissão, Fernando pondera que antigamente existia.

*“Na minha pessoa não. Agora, vou a qualquer lugar, digo o que eu faço, assumo, adoro fazer isso, mas, antigamente, até meus parentes, quando falava nisso, ficavam falando, achando que essa profissão que tenho até hoje, que eu faço jardinagem, era coisa mais para pobre, só pobre fazia esse serviço. Então, não tem nada a ver. Toda a vida eu fiz e disse para eles, se eles quisessem aceitar, aceitavam. E eu sempre ia fazer.*

*Até um cunhado meu (da parte da minha mulher) desviava, em vez de passar por uma rua, ele passava pela outra.*

*As vezes, eu estava carregando uma flor ou uma caixa de flor ou talvez até uma enxada mesmo. Eu ando assim no centro. Eu ando com uma enxada, com uma tesoura na mão, ando com uma caixa de flor pelo centro da cidade. Para mim é a coisa mais natural que existe. Que é que estou fazendo de errado? Eu acho até que estou fazendo uma coisa bonita. Muitas pessoas me elogiam muito pela simplicidade que eu tenho. E uma calma que já carrego, talvez por trocar uma certa energia. Porque eu também dou uma certa energia positiva para as plantas. Não é só dizer que tu estás tirando energia delas. É uma troca de energia, né?*

*A terra sim, a terra te faz bem. Agora, e tu para a terra? Tu vais renovar a terra, colocar umas minhoquinhas ali. Botar água, pois se tu não colocar água na terra ela vai morrer, vai estar morta.*

*As vezes eu fico pensando, às vezes estou executando uma música, trabalhando até com as plantas, porque a gente pensa muito, lidando com a planta, com a folhagem, com o canteiro ali, tu estás pensando em algumas coisas.*

*Aconteceu isso comigo, aconteceu aquilo comigo. E parece que tem um anjo sempre do teu lado, uma pessoa ali sempre do teu lado, sempre te dando força e energia.*

*As vezes, tu estás cansado, será que não vou conseguir fazer este serviço? Aí ele está ali, aquela pessoa, um ser ali, tu imagina quem possa ser, talvez um pai, uma mãe que já morreu, ou um irmão, ou até um Deus das flores ou uma deusa, pode ser também, né?*

*Então, eu me sinto bem, eu não tenho nada.*

*Eu apoio, apoio quem for trabalhar com isso, dou o maior apoio, ajudo, quem sentir alguma dificuldade em usar algum tipo de adubo eu ajudo. Eu não tenho esse negócio, porque eu sei fazer, não vou ensinar ninguém.*

*Futuramente eu também quero ensinar talvez até crianças que estão nessa vida largada aí. Talvez eu tenha até um projeto das pessoas contratarem um profissional para ajudar a ensinar a plantar alguma flor, como fazer. Tirar as crianças da rua e fazer um trabalho assim, exatamente.*

*Eu andava fazendo: tudo o que era jardim que eu ia fazer eu arrancava assim, a pessoa que me contratava me dizia: – olha, Fernando, tu tira esse coqueiro aqui e bota fora, faz o que tu quiseres com ele, tira aquela cheflera, aquela árvore, aquela palmeira, aí eu pegava o meu carrinho, botava tudo em cima e levava para uma pracinha lá da Coloninha, aonde eu moro, no bairro de Fátima com Coloninha, numa pracinha deserta, sem nada, só cimento, terra e areia, né. Aí eu comecei a plantar tudo o que eu arrancava dos prédios, das casas, que ia para ser jogado fora, eu fazia um sacrifício e plantava lá. Mas eles, aquela pobreza que tem lá prá baixo, tem uma favela prá baixo, eles iam lá e quebravam tudo. E eu insistia, ia lá e botava de novo e eles ficavam rindo da minha cara. É um palhaço que tá lá fazendo aquilo lá, nós vamos*

*lá prá arrancar, não adianta. E eu insistia. Até que ainda tem mais algumas lá, alguns ficos, que estão vindo, com muita dificuldade, mas estão vindo.*

*E eu sempre faço isso nas comunidades aonde eu vou. Vou sempre plantando uma plantinha ali, boto ali. Quando eu morava na Floresta lá, tanto eu lutei para fazer uma praça lá e nunca consegui, olha que eu batalhei. Agora fizeram uma praça lá.*

*Lidar com a comunidade não é fácil.*

*Na parte do jardim, nesses dias um síndico me pediu para fazer um orçamento de um prédio, fazer um projeto.*

*Mas, aí eu fiquei ali, como é que eu vou fazer isso. É tão complicado. Aí tu vê o projeto da construção, aí eu tive que ver a hora que ia passar o sol, eu fiquei ali sentado, que hora vai passar o sol aqui para eu ver o que eu vou fazer, se vou botar planta lá, é porque tem que saber isso. Aqui na casa da tua mãe em fiquei também um monte de tempo vendo o sol. Aí o sol passou, eu calculei a hora. Ele passa das 10:00 às 14:00 horas o sol, no verão vai passar de tal hora a tal hora. Tem que calcular isso, vai ter de molhar a planta.*

*E esse prédio que fui fazer, fiquei ali cuidando, cuidando, cuidando. Foi esse da esquina, podes ver que lindo, foi esse que eu fiz ali. E vê as plantas que fiz ali, estão até hoje. Dois anos as flores estão dando flor. Aí todo mundo diz assim: - Ah, isso não vai dar, vai morrer com esse calor aí. Não, foi bem calculado.*

*E hoje me sinto feliz. Passo ali, dou manutenção nas plantas, tou ali até hoje, fazendo manutenção. E está cada vez mais bonito. Todo mundo elogia quando passa ali. Até um americano passou ali, era uma mulher americana, lá da Califórnia, ela falou mais ou menos e eu entendi, a gente entende um pouco inglês, né. Ela falou ali, ela deu altos elogios ao meu serviço. Parabéns mesmo! Ela falou um pouco brasileiro, um pouco americano, olha ela deu altos elogios! - Trabalha muito bem, obrigado. Cada vez aprendendo mais. Isso ajuda muito, uma pessoa te dá um elogio”.*

Fernando principiou a contar como começou a trabalhar com jardinagem, como sentiu motivação para esse tipo de trabalho.

*“Depois que eu casei, a minha vida não estava muito bem, eu trabalhava só no hospital e estava passando um certo tipo de dificuldade financeira. Aí eu disse: vou começar a cortar grama. Nunca tinha cortado grama na minha vida. Aí cheguei na casa de um senhor lá: - o senhor não quer que eu corte sua grama? Aí ele perguntou prá mim: Mas tu tens máquina?*

*Não, eu não tenho nada, mas em posso conseguir. Aí ele disse: quando é que tu podes vir? Aí eu disse: eu venho amanhã, então.*

*Aí fui em casa, arranjei dinheiro, comprei uma tesoura e um facão e fui.*

*Aí cheguei na casa dele e cortei com tesoura a grama. Quase morri trabalhando. Quase morri cortando grama com tesoura. Aí peguei o facão e fiz o acabamento na grama lateral, aquele quadradinho bem certinho, coisa que nunca imaginei que ia fazer aquilo. Aí fiz aquilo ali e o homem chegou e achou diferente dos outros serviços que as pessoas iam fazer lá, achou o meu trabalho diferente, gostou muito.*

*“Gostei do teu trabalho, quanto é?” Eu disse: não sei nem quanto vou cobrar, estou fazendo, é a primeira vez. - ‘Olha, eu te pago tanto.’ Não me lembro na época. Na época era cruzeiro, acho que foi uns dez cruzeiros, não sei quanto ele me pagou.*

*Aí comecei. Aí ele passou para uma vizinha dele que foi lá e gostou do serviço e assim fui, de um para o outro, de um para o outro. Aí comecei a me empolgar com aquilo ali, achando que eu tinha condições de trabalhar mesmo, que era um dom que tinha e comecei a me aperfeiçoar, comprei uma máquina, uma maquininha dessa tipo da Arno assim, fios de nylon e fui cortando, fui cortando grama. Hoje já estou ...*

*Desde criança plantava com a minha mãe, florzinha, roseira, eu me lembro uma vez, quando eu tinha uns seis anos, que a minha mãe disse assim: ‘Ah, eu planto essa rosa aqui, rosa em penca, roseira de cerca, ela é tipo buganvília, vai se entrosando pela cerca e vai dando aqueles botões de rosas, aquelas pencas de rosas.’ A minha mãe dizia: ‘ Eu não consigo fazer uma muda.’ Aí*

*um dia eu cheguei: ' Não, mas eu vou fazer, ' fui lá, cortei um galho, cravei na terra e, dentro de uma semana, já estava tudo brotando. Num ano floresceu tudo. E tem até hoje lá o pé de rosa. A minha mãe já morreu, já tenho 42 anos e a roseira está lá, a coisa mais linda. Quantos anos faz ...*

*Eu quero saber a duração de vida das plantas, se depende da gente e se a gente for cuidando sempre ela dura bastante anos. Ainda vou estudar mais sobre isso. É interessante estudar a outra vida, um outro tipo de vida, como é a vida vegetal.*

*As pessoas ... As vezes eu fico até imaginando quando a pessoa quebra, às vezes eu planto, como aquela pracinha, plantei aquela árvore lá, arranquei de um lugar que ela estava sendo maltratada e vou botar na pracinha, porque aí ela vai dar uma árvore e todo mundo vai admirar aquela árvore. E, ali, ela vai durar uma vida toda, ninguém vai quebrar. Aí chego lá e ela está com um galho quebrado, ou ela está arrancada.*

*Aquilo ali, olha, bate muito no coração. As vezes dá até raiva. Ah, se eu pego eles, dou uma xingada”.*

Perguntado sobre sua outra paixão na vida, Fernando fala:

*“A música também é um veículo que me deixa feliz. Eu fico muito feliz quando toco. Assim quando eu tiro uma música.*

*Vamos supor, um conjunto toca um samba ou um pagode e, aí, eu gosto daquela letra, daquela melodia ali, então eu chego em casa, pego o CD, tenho que conseguir tirar essa música. Aí eu fico ali em cima, será que é em dó, será que é em ré, será que é em mi. Tiro de ouvido.*

*Aí, afino o cavaquinho na afinação correta, no diapasão; tem um aparelhinho, aí eu boto na afinação igualzinha da pessoa que está tocando lá, que tirou a música, quem tá tocando o CD. Aí me sento lá, afino os ouvidos e fico lá, tiro a música, aí depois tiro a letra e saio cantando. Não digo igual, mas no mesmo tom. O importante é isso, é tu tocar a música. E canto também. Mas, às vezes é assim, uma música tu cantas num ré, por exemplo, a tua voz alcança um ré, mas eu não consigo cantar em ré, vou cantar em ré menor, em sol menor, em sol maior aquela música.*

*As vezes vou tocar com meus amigos lá, eles têm uma voz meio grave, tua voz é aguda, o tom, aí consigo achar o tom deles. A gente ensaia muito, fica lá, tocando a música até tirar. Também é uma coisa que eu gosto muito. Claro que é um estilo bem diferente, traz bastante alegria, eu me sinto muito bem tocando.*

*Eu também não sei se isso aí é uma parte que vem ...*

*Eu tinha um irmão que morreu, um irmão mais velho, que tocava muito cavaquinho, tirava muita música. E ele morreu novo, né? Ele morreu com cinquenta e poucos anos. Ele morreu novo. Nós sentimos a falta dele até hoje. Tu vê, a do meu pai, a gente não sente tanto. Meu pai morreu com noventa e um anos. Mas o meu pai podia até viver mais, ele era muito forte. E a minha mãe morreu com setenta e oito.*

*Mas, esse meu irmão era muito alegre, era uma pessoa assim que criava muita coisa.*

*A gente fazia teatro, essas coisas assim, também a gente fazia muita brincadeira.*

*Nós éramos uma das famílias mais bem unidas do lugar onde a gente nasceu, do interior de Porto Alegre. Então, a gente tinha uma família muito unida.*

*Hoje, já tá desunida, cada um para o seu lado; meu pai morreu, ele também morreu esse meu irmão, aí cada um começou a pensar: - Ah, a vida não é assim ..., cada um para o seu lado.*

*Então, hoje, nós fizemos a reunião agora em Porto Alegre, a última vez, agora, que eu estive no final da semana passada, agora dia 4, dia 5, feriado dos Finados, reunimos lá 50% da família e vamos voltar tudo de novo, vamos reativar.*

*É, porque família é coisa mais importante que existe, né?”.*

**DULCEMARA SOUZA:** natural de Bom Retiro (SC), gerente de uma loja de perfumaria em Florianópolis (SC).

Perguntada sobre o que é trabalho, o que significa trabalho, Dulce responde que trabalho, além de ser uma renda, é o essencial na vida. Não é somente a parte financeira, mas prazer.

A vida é o trabalho; não saberia viver sem trabalhar.

Quanto à rotina de trabalho como gerente de loja de perfumaria, Dulce comenta:

*“A rotina é corrida, desde às 9:00 horas, a hora que entra até às 19:00 horas. Primeiro, serviço burocrático, prepara tudo, mas precisando atender, vou para o balcão, pacotes, é direto, o dia todo, é perfumes, é mostrar, é comprar, é vender e essa é a rotina diária”.*

Questionada sobre se sente prazer no seu trabalho, ela responde que sente muito prazer.

O que mais a encanta no que faz é o atendimento ao público, o diálogo.

*“É atender as pessoas, é conversar, explicar, é o vender, sabe, esse é o prazer. Tenho muito interesse no que faço. É uma coisa que eu gosto. Então, eu acho que não adianta fazer cursos, se não faço o que gosto. Então, eu faço, fiz alguns cursos, mas eu me interesso pelo produto, porque só se vende conhecendo. Então, se eu conheço bem o produto, eu passo segurança para o cliente e vendo o que eu quiser. Esse é o negócio. Esse é o segredo. Se tu não conhece, tu não passa segurança para a cliente, ela fica insegura: Ah, mas será, será ... E se tu não, é isso, é bom, é agradável ou é um produto que vai te dar o resultado, a pessoa leva sem dúvida. O maior segredo é a segurança que tu passa”.*

Dulce teve outros empregos antes deste.

*“Trabalhei, fiz estágio no Banco do Brasil; trabalhei em uma outra perfumaria só que diferente, presentes; trabalhei em uma loja também grande que tinha confecções, calçados, no geral, presentes; como caixa em um supermercado; isso em Bom Retiro. Agora, em Florianópolis, só nessa perfumaria. Havia diferença no trabalho, como prazer. Para mim, sempre foi mais prazer, mesmo nessa loja que tinha tudo, eu trabalhei na perfumaria. Nessa loja eu vendia todos os produtos, mas o que mais me interessava era a linha de perfumaria. Então, onde eu me encontrei, foi aqui. Nesta eu me sinto à vontade, eu vendo e é tudo o que eu gosto. Então, passo o dia todo e eu não vejo passar. Esse é o que é o prazer. Esse é que é o prazer. Porque se não, tu fica, não vê a hora de ir embora, não vê a hora de ir embora; é assim, no lugar que tu não tem o prazer em trabalhar, não vê a hora de dar 5 horas, 7 horas para ir embora. E é assim. Aqui não, quando eu vejo, pronto, tá na hora de ir embora, puxa, mas como passou rápido!”.*

Perguntada se sente saudades do emprego, Dulce responde que, de forma diferente, sente saudades de todos os empregos que passou, só que de formas diferentes.

*“Aqui, com certeza, tenho vontade de trabalhar, nossa!*

Se eu saio em férias, eu não saio nunca trinta dias de férias, eu sempre pego parcelado, porque sinto muita falta”.

Questionada sobre a utilização da criatividade no seu trabalho, Dulce afirma:

*“Com certeza, sempre crio, sempre inovo, sempre vou buscar uma coisa diferente, para mostrar coisas diferentes, não adianta ficar na mesmice. Buscar produtos novos e com os clientes, também, os dois. Tanto com o produto, sempre buscando produtos novos, sempre, todo mundo quer novidades e, também, com os clientes, mostrando, apresentando coisas diferentes, sempre criando. É a necessidade em todos os sentidos”.*

A especialização da loja é a perfumaria.

*“Natura vendemos mais por causa da estética facial. Importados, nós temos uma grande variedade de perfumes e também trabalhamos com variedade muito grande em cosméticos e maquiagem. Mais em maquiagem do que cosméticos. E, depois, a gente tem linhas de shampoos, tratamento capilar. Mas, isso não é o forte. O forte mesmo é perfumaria e a maquiagem. Esse é que é o forte da loja”.*

Falando com a pronúncia correta os nomes dos perfumes franceses, Dulce afirma:

*“... ter esse interesse, pois tem de haver, porque tu tens que passar o certo para o cliente. É claro que várias vezes eles vêm e pedem diferente, mas tu também não podes corrigir. Então, tu pronuncia. Eles perguntam: ‘Mas como se fala esse perfume?’ Tu, pelo menos, o nome deles, tu tens que saber. Procurar sempre falar o correto. E faço isso com muita alegria, muito prazer, com certeza. Nunca tento passar assim nada negativo. Porque, às vezes, tu não estás bem, claro, acontece dias. Mas na hora que tu entra aqui, na hora que tu estás conversando com o cliente... tu tem que ser outra, tem que passar o bom, o prazer. E, realmente, é o que a gente sente. Aqui é muito bom, o ambiente é muito gostoso, muito saudável”.*

Dulce gerencia a loja.

*“Aqui é uma loja pequena e, então, subordinada a mim, tem uma funcionária. Só tem nós. Depois, tem a proprietária, a mãe dela também e a gente trabalha juntas. Compras, vendas, banco, importadora, então é tudo. A contabilidade é feita pelo contador. A gente prepara, mas manda para o contador. É muita coisa”.*

*“No estágio do banco, foi muito válido, era para ser um ano e fiquei mais seis meses, um ano e meio. Era um lugar que eu gostava, tudo; foi bem diferente.*

*Mas eu me encontro mesmo é assim, com o público, assim, cara-a-cara e vendendo. E, principalmente, cosméticos; adoro. O produto traz prazer em si, tu vende, tu aplica na pessoa também, tu mostra, tu vê que ela gosta, ela se olha e fica bonita. É um perfume, é uma coisa para ela se sentir bem. Então, é diferente. E cada um se encontra.*

*Eu me encontro muito aqui, então eu venho, é uma coisa assim que eu tenho vontade de sair de casa para vir trabalhar.*

*E tem muitas pessoas que saem de casa e vão trabalhar por ter de ir, sei lá, por falta de opção ou não se acha em outra. Eu não, eu saio de casa assim, pensando, vou para casa pensando o*

*que tenho que fazer, o que tenho que resolver, então, estou sempre em função, amanhã quero fazer uma coisa melhor, sabe, então é diferente.*

*Tenho toda a liberdade para criar, muito prazer.*

*Eu não sei, sabe, já pensei em fazer uma Universidade, pensei em fazer o vestibular, mas pensei, para que eu faria, sabe ... Eu não sei assim o que eu gostaria de fazer. Eu gosto de conversar, de estar junto, de ver novidades; é diferente.*

*Tenho muito prazer em trabalhar aqui, eu acho excelente. As pessoas também são ótimas, tanto cliente como as pessoas ... Isso influencia muito”.*

Dulce mora com as pessoas da loja e conversam muito sobre o trabalho.

*“A gente vem trabalhar, vai para casa, conversa sobre o assunto da loja. É tudo muito agradável. Não é peso, porque tudo é bom.*

*Então, eu chego em casa, às vezes, levo para passar um pedido. E passo e fico, e a gente conversa, ah, sobre o perfume, passei este aqui, chegou esse, esse é lançamento, a gente fica falando”.*

Questionada sobre o significado de passar um pedido, Dulce explicou:

*“... passar um pedido, é fazer um pedido, passar um pedido de produtos, enfim, fazer encomenda.*

*As vezes, não deu tempo na loja, levo para passar à noite em casa, mas não acho problema nenhum, sabe. Não interfere no que ganho, quero ficar, não faço para ganhar hora extra, não importa, não fico para ganhar hora extra. É diferente, eu também ganho diferente. Então, é uma coisa muito boa. Se passar o tempo, a gente ganha hora extra.*

*Se hoje eu precisar ficar te atendendo até à uma hora da tarde, eu não fico assim, ai, mas eu tenho que ir embora, ou será que vou ganhar hora extra, não, eu fico te atendendo, sabe, como se eu tivesse te atendendo em horário de ..., não apressando, porque daí a pessoa muda. Eu já senti em vários locais que tu vai, a pessoa muda, tá agoniada, não vê a hora de tu ir embora. Não, a gente fica. Nós ficamos. Se entra uma pessoa às sete horas e quer comprar alguma coisa, a gente atende normal, mostra tudo o que tem para mostrar e, se não comprar nada, não faz mal, não forçamos comprar”.*

Quanto ao ambiente físico da loja Dulce acha que:

*“... é totalmente bom, agradável, é excelente. Já foi feita uma reforma, está mais agradável e a gente quer fazer mais um pouco para ficar melhor ainda.*

*Mas mesmo assim, eu acho muito bom. Para os clientes e para nós. E, cada vez, a gente quer sempre melhorar, é claro, né?*

*E como a gente fez essa reforma, vamos querer fazer mais um pouco, sempre melhorar”.*

**FERNANDO JOSÉ AMORIM MARINHO:** baiano, advogado, formado em Direito e com Mestrado em Direito Administrativo.

Possui cursos de vários idiomas, é músico e ator. Esteve em Florianópolis em novembro de 1998, fazendo parte do elenco da comédia musical “As noviças rebeldes”, encenada pela Cia. Baiana de Patifaria, no Teatro Álvaro de Carvalho e no Centro Integrado de Cultura.

Em sua entrevista, Fernando comentou:

*“Trabalhei no estado da Bahia durante oito anos e meio, mais ou menos, em vários setores. Em Assessoria Jurídica, trabalhei como procurador e trabalhei em cargos comissionados. Fui assessor de uma Secretaria de Estado e fui diretor administrativo-financeiro de um outro órgão da Secretaria de Cultura do estado da Bahia. Além disso, sou professor de línguas estrangeiras; trabalho com inglês, francês e alemão. Era coordenador de uma escola; foi meu último trabalho burocrático, vamos chamar assim.*

*Além disso, sou músico. Na realidade o teatro e a vida de ator me apareceu absolutamente de forma inusitada na minha vida. Porque assim sempre trabalhei em música. Sempre fui uma platéia assídua de teatro, né, mas trabalhei sempre em teatro como músico, fazia direção musical para espetáculo, eu toquei para espetáculo de teatro, tal.*

*Mas nunca tinha me visto nem pensado em ser ator. Tanto que essa área não tenho formação sistemática, cursos específicos, universidade, nada disso. Isso é uma coisa que fui desenvolvendo pela prática e por trabalho auto-didático mesmo, todo trabalho de teatro, interpretação e tal”.*

Perguntado sobre o significado da palavra trabalho, Fernando respondeu:

*“Para mim, é a produção. Eu sei que a nível de Economia, especificamente, esse trabalho já teria que ter um outro indicador, um balanceador financeiro e um indicador econômico mínimo.*

*Na realidade, assim, qualquer coisa que eu produza, para mim é trabalho. Eu posso fazer isso beneficentemente, eu posso fazer gratuitamente, posso fazer benevolentemente, como posso absolutamente fazer o mínimo e cobrar por isso. Isso vai depender da relação que eu tenha para quem, com quem me pediu o trabalho ou a finalidade desse trabalho especificamente.*

*Então, eu já fiz trabalhos na área jurídica, na área musical, na área de teatro, na área de ensino, de várias formas, cobrando muito, cobrando pouco, cobrando dependendo de quanto a pessoa podia pagar, ela pagou quando quis ou quando pôde ou, simplesmente, não cobrei nada. Porque a finalidade era simplesmente produzir.*

*O meu prazer, na realidade, estava em produzir aquilo e só.*

*Para mim, é qualquer coisa, inclusive assim, uma informação muito mais técnica que dependa de um conhecimento meu prévio ou de uma leitura, de um estudo, de alguma coisa que eu já tenha previamente, de um ‘background’ meu, que não seja simplesmente a coisa da vida especialmente, isso já é um trabalho no sentido mais estrito, obviamente que qualquer coisa que eu faça, especificamente que eu produza, que eu saia do meu lado inerte e contribua isso para um retorno, pode ser a natureza, pode ser a vida social, pode ser o que for, isso para mim é trabalho.*

*Pode não ter me custado nada. Eu aprendi isso simplesmente pelo fato de estar vivendo, pelo fato de estar observando, de ter me sido passado através do dia-a-dia, do contato social, do contato com o mundo exterior, simplesmente, eu posso passar isso para uma terceira pessoa e isso não deixa de ser trabalho, mas aí eu já considero uma coisa mais ‘latu sensu’.*

*A nível 'strito sensu' eu falo uma coisa mais de produção, mais específica, mais apurada, que dependa de algum conhecimento, de algum embasamento técnico, teórico, etc., enfim, de algum estudo, alguma pesquisa maior, qualquer coisa. E isso eu considero trabalho”.*

Quanto à rotina de trabalho, o seu dia -a-dia no trabalho, Fernando comenta:

*“Atualmente está meio chato, na verdade. O trabalho, especificamente, não. A peça no caso, é o que você viu, é o que estou fazendo ultimamente.*

*Não, ele me dá prazer, eu gosto muito, tal, porque para mim a coisa fundamental é assim, você vem ao palco com um objetivo específico de trabalhar uma coisa que lhe foi passada, ou seja, você tem uma história, tem um status no palco, você tem uma função específica, você tem obrigação especificamente, você tem a nível de linguagem, em determinado momento você adota um trabalho corporal mais do que o da máscara, né, rosto, outro momento você está no silêncio, seu trabalho é justamente mímico, outro momento você tem texto e você precisa dar uma intenção específica, ele tem que ter uma finalidade específica, tem que ter uma entonação específica, outros momentos você cria, você dá uma piada nova, você improvisa de alguma forma, você canta, né, então o trabalho no caso musical é bem rico, isso, a nível de linguagem é muito rico.*

*Então, isso é importante que eu venho para o palco com essa responsabilidade, além do que eu tenho que cumprir o que eu fiz antes, eu abri uma bilheteria e cobrei para as pessoas assistir isso que eu estou fazendo lá. Então, assim, o objetivo delas é assistir um coisa de qualidade, bem feita, onde aquilo tudo seja muito claro, bem feito e, no caso de uma comédia musical, eu tenho que trabalhar tudo tecnicamente da melhor forma possível, o canto, a dança, etc., além de ter que divertir o povo. A platéia está ali para se divertir. É uma comédia musical. Então, ela tá ali para dar risada, para se divertir, para ter um momento realmente de entretenimento, independente da riqueza e da qualidade técnica de cada um desses aspectos que eu apresentei. Então, eu tenho toda essa preocupação.*

*O que eu falo que é chato é que nesse processo de viagem, de turnê, a gente passa muitos dias da semana parado, sem fazer nada, né?*

*Assim, no caso de Florianópolis, uma cidade que eu já conhecia, então assim, algumas coisas não são tão novas, alguns lugares eu já vi, já conheci, enfim.*

*Então, isso é um caso específico. Só que eu já venho fazendo isso há muitos anos. A peça vai fazer quatro anos em janeiro, mas a gente já tá três anos nesse processo de viagem, viagem, viagem, viagem, viagem.*

*Então, quando você tem condições de parar num lugar e ficar mais tempo, conhecer um pouco da produção do local, ainda mais na minha área de teatro e de música especificamente, eu, particularmente, vejo os dois lados também. Mas, assim, pelo menos na área de teatro, as companhias de comédia, você consegue trocar experiência, informação, fazer um estudo sobre as linguagens de interpretação de comédia que você tem em cada grupo, em cada lugar, enfim. Você vai enriquecendo, vai trabalhando isso, participa de seminário, de 'workshops', ou de algum festival interessante. Só que a gente não tem tempo de fazer nada disso. A gente chega, muito rapidamente passa pela cidade, é um trabalho inclusive de divulgação, quando você chega logo, a entrevista imprensa, escrita, falada, televisionada, enfim, não lhe sobra muito tempo. Para isso, muita coisa é voltada, muito programa, você tem que divulgar o trabalho, chegar e estrear.*

*Quando você toma algum fôlego, você já faz algum contato, já conhece mais ou menos o povo da cidade, a aceitação, a receptividade do povo e, nesse trabalho, você consegue identificar como é que a cidade se comporta a nível de valores, como é a crítica dela, se a sociedade é mais aberta, mais conservadora, é, abre brechas para brincadeiras, você tem "feedbacks" variados com relação a isso, o comportamento da cidade como um todo e, também, do fato de uma semana você tá convivendo com vários de pessoas, você vai a um supermercado, você vai à uma farmácia, você pega um táxi, pode pegar um transporte público qualquer e visita a*

*entidades públicas e privadas, vai a cinema, teatro, enfim, vê o que dá para ser feito, o que lhe sobra de tempo na realidade, não é?*

*Mas isso é muito rápido. Na hora que você tá tomando afeição ao lugar, as coisas estão querendo se inteirar ... tá na hora de ir embora. Aí na outra semana começa tudo de novo. E aí entra tudo em rotina e isso começa a ficar chato.*

*É rotineiro a que eu já estou cansado inclusive, assim. O que mais me tem provocado desgaste em turnê não tem nada a ver com o trabalho do espetáculo de um modo geral, obviamente a gente, de vez em quando, tem um problema aqui e ali, uma coisa precisa ser cuidada, limpa, tá feio, não tá bem feito, enfim ...*

*Mas mesmo até entre a gente se tem uma coisa pequena, se resolve facilmente. O que eu falo é a rotina, a repetição de tudo isso. Porque rem o espetáculo em si, como eu disse, a gente tem a oportunidade de fazer muita coisa improvisada, pesquisar em cada cidade, brincar coisas novas, incluir informações novas, piadas novas, enfim ...*

*A gente regionaliza muito, a gente localiza, melhor dizendo, o espetáculo, cria, inclusive, intimidade para quem está assistindo; eles pensam: 'puxa, como é que eles têm essa informação tão específica da cidade, essa coisa que aconteceu, esse acontecimento da semana passada, uma fofoca social, uma coisa política e coisas muito específicas do lugar, como podem ser coisas nacionais, mundiais, enfim, eventos notoriamente ...*

*Não tem rotina no trabalho, para esse caso, não. Porque também você trabalha com uma coisa que é maravilhoso na vida do ser humano enquanto produção, que é a criatividade.*

*Isso é que é o fundamental da história, então a arte, de um modo geral, lhe dá muito isso.*

*Obviamente quando a obra está pronta, definida, têm umas que lhe permitem você ainda mexer muito durante a apresentação, outras não. Você criou, ela está ali estanke. De repente, até você não quer mexer mais. Então, o que você pensou está ali descrito, como o trabalho plástico, muitas vezes, você não pode estar interferindo o tempo inteiro, outros sim, mas muitos deles não.*

*Como determinadas obras mesmo em teatro, a depender do trabalho seu particular, como ator, mas da direção, que é uma leitura externa e que você precisa respeitar. Esse me dá a oportunidade de fazer isso, mas uma determinada montagem, por exemplo, eu já não teria essa possibilidade de improvisação, esse tipo de coisa. Eu, provavelmente, iria ferir as origens, os princípios e, inclusive, as características próprias do dramaturgo da época, da linha de interpretação. Isso é uma comédia, eu não posso fazer isso tão facilmente num drama.*

*Então, em determinados momentos até a própria obra vem em defesa mas, pelo menos, você teve a oportunidade de explodir em criação até realizar. Isso já é um outro lado, enfim, o que é importante no final das contas é você poder recriar isso.*

*Mesmo meu trabalho burocrático, não tenho reclamação. Hoje eu sinto saudade da mesma forma. Eu ia para o trabalho na escola, enquanto coordenador, dar uma aula, fazer treinamento de professores, ou estar dando alguma aula mesmo de língua em sala de aula ou mesmo tocando, nem falo, porque é um prazer absoluto, para mim, absoluto.*

*Toco piano. Adoro. Como até na área do Direito, não tanto o trabalho técnico em Direito, é mais chato, é uma coisa de envolvimento de polícia, lida com a parte mais nojenta do ser humano, entendeu, enquanto caráter e personalidade. Eu, particularmente, tenho restrições várias a isso, mas, mesmo até o trabalho que eu fazia na administração pública, só pelo resultado daquilo, de cada ação, de cada realização, para mim, tem um prazer absoluto em fazer aquelas coisas e variar aquilo. Não preciso desenvolver um projeto de uma fórmula. Não existe uma fórmula única para isso. E eu tenho várias formas. Tem criatividade também, da mesma forma. Então, da mesma forma, que eu trabalhava um documento num dia, noutro dia, trabalhava de outra forma, conseguia o mesmo resultado, respeitando as formalidades da administração pública, as formalidades legais, ou seja lá o que for, mas eu conseguia fazer de uma outra forma e, além disso, com as pessoas com quem trabalhava.*

*Eu não faço coisas sozinho, algumas sim, só, mas muitas outras não, depende de uma outra pessoa, varia o pessoal, varia a forma de trabalhar, enfim, você pode recriar o trabalho.*

*No final das contas, é uma filosofia de vida. Para mim o estar no trabalho, quer seja uma coisa tão burocrática e pesada como possa parecer um trabalho na administração pública que, na realidade, não é tanto assim. Ela tem muita rotina sem dúvida, com qualquer trabalho tem.*

*Estou dando exemplo do meu trabalho artístico, estou no palco numa peça de sucesso e, no entanto, eu vou dizer que estou enjoado já e cansado de uma série de rotinas que a gente tem, desse mesmo trabalho”.*

Inquirido sobre o que é o prazer e prazer no trabalho, Fernando comenta:

*“Prazer no trabalho especificamente e prazer, no geral, é complicado de dar uma definição específica.*

*O que eu posso dizer com relação ao prazer é assim: é o traço de dismantelamento que eu me sinto depois de eu produzir alguma coisa, e pensar, então é assim, você delira, você cria, você sente confortável, e sente que você está se projetando, eu saio de mim quando faço isso. Então, se eu pretendo fazer alguma coisa, aquilo saiu de mim absolutamente, eu vejo tudo o que eu quero ali e as pessoas para quem eu estou dirigindo aquilo vêem também, para mim esse prazer é completo. Isso é que é o prazer realizado. Então, de mim especificamente, independente até de uma pessoa externa. Então, precisa ela entender exatamente aquilo. Se aquilo absolutamente reflete o que eu desejo, todos os meus anseios, minhas curiosidades, minhas satisfações, minhas vontades, se eu consigo passar aquilo, aquilo me dá prazer. Obviamente que em determinados pontos eu preciso atingir alguém ou um grupo, uma comunidade ou seja lá o que for, enfim, se isso é recebido da forma que eu pensei, pronto, esse prazer absolutamente é total.*

*Mas não é o único prazer, como já disse, o fato de eu realizar o que eu pretendo especificamente. Diz o que eu quero, quem sou eu, me diz de outra forma, se aquilo me diz de outra forma, aquilo é prazer para mim.*

*Eu só faço as coisas que me dão prazer. Sempre tenho prazer, tanto que assim, por exemplo, agora é a mesma coisa, já aconteceram outras vezes, logo, vai acontecer sempre, porque essa é a minha posição, minha postura de vida.*

*Agora, a peça vai fazer quatro anos, tem todo esse sucesso, é um trabalho muito bom, como você viu, tem qualidade, tal, tal, tal.*

*Eu, por exemplo, vou estar saindo no início do ano que vem. É, eu faço a temporada de verão e saio, porque eu tenho uma série de outras coisas que eu quero fazer também, que me realizam também, coisas que eu não tenho feito muito, por exemplo, tocar, é uma coisa que eu faço com frequência e com o fato que eu estou viajando, não faço. Se eu posso encontrar um piano aqui, como tem um aqui no teatro, eu sento, eu toco, então vem uma coisa mais de deleite, eu não posso produzir mais coisas, não posso criar mais coisas, sinto ter perdido a oportunidade de fazer outros trabalhos, não só na área de teatro ou na área de música. Tenho outros trabalhos. Eu tenho uma coisa muito pessoal com relação à música.*

*Eu não sei lhe explicar. O trabalho em teatro, por exemplo, é um prazer muito grande, obviamente, se você é aplaudido, se você é aceito, como qualquer coisa, não precisava ser o teatro. Quando eu fui, tive um parecer absolutamente honroso do Tribunal de Contas do estado da Bahia, quando eu fui gerente administrativo-financeiro do meu órgão, aquilo saiu publicado no Diário Oficial, aquilo não poderia ter me dado mais prazer dentro do trabalho que eu fiz. O que eu fiz foi tecnicamente certo, atingiu, excedeu as expectativas que eles estavam esperando ou que o órgão já tinha feito antes, então foi publicado um elogio. Aquilo para mim é como se tivesse esta casa lotada e todo o mundo aplaudindo de pé. Então, para mim isso não tem diferença. O detalhe é que é assim essa situação, é muito completa, mas a música tem uma coisa absolutamente da divindade por trás, porque é uma coisa também que me acompanha da infância.*

*Eu comecei a mostrar expressão musical muito cedo. Eu tinha quatro anos de idade, quatro anos e pouco. Eu tocava instrumento de brinquedo, eu tirava as músicas que eu ouvia na televisão e no rádio e reproduzia facilmente.*

*Então, com cinco anos e pouco eu comecei a estudar piano. Então, é uma coisa que acompanha a minha história de vida toda. Eu sempre toquei e toquei por prazer. Eu não fui obrigado a estudar música. Então, assim, viu-se que eu tinha um talento e é assim: 'você vai estudar música', porque eu quero fazer. Eu pedi: 'eu quero estudar, gosto de piano, quero estudar piano'.*

*Então, eu tinha essa coisa, toda uma realização muito diferenciada, porque eu realizo aquele trabalho, eu componho uma peça por exemplo, toco, as pessoas gostam, pronto, eu estou feliz. Mas aquilo fica, tem um sabor de eternidade, entendeu, o que as outras pessoas me dão. Elas me trazem aquela sensação momentânea, por mais reflexo que elas venham a ter para a posteridade, futuramente, médio ou longo prazo, enfim, seja lá dependendo do tipo de ação que seja. A música me dá um aspecto, a mim pessoalmente, porque eu sei que se eu faço um grande trabalho como professor, aquilo vai refletir no trabalho dos meus alunados a vida inteira. Eles vão ficar adolescentes, adultos, velhos e vão lembrar do professor que eles tiveram ou de um trabalho bem feito ou de um suporte que eu tenha dado, de uma qualidade de trabalho que eu tenha feito.*

*Obviamente que isso também, a música, eu não sei explicar, porque é como se fosse um berço, entendeu? Eu tenho esse encantamento absolutamente pessoal. O teatro me dá muito prazer, as artes, de um modo geral me dão muito prazer, tanto ver como produzir. Mas a música tem esse traço muito mais forte, a realização é diferente. Não é só o pensar, não é o ato intelectual de compor ou de tocar simplesmente, de executar, de trabalhar bem o instrumento tecnicamente, tal e tal e da platéia receber bem, de aplaudir, ovacionar ou querer você sempre, mas tem o significado da própria música, entendeu, não é o som do aplauso, são os sons que eu produzi, então a coisa que vem mais de dentro. É muito mais forte. A pessoa se expõe muito.*

*O trabalho musical é muito especial, a força em si do trabalho musical é diferente. O que fica, aquele som que lhe acompanha. São as notas que lhe acompanham. Por isso eu digo, tem tudo isso, eu combino, isso, então seja, eu faço um trabalho intelectual absolutamente, eu produzo aquilo, transformo numa partitura, sento e toco, as pessoas adoram, pronto, é perfeito. Mas aquilo para mim, o prazer daquilo, a totalidade daquilo, está muito antes. Porque assim, eu produzi aquilo, todo mundo viu, gostou, eu também gostei, tá, tudo muito bem, prazer absolutamente feito. Só que aquilo me emociona sempre e vai ser sempre um prazer ouvir aquilo. Aquilo não vai me remeter ao aplauso que eu tive antes, aquilo me remete a cada instante que eu ouço. E se tem ou não tem alguém ouvindo. Ela em si, para mim, é um complemento.*

*É como eu tenho costume de dizer: 'Hoje eu preciso tocar'.*

*"O que você tem, heim?" "Nada, eu estou precisando tocar".*

*Eu tenho uma relação de comunicação muito grande com o instrumento. Eu me expresso através do instrumento e eu tenho uma resposta, esse retorno, um feedback imediato dele.*

*O piano é um grande amigo. Tem esse processo, absolutamente reflexivo, prazeroso, relaxante ...".*

**JUAREZ MACHADO:** joinvillense, artista plástico.

Juarez Machado nasceu em 1941, em Joinville, no estado de Santa Catarina. Estudou na Escola de Belas Artes do Paraná, em Curitiba, e participou ativamente de seu movimento artístico. Em 1966, transferiu residência para o Rio de Janeiro, intensificando suas atividades.

Além de pintar, fez incursões pela ilustração, cenografia, escultura, desenho e gravura.

Recebeu várias premiações em salões brasileiros e outros prêmios internacionais.

Reside em Paris desde 1986 e tem exposto frequentemente no Brasil, Europa e Estados Unidos.

A sua obra encontra-se representada em vários museus e em expressivas coleções particulares.

Sem dúvida, Juarez Machado é um dos grandes expoentes das artes plásticas do século XX.

Uma frase famosa de Juarez Machado: *“Sofisticadas mulheres, modelos dos meus desejos e frustrações, tripulação imaginária deste atelier-emoção, que navega pelos sete mares em direção a mais uma aventura de uma nova exposição, onde o único porto seguro é o prazer da pintura”*.

Em sua entrevista no dia 28 de novembro de 1998, em Joinville, Juarez afirmou:

*“Percebo nos amigos da minha idade, estão entrando na aposentadoria e com uma profunda felicidade.*

*Isso é mau, não significa que ele passou bem esse período em que estava trabalhando.*

*E aí eu pergunto o que você vai fazer agora? Nada. Nada é mau. Não é com o dinheiro da aposentadoria que ele vai levar uma vida de milionário, barco, passeio, férias. Vai viver pior, com menos dinheiro e não fazer nada. Nem se preocupou em preparar um hobby, levar a sério aquilo em que ele sentia prazer: coleção de selos, culinária ou pescar, enfim, um hobby, também nem um hobby ele quer fazer porque não teve; esse período em que ele trabalhou não se preocupou em ter uma vida paralela de prazer, de prazer pela própria vida a não ser ver novela de televisão ou ir a um jogo de futebol, que também não é mau, mas é pouco para o resto que tem de vida.*

*Quando falo desse prazer não é só em trabalhar, mas prazer de viver que é maior, até mais complicado, mais difícil. Você encontrar um trabalho que você gosta é uma coisa, encontrar prazer em viver já é outra coisa.*

*Eu acho que essa é uma coisa que talvez vá mudar, talvez mude com uma certa consciência do ser humano de sentir prazer de viver.*

*Quando eu falo em prazer, eu sinto muito prazer no meu trabalho, muito prazer em viver e nas mínimas coisas; no ato de viver, eu faço disso um prazer.*

*Percebo, quando fiz escola de Belas Artes, na minha classe, tinha muitas meninas; éramos um grupo grande, vinte e poucas meninas e onze rapazes na época.*

*Claro que os rapazes acabaram tomando outros caminhos e acabaram até largando a pintura. Foram fazer Arquitetura, foram ... Aquilo era uma espécie de estágio, enquanto não passavam*

talvez numa universidade, numa faculdade mais nobre entre aspas, pois Belas Artes, ser pintor na vida não dá muito status. É melhor ser engenheiro, ser dentista, ser veterinário.

Então, desses onze acabou sobrando eu como pintor e fiz disso carreira, profissão e vida. E das meninas, muito poucas desse grupo de vinte, acabaram virando professoras de arte e sempre, quando as encontro, elas têm uma desculpa: 'Ah, não deu porque casei, tive filhos', uma desculpa feminina, digamos assim, que também isso mudou desse período para cá.

Eu também tive filhos, também fiz comida, também lavei roupa, também cuidei de casa e com muito prazer. Hoje continua isso, me dá muito prazer nos períodos que passo, porque minha mulher viaja também muito e a gente tem filhos espalhados no mundo.

Tenho uma filha que mora em New York, um filho que mora em Los Angeles e outro filho no Rio e moramos em Paris, então nem sempre a minha mulher está comigo ou eu com ela, ou então fico eu viajando.

E me dá muito prazer o rama-rama do dia-a-dia dentro do meu trabalho. Quando eu falo nesse prazer do rama-rama do dia-a-dia, como eu viajo muito, nem sempre tenho esse direito, digamos assim, de acordar cedo; eu acordo muito cedo, seis horas da manhã e já vou para o atelier e trabalho o dia todo e, no final do dia, lá pelas sete horas, eu saio com a minha sacolinha, vou às compras para preparar meu jantar. E fico feliz quando estou nesse ritmo, de todo dia estar fazendo a mesma coisa, pintar que não é o mesmo quadro e fazer a minha comida que não é o mesmo prato. E me dá muito prazer, de sacola na mão, ir ao mercado, escolher os legumes, as carnes, os peixes e escolher a receita, e continua este prazer de misturar tintas e sabores e temperos, talvez seja esse o único momento que eu não pense em pintura, quando vou para a cozinha preparar o meu próprio jantar. E não como em pé e não como com a mesa se não tem a toalha e os cristais e os talheres, não importa se o prato é sofisticado ou não. O prazer até de arrumar a mesa e sempre sozinho, a mulher está viajando, às vezes eu faço para um amigo, um casal que chamo.

Mas, nem sempre, porque aí não quero perder tempo em preparar um banquete. É um jantar simples para mim. Esse ritmo de trabalho é um período em que me sinto muito produtivo, aí realmente estou numa concentração muito forte e total entrega tanto à pintura como nesses quarenta minutos, digamos assim, que se passar disso já vira chatice de preparar um jantar, escolher o bom vinho para acompanhar aquele prato. Então me dá muito prazer.

Estou ansioso em ir embora porque esse ano foi meio atípico, porque passei muito em viagens; acabei não fazendo isso. Apesar de ter agora, passei um mês em Los Angeles, fui para ver filho e fazer uns contatos, ver negócio de trabalho e acabei fazendo isso lá, que também me deu muito prazer. Montei um atelier no apartamento do meu filho. Acordava cedo e ia trabalhar, pintar e desenhar. De tarde, saía, museus, praia, tem belas praias lá e eu sou um homem de beira d'água, eu preciso do mar, nem sempre para nadar, mas para estar presente, esse contato realmente é a paisagem que me satisfaz, que me deixa feliz. Talvez pelo signo de Peixes.

Detesto montanha, não sou um homem de montanha, realmente sou um ser de beira d'água e preciso disso.

Então, uso isso para uma certa energia, sem ser de uma maneira religiosa, de uma maneira muito natural. Sou um bicho de beira d'água.

De noite, em Los Angeles, fazia eu a mesma coisa. Ia ao supermercado para preparar o jantar para mim e meu filho que chegava da universidade. E sentia muito prazer e senti que ele sentiu prazer também. A cada dia era a surpresa do prato e conversa e a coisa da mesa. A mesa é um ponto de encontro, ponto de comunhão, ponto de bate-papo, uma coisa gostosa. Acabei também usando, talvez tudo isso tenha certas ligações com a minha vida. Minha mulher é chef de cozinha 'Cordon Bleu', estudou quatro anos numa escola muito difícil na França ligada à comida. Eu não sou um cozinheiro desse nível.

A minha comidinha, faço de tudo, mas não é nesse nível tão sofisticado e especializado.

Mas, esse culto à mesa é uma coisa que sempre me acompanhou até na minha própria pintura, inclusive a última exposição em Paris, foi um culto à mesa. A festa continua.

Aí eu botei esse título, um pouco ligado ao futebol porque era a época da Copa do Mundo e a gente tem uma certa fama de festeiro e de gostar de tudo isso, aí eu botei o título. Mas, é esse culto ao bom vinho, à boa mesa, à uma certa elegância da mesa, não só o matar a fome mas o

*prazer de ver a comida, de sentir seu aroma, do toque da toalha de linho, do toque do cristal, da cor do vinho, todo esse culto, foi uma coisa que, talvez, desde criança também, eu tive prazer nisso e reclamo, não como em pé, não entro em lanchonete, não como comida a quilo, porque aí é só para matar a fome, aí eu prefiro até sentir fome. Se eu não posso comer bem, eu não como. Talvez aí, por isso que até eu seja magro.*

*Pode ser até uma sardinha em lata, um pedaço de pão e manteiga, um copo de cerveja, um copo de vinho, mas que seja isso com muito molho e com muito charme, com bonito canto, com luz de velas, não precisa ter um bom prato, mas que tenha luz, a ambientação. Então esse prazer de comer, esse prazer de pintar, esse prazer de viajar, sinto também um profundo prazer, acho que até todo mundo sente.*

*Apesar de eu viajar muito e cada viagem para mim não precisa ser uma grande ou longa viagem, posso ir aqui a uma viagem de uma hora de carro, a uma praia dessas, a preparação já me dá prazer.*

*Então, tudo isso está aplicado ao meu trabalho, a minha maneira de viver o cotidiano”.*

Perguntado sobre o que é o trabalho, Juarez responde:

*“A palavra trabalho eu acho que não é correta, porque trabalho significa suor, horário, disciplina, responsabilidade, quer dizer, a palavra trabalho é muito ampla.*

*Eu acabo usando a palavra trabalho com todas essas responsabilidades e compromissos etc. etc., mas é um profundo prazer. Eu penso o tempo todo no trabalho, porque talvez o meu trabalho também é um trabalho generoso, é o ato de criar.*

*O ato de criar é extremamente angustiante, porque é uma coisa que você não manipula, depende sempre só de você. Então essa responsabilidade que você tem com você mesmo é muito maior do que você ter um patrão, ele te cobrar e você enrola o patrão e aí o trabalho fica uma coisa diferente.*

*Então, acabo eu dando os trabalhos para mim, sou eu o chefe, escravo, gerente e office-boy, porque todo o trabalho que eu faço eu acabo fazendo solitariamente e o trabalho do pintor é um trabalho solitário, ele acaba se bastando, ele acaba se bastando, ele não precisa de mais ninguém, ele fica egoísta, ele fica solitário. E precisa talvez disso para poder ter uma concentração maior. Eu passei longo período da minha vida trabalhando no coletivo, televisão, por exemplo que é um trabalho no coletivo, para publicidade no período meu de televisão, de jornal, redação de jornal, que também me dava uma profunda alegria de estar junto com os companheiros, no final da gravação, por exemplo, cinco ou seis horas da manhã, terminava a gravação, a gente ia para um boteco comer um filé, uma cerveja e dormir para acordar ao meio-dia para já começar outra coisa, uns horários também meio estapafúrdios, mas me dava muito prazer; sempre me deu muito prazer. E até repeti isso em 78, abandonei a televisão, saí da televisão, abandonei a imprensa, abandonei esse tipo de trabalho coletivo para me dedicar muito à pintura, somente à pintura e aí volta essa solidão. Mas agora, coisa de dois meses atrás, inclusive uma das razões de eu estar aqui no Brasil, eu vim para executar um painel que está sendo feito para a fachada do novo centro de eventos, aqui em Joinville, Centro de Eventos Cau Hansen e é pintura sobre azulejo, cerâmica, até cerâmica nossa lá de Portobello, montei um atelier em Curitiba para executar essa pintura; o painel está pronto, em dois meses consegui terminar e vai ser inaugurado em março.*

*Teve um problema na parede e tal que eles resolveram lá e agora também não adianta inaugurar porque é festa, Natal, depois férias, verão. Então, primeira semana de março é uma data simpática, porque é o aniversário da cidade, é pretexto para fazer festa. Ótimo.*

*Mas, esse período em que, quando eu pensei no projeto, quando eu fiquei no meu atelier fechado, sozinho, comendo as minhas ostras que eu adoro muito, eu criei o projeto, a maquete, o que eu iri a pintar.*

*Mas, quando vim para Curitiba para executar a pintura, éramos uma equipe, tinha ajudante para preparar as tintas, para lavar pincéis, para limpar, enfim, tinha uma equipe pequena que era um atelier meio especializado; é especializado misto, são artistas, artesãos, são técnicos,*

*porque eu também não conhecia muito a técnica da pintura em cerâmica, porque tem certos segredos nessa da cozinha, a cozinha entre aspas de novo, que faz parte do dia-a-dia, essa cozinha tem certos segredos, a tinta, por exemplo, ela tem uma cor antes de queimada. Depois de queimada, ela passa a ter a sua cor verdadeira, a preparação dessas tintas.*

*Então, essa equipe que estava lá para preparar essas tintas e fiz aí eu também um laboratório de queimas anteriores para ver o resultado dessas tintas e poder decorar esta paleta de cores para não precisar ficar olhando no rótulo que cor iria ficar; eu pintando com aquela cor-de-rosa, digamos assim, que depois de queimada viraria um azul-marinho, eu já precisava ter isso dentro da minha alma para poder não me perder.*

*Então, foi um retorno simpático desse trabalho em coletivo. Foi uma coisa simpática, o painel ficou muito bonito.*

*Mas, o conviver com os operários que faziam parte dessa oficina que também é uma oficina de vitreaux, eles fazem trabalho em vidro, então, na hora do cafezinho, aí senta e toma um cafezinho, conversa e fala do futebol e fala da beleza da vizinha, não é, da vida sexual dos outros, das fofocas, da novela do dia anterior, esse tipo também é um relaxamento, o que me fez muito bem.*

*Sozinho, você acaba realmente vivendo o seu próprio umbigo e que fica uma coisa egoísta, mas talvez por eu ter vivido nesse período tão grande um coletivo tão especial que são os artistas, de um teatro, na televisão, acabei continuando esse tipo de coisa, passo períodos hibernando, fechado na minha gruta, no meu atelier, no meu barco, que eu chamo de barco, porque aí eu viajo nos meus delírios e passo períodos nesse coletivo, que o momento do vernissage, da festa de mostrar, tem os dois lados.*

*É uma vida de sacerdócio, mas não é recluso em um convento. Aí essa vida mundana que também me excita e preciso dela. Porque ela acaba retornando para a minha pintura.*

*Todas essas vivências que passei pela televisão, pela arquitetura, pela publicidade, pelo humor, passei anos fazendo desenhos de humor para imprensa, jornais, revistas brasileiras, eu acho que tudo isso acabou refletindo na minha pintura. As figuras que povoam os meus quadros são personagens dessas vivências.*

*Quando em Paris estou no metrô escuro, gente, apertado, frio, não importa, estou com meu caderninho, desenhando tipos que estou vendo dentro do metrô, quando vou ao 'restaurant', mesmo sozinho ou em grupo, eu estou também com caderninho desenhando penteados, gestos, atitudes, comportamentos, perfis; quando não estou com caderninho, estou com meu olhar de fotógrafo, registrando essas imagens que, depois, vão fazer parte da minha pintura. Então, é um exercício constante do dia-a-dia, o tempo todo, estou trabalhando para o meu quadro, para a minha pintura, olhando a maneira como a moça sentou, como ela cruzou as pernas, como virou a cabeça, tudo isso aí é um exercício constante que faz parte do meu trabalho. E isso dá prazer.*

*Quando eu comecei, quando cheguei no Rio em 65, saindo da Escola de Belas Artes, eu tinha apreendido a desenhar uma laranja. E quando cheguei no Rio eu conheci os grandes humoristas: Ziraldo, Millôr Fernandes, Jaguar, o Henfil tinha acabado de chegar de Belo Horizonte e a gente já fez uma grande amizade e fui na época falar com o Millôr Fernandes que eu tinha que redesenhar o meu desenho, porque o meu desenho era ligado às artes plásticas e não à comunicação imediata do desenho de humor.*

*Então, eu sabia desenhar muito bem uma laranja, pintar muito bem uma laranja, mas não sabia contar uma história dela. Eu tinha que refazer o meu desenho, a minha pincelada para não só mostrar que era uma laranja e contar alguma coisa dentro do humor.*

*E, conversando com Millôr, eu acho que ele me deu uma palavra mágica, que foi que ele disse: "Juarez, observe, fique em estado de atalaio o tempo todo, de observação, porque é aí que a gente vai tendo inspirações e vai tendo a possibilidade de contar coisas", e acabei levando a sério isso e é essa a minha atitude o tempo todo, mesmo quando estou na praia pegando um solzinho ou dentro do metrô ou do 'restaurant' ou na fila do cinema, ou do supermercado, eu estou vendo os outros, compreendeu, porque são as pessoas que me excitam, no bom sentido, aliás, excitação não tem mau sentido, só tem bom.*

*Eu fico usando essas imagens que estão prontas na minha frente, não precisa buscar inspiração no céu ou no inferno, elas estão a seu lado. E isso me encanta.*

*Eu viajo muito de trem também e nunca sento, eu percebi isso, é até um cacoete, pela própria formação ou deformação de artista plástico, eu não sento na janela para ver a paisagem, eu acabo sentando no corredor para ver as pessoas. As pessoas no corredor e aí batendo papo com as pessoas, aí puxa conversa, porque aí entra um lado nosso, também brasileiro, que não agüenta ficar calado, não consegue ficar quietinho, que já quer conversar, já quer saber da vida do outro, já dá palpíte e já se mete, e tudo isso vai enriquecendo. É o ser humano, porque, na verdade, eu sou apaixonado pelo ser humano.*

*Eu acho que isso aí é o meu trabalho. Essa palavra trabalho é isso para mim, é ficar o dia todo, o tempo todo ligado ao centro do meu universo que é o cavalete, que é a pintura.*

*Então, são as pessoas que vão me dando isso.*

*Talvez eu seja um privilegiado, porque eu tenho no trabalho a criação, inclusive quando eu vou para a cozinha, eu também não sigo à risca a receita, eu acabo criando.*

*“Puxa, não tem tomate, como vou fazer este prato sem tomate? Então, vai de abobrinha mesmo”.*

*Então, você inventa, não é?*

*Mas, a criatividade também você pode aplicar, eu sinto que é possível e, é claro que é possível, você aplicar no dia-a-dia, nas mínimas coisas, até na hora de fritar um ovo, sei lá, invés de botar só sal, põe um pouco de açúcar também, ou na maneira de se vestir, na maneira de se banhar.*

*Eu adoro banho de banheira, adoro banho de banheira e faço isso todos os dias, quando tenho tempo de ficar meia hora a duas horas dentro de uma banheira, mas esse banho para mim eu tento criar um prazer, sabe, aí procuro nas lojas sais e perfumes e tipo de sabonetes, quer dizer, eu não tomo banho para me limpar, eu não estou sujo, eu não tomo banho para me lavar, tomo banho para me molhar, para me perfumar.*

*Então, esse prazer de se enfeitar também faz parte, talvez seja até um lado muito meu, feminino.*

*Num vernissage, eu tenho tantos amigos pintores e nem todos os pintores gostam da noite do vernissage. Eu adoro; eu me sinto uma noivinha. Eu compro roupa nova, eu mando fazer roupa nova, passo o dia inteiro no barbeiro arrumando o cabelo, fazendo a barba, fazendo as unhas, mandando engraxar os sapatos, comprando cueca nova para o vernissage, que ninguém vai ver minha cueca, mas é um prazer meu, prazer individual.*

*Não só mostrar o trabalho, mas se mostrar, como se fosse uma noivinha.*

*Aí entra outra vantagem do pintor, que no período de teatro não é o mesmo, quando você mostra num vernissage, teu trabalho está pronto.*

*Num teatro aí é que começa. Tem toda uma ansiedade, medo.*

*Esse tipo de prazer vai muito amplo, até dentro da sua casa, quando você enfeita a sua casa, quando você compra uma florzinha, por exemplo, eu adoro frutas dentro de casa, talvez eu goste até mais de frutas, de fruteiras, do que de vasos.*

*Então, na minha casa, no meu atelier, sempre tem frutas frescas que nem sempre eu as como. Acabam até apodrecendo na fruteira, mas não é para comer, é para decorar, para enfeitar, para perfumar.*

*A música é outra coisa. Eu tenho oficial, oficialmente, eu tenho dois ateliers oficiais, completos, montado, o tempo todo, que é um no Rio e outro em Paris.*

*E, em todos os dois tem um rádio, com gravador, com fita, com CD, tem música. Duvido, que eu saí e eu os desliguei, eles estão ligados, estão lá tocando, alguma música, em alguma estação de rádio ou ..., estão ligados, eu não desligo a música, porque também é um incenso. Tem gente que põe incenso na casa, eu já não gosto disso de incenso, porque me enjoa um pouco, ou acende vela. Eu deixo a música como uma purificação do lar, do espaço, aí é a música que eu gosto, aí não importa.*

*Mas, é uma coisa que duvido que eu tenha desligado.*

*Quando chegar em Paris tá o rádio ligado lá, com certeza. E no Rio, idem.*

*Para purificar esse canto de anjos entre aspas de cantores e cantoras e criadores de música que eu gosto.*

*Então, todos esses pequenos detalhes eu acho que vão enriquecendo o lado humano da gente; se você começar a pensar na chatice do dia-a-dia da gente é muito chato, é a campanha que toca, o telefone, a tarefa, é a lição de casa que tem que fazer, claro que é.*

*Mas se você botar aí um molhozinho, um tempero eu acho que melhora. Toda essa chatice de pagar conta, essa coisa chata que tem, o carro que quebra, a pia que entope, me irrita isso profundamente, não é privilégio meu, irrita todo mundo. Não é, mas tem que fazer.*

*Agora, se você levar muito a sério só isso, aí fica muito chato de verdade. Fica muito chato. O imposto de renda que cobra.*

*Aqui no Brasil, o imposto de renda até que é generoso. Na França é um horror. Por exemplo, você tem que guardar tudo o que é papel até seis anos para trás. Tudo, o recibo do 'restaurant', o guarda-chuva que você comprou, a gasolina, tudo, todos os recibos têm que guardar durante seis anos. E vira uma papelada que vai se perdendo, você tem que se organizar com isso, separar em pastas e assunto, a gravata que eu compro é numa pasta, a tela que compro é em outra, porque isso é trabalho profissional, a tinta, o vinho que tomei, enfim, tem que guardar tudo porque o Governo pode bater na sua porta e exigir o recibo da bicicleta que você comprou há quatro anos atrás.*

*Então, é muito chato esse troço. Mas não pode fugir, tem que ser assim e guarda, mas também tenta resolver isso o mais depressa possível para se livrar. É aquela lição de casa que tem que se livrar para não se aborrecer e aí voltar a pintar, voltar a ir ao cinema, ao teatro, para escutar uma música, ler um bom livro, entrar numa livraria.*

*Paris tem esse privilégio, tem mais livrarias naquela cidade que toda a América Latina. Então, eu sou meio rato de livraria e de museu. Não significa eu vou ao museu, não. Se eu estou passando em frente, eu entro e fico quinze minutos, vejo dois quadros, três; quinze minutos bastam.*

*Aí, passo em frente à livraria, folheia um livro, um, vê a figurinha num livro, já é um prazer, compreendeu, já é um prazer. Eu não perdi muito tempo. Passei em frente à livraria, porque no caminho que faço tem várias, então entra, olha um livro, lê uma orelha de um livro e sai de lá já legal e diz: 'esse livro é bom'. Aí, volta, compra e lê em casa. Então, esse tipo de comportamento vai enriquecendo, não tenho a receita de viver, mas nos meus 57 anos eu tenho muito prazer em viver, porque eu faço esse tipo de coisa para mim. Aí entra um egoísmo, são pequenos presentes que eu tento me dar.*

*Claro que a gente acaba muito fácil por apelo da publicidade, da televisão, a coisa do consumo; eu acho que eu sempre acabei me protegendo um pouco dentro disso.*

*A televisão acaba te ensinando, te impondo essa coisa do consumo, que aí você não vai chegar a lugar nenhum, porque jamais você vai ter dinheiro suficiente para comprar aquilo que está na moda, o que é griffe.*

*Eu agora estou numa felicidade danada, que eu consegui convencer minha mulher de vender o carro. Não ter carro é uma maravilha. O meu carro está na garagem há sete meses. Há sete meses eu não uso o carro, porque não tem onde estacionar, lá em Paris é um inferno, não tem onde parar o carro. Então, você sai de carro e fica numa irritação, o trânsito é caótico, o estacionamento não tem, não tem onde enfiar o carro. Dá vontade de abandonar o carro no meio da rua. Porque você vai ficando numa irritação e não consegue chegar a lugar nenhum.*

*Então, vou de metrô, tranqüilo, barato, rápido, objetivo, na porta e com esse percurso eu acabei desenhando tipos.*

*E carro acabo usando no final de semana e acabo alugando um carro maior para carregar amigos.*

*Então, consegui convencer minha mulher a vender o carro. É um troço a menos que vou ter para encher o saco; para mandar botar nova plaqueta daquele ano, pagar o seguro, procurar uma vaga que é uma coisa infernal.*

*Claro que aqui no Brasil o carro é necessário porque é outra medida, é outro comportamento. Não tem metrô, o supermercado é longe.*

*Vai ser uma das coisas de consumo que vou me livrar. Meu carro é velho, tem dez, onze anos de idade, muito pouco rodado, novo, na verdade, acabava usando o carro para transportar*

*quadros e essas coisas todas; na hora de viajar de carro alugava um maior, mais confortável, então eu também estou tentando me livrar desse tipo de coisas que só enchem o saco.*

*É mais um peso, casa no campo; não tenho casa de campo, não quero ter casa de campo.*

*Porque quando chega lá, o boiler estragou, a cerca caiu, a cabra do vizinho comeu as plantas, eu vejo histórias.*

*Quando eu construí minha casa no Rio, eu construí uma casa bonita no Rio, que eu vendi agora há um ano atrás, também foi uma das coisas que me livreí dessa.*

*E vendi mal a casa, acabei vendendo mal a casa por eu não ter feito dois valores importante, considerados importantes numa casa, que é garagem, disse: ' não vou gastar uma fortuna para construir uma garagem para guardar um carro ruim; na época eu tinha dois carros, tinha uma Kombi, porcaria Kombi que não é carro, tinha uma Belina, uma caminhonete Belina. Disse: 'Pô, não vou gastar muito dinheiro para guardar a porcaria desses dois carros, fica na rua e ficou na rua, era dentro de um condomínio, podia ficar na rua, mas como o carro era ruim, apodreceu em três anos, a lata apodreceu. E fiquei feliz quando apodreceu. E aí andei de táxi. E vendi os carros podres e andei de táxi.*

*Então, não construí garagem e não construí piscina. Porque eu vi todos os meus amigos, todos os meus vizinhos brigando com o cara que limpa a piscina, brigando com o vizinho que deixou a árvore que caiu a folha dentro da piscina, que caiu sapo, que caiu não sei o que e, aí, tinha que cobrir, um trabalho danado. E o bom da piscina não é a piscina, é a beira da piscina.*

*Aí, eu fiz uma super beira de piscina, um deck maravilhoso, com a churrasqueira; faz o churrasquinho, com as espreguiçadeiras e um grande chuveiro, um enorme chuveiro.*

*Aí, ficava apanhando sol, me molhava naquele chuveiro maravilhoso, fazia meu churrasquinho, batia papo, tomava meu gim tônica, e não tinha a chatice da piscina, porque também sinto um pouco de nojo de água de piscina. Te juro que sinto um pouco de nojo. É um negócio que me irrita.*

*Em Saint-Paul-de-Vence, todos os artistas passavam por lá, desde Picasso, Monet, Degas, Fernand Léger, todos os artistas passaram por lá e eu fiz esse caminho e aluguei uma bela casa lá, enorme, bonita, sofisticada, cinco suítes, garagem para cinco carros, uma enorme piscina.*

*A primeira coisa, usei ela um mês e depois cobri para não cair folha e me aborrecer com o limpador da piscina. E curti a beira dessa piscina. E não aluguei essa casa por isso, por causa da piscina, por causa da garagem ou das cinco suítes. Aluguei pela vista que ela tinha. A vista dela é que era bacana, que era importante. E que é outro conceito que eu tenho de casa. A casa tem que ter é a vista. O que interessa da casa é a janela. O lado de fora você não tem poderes de mudar. Então, eu achei essa casa, que tinha uma vista lindíssima, dando para o village, o interval de Sain-Paul, onde eu via a torre da igreja do século XII, ela toda murada, então é uma casa que foi maravilhosa. Por dentro, a casa que era bonita e sofisticada, eu mudei completamente, porque aí eu tinha poder de mudar, porque era o meu espaço.*

*Comprei tecidos da Provence e fiz uma maquiagem na casa pelo período que passei, com cortinas de tecidos da região, com colchas, com as almofadas, com os estofamentos, e mudei a casa completamente por dentro, a disposição dos móveis, aquela coisa toda e com os tecidos da região.*

*Montei um atelier, ficou maravilhoso; recebi os amigos e, a casa ficou tão espetacular que o proprietário, na hora de eu entregar a casa, acabou comprando esses tecidos que eu mandei fazer, essas coisas .... Porque esse espaço de dentro da casa você acaba mudando, você faz à tua maneira, o teu tamanho, a tua necessidade.*

*Mas, o que me interessou nessa casa foi a janela, as janelas que davam para uma paisagem lindíssima. Eu pouco me importei com a piscina, com a garagem ou com as cinco suítes. Acabei usando duas, três ficaram fechadas. Mas, então esse tipo.*

*Porque eu me lembro, quando eu casei, quando eu casei, minha mulher, na época, ah ... meio sem dinheiro, começando a carreira, começando a vida, jovem, tinha vinte e cinco anos, então, apartamentinho no Rio, tal, aqueles apartamentinhos mínimos, quarto e sala, eu disse: 'mas por que tem que ter sala, com aquele sofá, aquelas duas mesinhas de lado e aquele abajur; não precisa ter sala. Pode ser um atelier aqui nesse espaço.'*

*Porque eu já tinha percebido que todas as casas que eu vivi que tinha sala, que tem sala, por exemplo, lá em Paris, eu tenho sala de visitas, tem sala de jantar, tem sala de televisão, tem sala de tudo, mas, acabam as visitas, no final da noite, todos enfiados no atelier, tomando a saideira, no atelier, porque no atelier é que tem mais alma, tem mais energia, é que tem mais coisa para ver, tem mais curiosidade.*

*Eu tive um atelier no Rio, na Lagoa, nesse período de um casamento e outro, eu morei sozinho, durante seis anos, num apartamento na Lagoa e aí não tinha mulher para me impor uma sala com sofá e mesinha do lado, e abajur, que eu detesto.*

*Aí eu fiz um grande atelier. Bom, esse grande atelier era uma loucura para garotada que ia lá, de escola, fazer trabalho de escola, trabalho de colégio, entrevista. Eles ficavam fascinados, porque a casa que tinha lugar para comer, tinha lugar para visita, tinha lugar para dormir, tinha banheiro, tinha cozinha, tinha tudo, mas era um grande atelier.*

*E era uma coisa que a garotada e os adolescentes que passavam por lá não queria mais ir embora. Porque era uma coisa mágica, uma coisa divertida.*

*E eu sentia um profundo prazer, vivi feliz nesse atelier durante seis anos, na Lagoa, com uma vista lindíssima. O apartamento também pequeno, mas a vista era importante. O grande janelão, dando para Lagoa em frente ao Cristo Redentor.*

*Então, esse tipo de preocupação eu sempre tive, quer dizer, eu não sei se quero ter uma bela casa, eu quero ter uma bela paisagem em frente à minha casa.*

*Então, essa exigência, que acaba também virando caro, porque realmente a vista está incluída no preço de um aluguel ou de uma compra de um espaço, mas eu fiquei mais preocupado com isso, que por dentro eu faço à minha maneira, à maneira que eu gosto, à maneira que os meus amigos gostam, à maneira que eu sou feliz.*

*Então, esse tipo de coisa sempre foi uma preocupação talvez desde pequenininho, aqui em Joinville, quando eu já queria ser artista, numa época, numa cidade, numa época que ninguém queria ser artista, ninguém pensava em ser artista. Joinville sempre foi uma cidade industrial. Hoje já tem escola de arte, tem museu, tem teatro, festival de dança.*

*Mas, isso há quarenta anos atrás, quarenta e cinco anos atrás, aqui só tinha fábrica.*

*Então, as pessoas eram preocupadas em ser engenheiros, ser operários, ser isso, ser aquilo e eu queria ser artista. Já era aquela coisa diferente, que não eram nem muito bem aceita por uma sociedade, dentro da escola, né; os professores no colégio, na época me enchiam o saco. 'Oh, ser artista aí não dá futuro, isso aí não é, tal.' E eu me sentia mal, não tinha ninguém me apoiando, me aplaudindo na minha intenção, não é?.*

*E esse tipo de comportamento, quer dizer, aí eu tive que impor, eu quero ser artista, eu vou ser artista na vida. Porque o único que me aplaudiu foi meu pai, o único que me aplaudiu: 'Puxa, que bom!'.*

*Tinha um lado dele, talvez, camuflado, porque ele desenhava muito bem, ele esculpia muito bem e era um homem, era caixeiro viajante, e ele era preocupado com antiguidades, ele gostava de arte, ele comprava, você vê aqui a casa da minha mãe, é cheia de peças antigas, tal, porque ele comprou nesse período todo, quer dizer, era um homem muito sensível e tinha esse bom gosto e tinha essa preocupação em fazer de uma lingüiça um banquete, no mínimo.*

*Eu me lembro a minha mãe na época em que saiu aqueles saquinhos, porque o leite antes era em garrafa, depois veio em saquinho, saquinho de plástico.*

*Eu era garoto, minha mãe guardava aquele plástico, aquele saquinho e acabava desmanchando aquele saco e fazia umas tiras para fazer daquilo tapete para botar no banheiro. Essa aplicação, essa criatividade, nas coisas mais simples, era a sobra do saco de leite que virava tapete do banheiro; isso me fascinava.*

*E no período que eu era garoto aqui em Joinville e que queria ser artista, eu me lembro, as menininhas, eu correndo atrás das menininhas, as menininhas não me davam muita bola, porque era preferível dar bola para o outro garoto que ia estudar engenharia e herdar a fábrica do pai.*

*Então, eu disse: 'Puxa, eu tenho que caprichar no visual meu'; primeiro muito magro, muito magrinho, baixinho, magrinho. Os outros garotos já mais fortes, tal, faziam esporte.*

*E aí, eu me lembro, que a primeira preocupação foi apreender a dançar bem.*

*Eu levava vantagem sobre os outros garotos, eu tinha umas primas, uma prima que eu gostava, um ano mais velha do que eu e eu pedi para ela me ensinar a dançar.*

*Então, aos treze anos eu já dançava muito bem. E, todos os garotos na época, meio tímidos, iam para o baile e ficavam no bar, tomando cuba libre, enchendo a cara, para depois ter coragem de dançar. Eu já chegava prontinho, entendeu?.*

*Sabia dançar, gostava de dançar, gosto até hoje; então, já ia lá, já tirava a menininha para dançar e adorava dançar e as menininhas ficavam, lógico, eu sabia dançar.*

*Aí na época apareceu a moda, os garotos todos, de abotoadura de ouro. Abotoadura de ouro, todo mundo de punho duplo e abotoadura de ouro.*

*Caramba, eu não tinha dinheiro, meu pai também, para me comprar uma abotoadura nem de lata, muito menos de ouro.*

*Mas, com habilidade, acabei eu fazendo e fabricando as minhas próprias abotoaduras, para fazer charme para as menininhas; devia ter treze ou quatorze anos.*

*Então, eu fazia as minhas abotoaduras de madeira, com formas, com massinhas e com tudo e que era um pretexto para seduzir e mostrar para as menininhas.*

*Aí começa essa coisa que a gente vai crescendo e vai percebendo, todo tipo de trabalho que você faz, na verdade, é para isso, para seduzir, para seduzir um público, para você se sentir aceito, para você se sentir amado, para você sentir-se admirado.*

*Então, esse tipo de coisa eu acabei levando a sério, não é?.*

*Quer dizer, acabei levando a sério em todos os sentidos.*

*Então, na hora de morar, eu quero que a casa seja sob a minha medida, não quero que a casa seja igual a dos outros.*

*Quando eu vou comprar uma roupa, não é, inclusive a minha própria maneira de vestir que virou até uma marca minha, eu não vou comprar a roupa na boutique famosa ou que tá na moda.*

*Em Paris, eu tenho lojas, antiquários que eu compro as minhas roupas, é antiquários, roupas do século passado, que é roupa usada, caríssima. Porque são roupas de coleção, são coisas únicas. São roupas um pouco teatrais, mas me dá prazer; talvez seja ainda aquele menininho que queira seduzir e não pode e não quer, se nega a comprar tal abotoadura igual a de todos, ou aquele tênis igual ao de todo mundo; acaba comprando polainas e bengalas e ridengotes dos antiquários, para, quando chegar numa festa, ser notado.*

*Talvez eu tenha que contar isso para o meu analista, no divã da Psicanálise. Mas, não importa, me faz prazer, me dá prazer.*

*Aí volta aquela coisa de enfeitar o seu dia a dia”.*

Sobre o seu dia a dia de trabalho, Juarez nos conta:

*“O caminho, tudo isso tá amarrado. Você sente que tem uma linha que começa muito cedo aqui em Joinville, ou ainda garoto, essa preocupação de enfeitar o seu dia-a-dia.*

*E que me dá muito prazer, de comprar uma coisa para colocar, para comprar uma coisa para enfeitar a minha casa, para enfeitar o meu atelier.*

*O atelier, geralmente, é a menina dos meus olhos. Aí, outra coisa do trabalho que eu sempre tive preocupação em morar no trabalho para ganhar tempo. Para ganhar tempo, não é nem para ganhar tempo, é para não perder tempo em transporte, em passagem.*

*Então, morar no trabalho, morar em cima da padaria, quer dizer, você está presente.*

*Em Paris, meu atelier é no segundo e terceiro andar e moro no quarto e no quinto e no sexto andar do mesmo prédio.*

*Então, quando a Eliane, por exemplo, me chama para o jantar, telefona, eu já tomo banho no atelier que é no segundo andar e subo nu para o quarto andar, para o apartamento, subo já nu, com a roupa já jogado no saco da lavanderia e subo nu para o andar de cima, são mais dois andares para o jantar, aí me visto, ponho um’ robe de chambre’, um pijama, uma bermuda, seja lá o que for, para jantar.*

*Mas, já subo nu, já de banho tomado, para jantar, ver um pouco de televisão, bater papo e ir dormir, compreendeu?.*

*E me dá um profundo prazer nisso, porque já chego em casa pronto para casa, não é?*

*Como não tem ninguém no prédio, não tem ninguém no prédio, como nós, eu e a mulher, então, já subo nu, porque aquele corredor, aquela escada é nossa.*

*Mas, eu sempre preocupei em morar.*

*Quando eu fui morar em Curitiba, começar a minha carreira na Escola de Belas Artes; durante o dia eu estudava na Escola de Belas Artes e tinha que arranjar um emprego de noite para poder pagar a pensão, pagar a escola, pagar ..., poder sobreviver. E fui para Escola de Belas Artes durante o dia e, de noite, tinha que arranjar um emprego.*

*Qual o emprego que eu poderia conseguir na época de noite. Era difícil, porque não tinha emprego disponível. Era ser leão-de-chácara de boate, com esse meu físico borboleta, eu não conseguiria nada, mas a televisão estava começando na época 1961, 60, televisão a vapor ainda na época, começando, eu disse: 'Puxa, televisão, é, televisão ao vivo, começava às 6:00 h. da tarde e ia até meia-noite, oh, tá aí e é uma coisa que eu vou trabalhar dentro do meu universo que é a pintura e o desenho'. E, fui trabalhar na televisão. Consegui lá um emprego de cenógrafo. Primeira providência foi arranjar uma pensão que ficasse justamente entre o endereço, que ficasse justamente entre a Escola de Belas Artes e a televisão, para eu não perder, evitar pegar condução, não perder tempo, que eu pudesse ir a pé, compreendeu?*

*E, morei nessa pensão durante todo o tempo que passei lá.*

*O primeiro atelier foi perto do primeiro emprego que eu consegui em Curitiba, que era na Gráfica Impressora Paranaense, aí quase em frente em consegui; a minha preocupação sempre era morar o mais perto possível, até que chegou um ponto na minha vida que eu consegui botar o trabalho dentro da minha própria casa, que é o caso do atelier.*

*Eu já tive atelier fora de casa, que não deu certo, não foi legal, trânsito, transporte, não chega com o mesmo pique, não chega com o mesmo pique.*

*Então, apreendi na minha maneira de trabalhar que eu tenho que morar o mais próximo, se possível, dentro do trabalho, que aí é a concentração total.*

*Claro que, às vezes, enche o saco, porque aí você não se desliga nunca.*

*Mas, eu criei normas, quer dizer, eu tenho telefone do atelier e tenho o telefone da casa.*

*Quando toca o do atelier que não é, que eu não quero atender, eu não atendo. O da casa atendo, porque aí virou expediente da casa. Mas, o do atelier, não atendo.*

*Quando toca a campanha da porta do atelier não atendo, que aí é para se proteger, também, senão aí fica o tempo todo.*

*Então, esse tipo de coisa.*

*E ... eu percebi nessas nossas crises brasileiras que já vêm de anos, não é uma coisa nova, então, e de falências de certas profissões, eu vejo agora as pessoas até estimularem isso: 'Ah, o fulano, perdeu o emprego, mas está fabricando pastel, fazendo bolinho para fora, fazendo docinho, a mulher está fazendo brigadeiro, a outra tá fazendo não sei o que, tal.*

*De repente, é um caminho bom que descobre prazeres do seu passatempo, da sua coisa que sabia fazer, não é, não levava a sério e que também dá um dinheirinho.*

*Porque nesse período de menino, meu pai era pobre, minha família não tinha grana.*

*Então, enquanto os outros amiguinhos da rua ganhavam mil brinquedos, na época não era nem de plástico, eram brinquedos de corda, brinquedos de lata e de corda.*

*Eu também, meu pai não podia dar no Natal.*

*Eu fabricava os meus brinquedos. Muito criativo. Os meus brinquedos eram tão bacanas, que eu fabricava para mim e acabava, depois, eu fabricando em linha e vendendo para o amiguinhos da rua. Caminhãozinho que girava com molejo, que aí eu criava bossa em cima desses camiãozinhos, de madeira cortada, catava pedaços de madeira na rua, em construções, entrava numa construção, numa casa, roubava lá umas madeirinhas e fazia camiãozinho, tal, mas com borracha, que tinha molejo, a roda girava, cheia de bossa.*

*E, pipa, fazia muita pipa, fazia pipa com papel de seda e bambu.*

*Mas, a seda não era uma cor só. Aí, eu fazia com time de futebol, fazia com cara de personagens de histórias em quadrinhos.*

*Ontem, mesmo, eu encontrei um amigo de infância, José Carlos Prister, Zico, que foi um amigo de infância aqui, depois a gente se perdeu, ele foi para São Paulo fazer Arquitetura, é um grande arquiteto, está agora em Joinville, aqui e, ontem, a gente se encontrou, ele me falou isso: 'Puxa, Juarez', a coisa que mais me impressionou e hoje ele largou a Arquitetura e está ligado mais às Artes Plásticas, a gente ia para o rio, você, para o rio, tomar banho de rio, brincar de canoa, tal, rio Bucarein aqui, e eu ficava com um balde, recolhendo barro, não é, e levava esse barro para casa, para fazer bonequinhos e personagens e uma cidade inteira que eu fiz para brincar de carrinho, né.*

*Eu fiz os prédios, edifícios, com esse barro.*

*E ele, ontem, lembrou isso, ele tem a minha idade, cinqüenta e sete anos: 'Puxa, Juarez, até hoje eu tenho a imagem daquelas máscaras'; eu fazia umas máscaras de barro que eram as caras dos personagens das histórias em quadrinho: Superhomem, o capitão Marvel, o Batman, o Robin, tal.*

*'Juarez, eu só conhecia a cara desses personagens na bidimensão, no papel, você passou, foi a primeira pessoa que me fez ver na tridimensão, na forma e você, ainda pintava, era colorido, com guache'.*

*Tinha nove, dez anos por aí. Então, os brinquedos meus eram geniais para mim e para os outros, muito melhor do que os brinquedinhos de corda, não é. Eu fazia essas máscaras.*

*Ainda ontem quando eu falei, disse: 'puxa, que pena, que eu não guardei,' não tenho, quebrou, as coisas se perdeu, acabou se perdendo no tempo e na história, essas máscaras desses personagens, que hoje você vê o Batman no cinema e na televisão mas, na época só havia em preto e branco na historinha, eu já tinha passado isso para tridimensão, em forma de boneco de barro, tal.*

*Então, foi um negócio que, talvez tudo isso, começou naquela época e não parou, acabei aprimorando, digamos assim, não é.*

*Foi evoluindo, entra um pouco de dinheiro, você acaba se permitindo, não é.*

*Uma vez, eu me lembro em São Paulo, já tem uns vinte anos isso, eu mandei um amigo meu, fabricante de automóvel, fazer um carro para mim. Especial, não para comprar, ir na esquina, eu podia ir na esquina e comprar qualquer carro.*

*Mas não, eu disse: 'eu não quero um carro que todo mundo tenha'. 'Façam para mim'.*

*Aí desenhei mais ou menos a forma que eu queria, com paralamas assim, pintura de duas cores, né; ele era prateado, o corpo do carro era prateado e os paralamas preto, tal, e, aí, na porta tinha o meu monograma em dourado.*

*Ele fabricou o carro para mim. Eu desenhei e ele fabricou e aí andei com carro, motor de opala, na época, ele botou motor de opala; o carro andava bem. Era um bom carro. Ele fabricou o carro para mim.*

*Pô, me deu um prazer, eu ter um carro que ninguém tinha, único.*

*O motor, eu falei: 'eu não entendo de motor, você põe o motor que você quiser'.*

*'Vou botar o motor opala que é legal, tal.'*

*'Tá ótimo, o motor tá bom, eu não entendo de motor'.*

*Agora a forma é que me interessava, o visual.*

*E aí essa coisa, eu acho, que veio do meu pai, que ele passou isso para mim; minha mãe também pintava, ela pintava leques.*

*Na época, não havia o ar condicionado, então, as pessoas iam para o teatro, para o cinema, para missa, para ópera, para sei lá para onde com leque, num calor desgraçado aqui na nossa terra, ia tudo de leque.*

*Ela pintava na seda paisagens, flores, aquela coisa toda. E foram, talvez, os meus primeiros brinquedos, também, aquela mesa, que ficava, de uma lado o meu pai restaurando os objetos antigos que ele comprava e, do outro lado da mesa, a minha mãe que ficava pintando esses leques e foram os primeiros objetos que eu brinquei.*

*Ao invés de ter um chocalho, eu peguei num pincel. E comecei a pintar e a brincar, tal.*

*Então, começa por aí, e percebo que eles passaram isso para mim e eu passei isso para as minhas crianças. Os meus três filhos são voltados, estão todos os três voltados a isso.*

*O meu filho mais velho, tem trinta e dois anos, o Rui tem uma produtora de vídeo e televisão, quer dizer, nesse universo, no Rio, esse é o mais velho, mora no Rio.*

*A minha filha do meio, tem trinta anos, desenha muito bem, faz escultura, fez escola de arte em Nova Iorque, tal e acabou caindo para uma coisa mais moderna, digamos, que é o negócio do desenho animado, virtual, através de computador, tal, e trabalha loucamente em Nova Iorque, ligada às artes visuais.*

*E, o meu menor em Los Angeles, que desenha muito bem também, mas acabou caindo no cinema. Faz universidade de cinema lá, quer ser diretor de cinema e vejo os roteiros, passei agora uma temporada grande com ele lá, os roteiros que ele escreve, todo com histórico bor, muito bem desenhado, mostrando as cenas como devem ser, desenhando os personagens, como o penteado, a roupa, a gordura, o tamanho, o jeito, o tipo físico, quer dizer, é completo. Vai ser um diretor completo.*

*E, com uma cultura muito ampla; porque é nascido no Brasil, fez toda a sua escola primária e secundária em Paris, faz universidade agora na América, quer dizer, tem uma visão de mundo muito mais ampla que, talvez, para mim, tenha sido mais difícil essa abertura, porque eu estava fechado aqui, nesse panelão de Joinville, entre a Serra do Mar e o morro Boa Vista, mas eu ficava sentado na janela do meu quarto, imaginando, que era um outro jogo que eu fazia, ficava olhando as nuvens no horizonte e ficava imaginando o que teria debaixo daquela nuvem que eu estava vendo. Era um jogo que eu fazia, compreendeu, de menino, olhava para o horizonte e via uma nuvem e ficava imaginando o que teria debaixo, além das montanhas, debaixo daquela nuvem.*

*E, já começava a viajar, já começava a viajar entre aspás, né, que foram as minhas primeiras viagens foram essas, olhando a nuvem e imaginando o que teria debaixo daquela nuvem.*

*Como é que era a paisagem, como é que era o vilarejo, como é que era ...*

*E até que um dia eu fui a São Francisco, que é a terra do meu pai.*

*Meu pai nasceu em São Francisco e, eu garotinho, sei lá, tinha seis anos, tal, e quando eu perguntei para meu pai: 'para que lado é São Francisco? É para lá'. E era uma direção que eu olhava as nuvens, então, agora, eu vou ver o que tem debaixo daquela nuvem.*

*Então, eu acho que tomei consciência desse poder da imaginação; não tem nada aí de esotérico, de mágico, um poder da sua própria imaginação e a sua imaginação é o teu tamanho, eu acho, é o teu tamanho.*

*Se você tem uma grande imaginação você é muito grande. Se você medíocre, se a tua imaginação é medíocre, não é, se a sua imaginação é medíocre, então você é medíocre.*

*Então, a imaginação, a criatividade, também é um exercício, você tem que fazer todo dia, não é, as pequenas coisas.*

*Ah, hoje vou me vestir diferente, hoje vou por um caminho diferente para o meu trabalho, umas coisas simples, vou fazer por um caminho diferente, eu vou me pentear diferente, eu vou mudar minha voz; pequeninas coisas, compreendeu?.*

*Eu acho que eu tomei consciência desse poder de imaginação, quando, um dia, eu fui reprovado no colégio. Eu saí da escola com o boletim reprovado. Eu disse: 'puta, merda, vou chegar em casa, vai ser uma tragédia, meu pai vai me encher as clavículas, vou levar cascudo da família', tal, desesperado por ter sido reprovado.*

*Aí, antes de chegar em casa, eu parei num banco da praça, aqui, do jardim velho de Joinville, com o boletim na mão, chateado, triste, com medo de chegar em casa, enfim, foi assim, uma coisa ruim da minha vida essa reprovação; o não ser aceito é ruim sempre, não é?.*

*'Ah! Que merda, tal', sentei no banco e, aí, em frente, tinha um outro banco vazio, banco de jardim.*

*Eu disse: 'Ah, eu tenho de fugir, eu queria ser esse banco. Esse banco não tem professor, não tem pai, não tem mãe, não tem escola, não tem tarefas, não tem obrigações, não tem lição de casa, esse banco é que é feliz, não é, porque ele tá parado aí nesse jardim bonito, ele é que é feliz, eu sou infeliz. Eu quero ser esse banco'.*

*E, aí, fechei os olhos e passei a ser aquele banco. Quando chega uma senhora, senta no banco com uma sacola de compras, eu senti que ela sentou em mim, pelo peso ou tinha frutas na sacola, eu senti o cheiro das frutas. Eu senti que eu fui o banco durante uma fração de segundo.*

*Porque quando ela sentou, eu senti o peso dela sentando, o calor da bunda, não sei, eu senti, o tecido da roupa, a sacola, tal.*

*E eu fiquei fascinado com esse poder: de eu poder ser o banco.*

*‘Bom, se eu posso ser aquele banco, eu posso ser qualquer coisa. Aí depende agora da minha ambição. O banco eu já consegui ser, ótimo, não é’.*

*E levantei do meu banco com o boletim reprovado e fui para casa, levei cascudo, levei pito, mas não me machucou mais, não me magoou, porque eu percebi que o tamanho da minha imaginação era grande e eu poderia aí, agora, usar a meu favor, não é.*

*Se eu não estudava bem no colégio, que eu fizesse ilegalmente melhores colas, para me safar, compreendeu?.*

*Não sei se fui mau aluno; eu me protejo, dizendo que tive péssimos professores, que não me entenderam.*

*Claro, que toda intenção era para provar que eu era um mau aluno.*

*Mas, aí, com a minha imaginação, eu me protegi. ‘Não, não sou tão ruim assim, eles que não são tão bons’, para me convencer.*

*É uma maneira de você se proteger. Porque aí entra esse negócio de culpa, que é uma carga pesada.*

*A nossa educação, a nossa formação, a nossa sociedade, vai te jogando para dentro desse fosso, que é muito ruim para depois você sair.*

*Eu sei, porque também, aí, em certo momento difícil da minha vida, morte do meu pai, eu senti que não ia agüentar essa morte sozinho, acabei eu indo para um divã de Psicanálise, para segurar essa barra e, durante esse período em que eu fiquei fazendo Psicanálise, foi um período muito rico da minha vida, muito importante e que me abriu outros caminhos, outra cabeça, foi bom, foi uma ajuda que eu precisava na época e que foi também uma abertura para outros caminhos, foi um período bonito e que eu me dediquei muito às crianças.*

*Nessa época eu fiz muito livro para criança, porque eu estava mexendo com o Juarez criança. Aí eu entendi todas as crianças do mundo, né, aí, eu entendi tudo.*

*Eu estava mexendo com o Juarez criança, eu, já sendo adulto.*

*Então, aí, comecei a fazer livros para quele Juarez, que era igual a todas as crianças, não tinha nada de diferente.*

*Então, comecei a fazer livro sem texto, estimulando a imaginação, estimulando a criatividade e o prazer de viver.*

*Porque, na verdade, quando eu quis ser o banco, foi, de uma maneira tímida, um suicídio. Eu queria fugir da realidade, não é.*

*Podia cambar para um outro caminho, era um suicídio velado, era um suicídio camuflado, fugir da minha realidade e da minha reprovação, não é.*

*Mas, aí, eu descobri um outro caminho. Então, foi uma coisa muito boa.*

*Então, aí, esse tipo de brincadeira, que eu chamo, esse tipo nem é brincadeira, tipo de jogo, é uma coisa que você pode fazer todo dia. E que não tem nada de religioso, de esotérico, não, é você com você mesmo.*

*Porque dentro dessa arquitetura que a gente tem, essa arquitetura, o corpo que a gente tem, não é, a gente acaba vivendo. A gente vive dentro dessa arquitetura, somos nós mesmos. Quer dizer, a gente pode ser casado, pode ter amigos, pode ter outros, mas não tem outros habitantes, você não consegue fazer ninguém entrar dentro de você.*

*Somos solitários. Então, aí, você tem que tentar viver bem dentro desse espaço que é o teu e enfeitar ele um pouquinho. Com um certo prazer, não é, e a teu favor, quer dizer, a seu favor.*

*E no trabalho, quer dizer, eu vejo a turma trabalhando, eu vejo as pessoas, às vezes, reclamando, tal. Disse: ‘puta merda, vocês são injustos’. Pega uma mulher, uma dona de casa de uma favela no Rio, para você ver o que é que é trabalho. Para subir só aquele morro com uma lata d’água na cabeça, cuidar de filho doente, morando mal, sem comida, sem dinheiro, quer dizer, trabalha muito mais.*

*Mas, aposto que ela tem uma felicidade que você não tem, porque aí, chega no Carnaval, ela se entrega, tá preparando a fantasia, com a maior dificuldade, preparando essa fantasia.*

*Eu acho que isso que a gente precisa: essa fantasia.*

*Uma fantasia para trabalhar o ano todo, para chegar um dia e usar essa fantasia. E a fantasia de carnaval, né, essa fantasia do dia-a-dia.*

*Mas, eu acho que também as próprias empresas que, muitas vezes, que também as empresas vêm, agora muda, mas vêm de um comportamento feudal, de um certo poder, de uma certa exploração do homem, né, trabalha muito e paga mal.*

*Muda um pouco agora, com um pouco de socialismo, mas é muito devagar ainda. Eu percebo que ainda é muito devagar, aqui no nosso lado de cá no mundo.*

*Eu vejo na França já é um pouco diferente, já é diferente. Por ser um país socialista, já com uma tradição dessa preocupação do direito do ser humano, então, começa com eles, já desde a época da Revolução Francesa, as empresas têm um comportamento diferente e estimulam os seus funcionários, os seus operários, seus trabalhadores a partir para opções, quer dizer, com clube de reuniões, com clube de festas, com clube de ginástica, sei lá, não tem a receita ideal, mas tem isso, não é.*

*Que olhe mais como ser humano, quer dizer, não é apenas pagar o que é obrigatório, os direitos obrigatórios, mas tem um certo comportamento do coletivo, do prazer coletivo, não só do trabalho coletivo, do time de futebol, do baile, de um churrasco no fim-de-semana, um tipo de coisa assim que aliviam essa carga do dia-a-dia, que é muito chato. As tarefas são chatas. Ninguém vem me provar que não, claro.*

*O banco não é dos lugares o mais genial. Nunca trabalhei em banco, mas toda a vez que eu uso um mau exemplo, a gente usa o banco. 'Pô, aquele chato, pô'.*

*Ser caixa de um banco deve ser uma chatice, lógico. Caixa de banco que é um exemplo pejorativo, que é mau, mas, o próprio banco devia se preocupar, quer dizer, as empresas se preocupar mais com esse tipo de gente que trabalha nesses trabalhos mais pesados e as pessoas, quer dizer, o público também. Eu sou preocupado com isso.*

*Quando chego num caixa de banco, eu sempre chego da maneira mais simpática possível. Quando eu vou usar o serviço de alguém, eu tento chegar de uma maneira sempre agradável, dizendo frases que a gente não usa muito na nossa língua: bom dia, como vai?, por favor, obrigado, com licença. Palavras mágicas.*

*Claro que a pessoa que está ali no trabalho tá desde manhã cedo, com o pé molhado, porque veio na chuva, o sapato está molhado, tá com dor de dente, tem que sair correndo para casa, quer dizer, aquelas coisas todas.*

*Então, eu sei disso porque eu vou pegar o serviço dela e vou-me embora, então, eu tento chegar, quer dizer, esse tipo de coisa também, eu vejo aquilo.*

*Chega num cafezinho num bar, o cara: 'Oh psiu, vê um cafezinho aí?' Pô, eu acho uma sacanagem, é uma sacanagem para o cara do bar, para o garçom do bar que tá ali, recebendo mal, um calor danado, cheio de mosca naquele boteco, compreendeu.*

*'Oh psiu, vê um café aí, pô, que merda, tá frio, tá muito açúcar, tá não sei'.*

*Eu tento chegar: 'bom dia', sabe um bom dia até meio falso, mas é para compensar os bom dia que ele não recebeu. 'Bom dia, por favor, um cafezinho.'*

*Talvez isso também eu tenha apreendido na França. Você não pede nada lá antes de dizer: com licença, por favor, obrigado, bom dia. Você tem que dizer dezessete frases antes, para pedir o cafezinho e, se você pedir só o cafezinho, ele não te atende, ele não te atende.*

*O parisiense não é mau educado, somos nós. Aí é o tal negócio: 'ah, mas eu não sei falar francês.' Mas nem precisa. Não fale francês, fale português.*

*Mas, ele vai entender, bom dia é parecido com a da língua dele, ele vai entender pela tua cara, pelo teu sorriso, que é bom dia. 'Ah, é, ah, é um bom dia de brasileiro, legal'.*

*Cafezinho, também não vai entender. Aí o cara aponta lá para a xícara, ele vai entender. Aí diz obrigado, ele não sabe o que é, mas deve ser 'merci', até logo, deve ser 'au revoir', ele vai entender, compreendeu, faça mímica, mas diga em português as frases todas, que é bom dizer bom dia, por favor, obrigado, com licença, por favor.*

*Então, isso aí alivia a você e alivia o outro também.*

*Ah, brasileiro é muito caloroso. É caloroso, mas tem essa coisa que eu percebo que não é legal, que aí começa, se comunica mal, quer dizer, fale português, claro que vai ser bem atendido.*

*Não fale inglês, não gostam, não querem. Por que inglês?.*

*Porque a língua francesa sempre foi a língua do mundo, foi a língua da diplomacia, não é, a língua da cultura. Depois da guerra, como os americanos ganharam, se fossem os alemães, estaria todo mundo falando alemão agora. Então, como foi o inglês, aí impuseram a língua para eles. Eles até falam, mas, ele não preferem, eu percebo lá.*

*Agora, na época da Copa, bateu gente para burro lá: amigos, conhecidos, desconhecidos se tornaram conhecidos, enfim, passou muita gente.*

*E, eu percebia muita gente com essa dificuldade da língua: 'ah, mas eu não sei francês, o meu inglês é ruim'. Não fale inglês, mesmo se fosse bom. Fale português. Porque o francês tem uma simpatia pelo brasileiro, por essa coisa gostosa que a gente é, tal.*

*Então, fale português, claro, usando essas palavrinhas: bom dia, 'ah, mas é de tarde'.*

*O dia só acaba a meia-noite. Fale bom dia até às dez da noite, que tá valendo, fale bom dia antes de começar qualquer frase, aí, depois, por favor, um cafezinho, um copo d'água, ... e você vai ser bem tratado.*

*Então, esse tipo de comportamento não é, é uma coisa que depende de você, você pode mudar.*

*Mas, essa coisa, eu sou gentilíssimo com caixa de supermercado, que é outro lugar chato, pesado, difícil, sujo, barulhento.*

*O prazer no trabalho está ligado ao prazer da vida, eu acho que é por aí.*

*Nem sempre é possível sentir sempre o prazer, mas alivia a carga do dia-a-dia, vai aliviando um pouco.*

*Você começar com uma certa disposição de estar de bom humor, de uma certa alegria; claro, sempre tem um chato que corta o teu barato, e até desculpar o chato. A toda hora a gente sempre esbarra com um, mais agressivo, antipático, a toda hora a gente sempre está esbarrando com alguém assim. E que, às vezes, estraga o dia inteiro. Não é justo isso. Sabe, acaba até desculpando, o cara dormiu mal, mulher não deu para ele, sei lá, sabe, dar aquela desculpa para aliviar você também, para não chegar em casa com essa carga; você vai contaminando. O chato contamina mais fácil, claro.*

*E eu tento me proteger. Por exemplo: filme, não vejo filme que me chateia, não vejo filme de horror, não vejo filme triste, evito, 'ah, vou ao cinema para chorar', não vou, compreendeu, evito, até como um avestruz, compreendeu, bota a cabeça na terra, para não ver certas coisas, para se proteger. Ver coisa, filme ruim, filme de morte, filme de criança morrendo; me irrita isso. Filme de horror, detesto filme de horror.*

*Então, eu agora lá em Los Angeles, meu filho ligado a cinema, então, ele teve que ver, ele tem que ver e eu peguei carona, aí ele mesmo falou: 'pô, pai, você só gosta de comédia?' 'Só'. Não quero ver essa chatice, chato, pô, não quero, é ruim, me incomoda, não quero me incomodar, quer dizer, põe comédia.*

*Poder ser até burra a comédia, mas é melhor do que ver ...*

*Então, aí é o tal negócio.*

*O meu prazer é visual, pela minha formação ou deformação de artista plástico.*

*Mas, esse prazer não é privilégio meu. É um privilégio de todo mundo que pode saber, é tentar do que você esteja vendo melhorar um pouquinho. E aí tem o prazer auditivo, que é um outro barato.*

*Eu tenho um tio, agora, gosto muito desse meu tio, ele ficou cego, agora, há coisa de um ano atrás. Pô, eu fiquei, entrei em parafuso com uma doença, um troço; ficou cego.*

*Eu fiquei tão preocupado, aí, fui procurar o Instituto Benjamin Constant no Rio, conheci uma moça lá, legal, que tem um departamento de livros gravados, livros sonoros, para o meu tio não perder, e era um cara ligado ao visual, ele, ligado ao visual, crítico de cinema, adorava cinema, foi dono de cinema, de tanto que gostava de cinema, chegou a ser dono de cinema aqui em Joinville, cine Colon. Então, era um cara que sentiu o prazer pelos olhos. Aí fica cego. Disse: pô, esse meu tio vai ..., porque aí eu me projetei um pouco nele, esse meu tio vai enlouquecer. Aí eu fiquei preocupado com isso e acabei achando uma moça muito simpática lá no Rio, do Benjamin Constant, Instituto de cegos, e que me arranhou umas cópias de livros lidos e poesias lidas.*

*Aí eu disse: 'puxa vida, isso na França deve ter coisas maravilhosas e, aí, achei, você compra já pronto, livros maravilhosos em fita.*

*Aí, como ele entende e fala bem o alemão, aí achei em Paris uma livraria alemã, comprei uma super coleção, ficou feliz da vida, agora já me pediu outras.*

*Esse tipo de prazer de você usar, quer dizer, não estamos falando do cego, estamos falando de ser humano, de escutar coisa boa, coisa boa a seu favor, de ver coisa boa, não é. Freqüentar, por exemplo, desde pequeno, eu sempre fui um rato de museu. Porque é um programa tão bacana e tão barato, porque é de graça.*

*Aí você entra lá, vê coisas lindas e eu não sou tão radical de entrar só em museu de pintura, eu entro em qualquer tipo de museu, porque sempre vou ver coisas maravilhosas. Sempre vou ver coisas mágicas, diferentes, curiosas, não é.*

*Então, esse tipo de coisa.*

*Puxa, quisera eu ser uma fada e, realmente dar, com a varinha de condão, a receita certa.*

*Não sei, estou falando das minhas vivências, das minhas experiências, compreendeu, que tentar fazer do dia-a-dia, que é pesado, que é chato, uma coisa diferente, uma coisa melhor, não é”.*

Perguntado se costuma viajar por outras áreas da arte, Juarez comenta:

*“Um período da minha carreira eu fiz uma pouco de escultura. A escultura é um trabalho pesado, é um trabalho que você precisa de espaço, de operário para ajudar, é um trabalho que precisa de dinheiro, porque custa caro os materiais, os instrumentos, tal.*

*Então, quando eu saí da Escola de Belas Artes, uma pobreza franciscana, eu acabei indo para o Rio, morando mal, num apartamento pequeno de quarto e sala, aí não tinha espaço para fazer escultura, tal, aí foi quando entrei no desenho de humor, né, que aí com um pedaço de papel, uma caneta de tinta nanquim e uma pena, eu botava para fora as minhas intenções. Foi aí que eu entrei no desenho de humor.*

*Mas, dentro da cenografia, muito, não é. Aí, televisão, para teatro, para cinema mesmo, mas sempre ligado, quer dizer, essa é a coisa que, quando eu saí de Joinville, já aqui em Joinville, no meu primeiro emprego, numa gráfica aqui do laboratório Catarinense, eu desenhava rótulos de remédios, com dezesseis anos.*

*Porque eu queria, aí essa paixão pelo trabalho, eu queria me comprometer de tal forma, que eu queria sobreviver, viver para o trabalho, quer dizer. Eu não queria ...*

*Se alguém me oferecesse um emprego mais tranquilo, mais leve e ganhando muito mais, eu não aceitaria. Eu queria ter um casamento eterno com a minha intenção de artista. Eu queria depender, para sobreviver, da arte.*

*Porque aí, eu sabia, na época, que a minha entrega seria maior. Eu iria me entregar de corpo e alma.*

*Foi o que aconteceu. Se eu arranjasse um emprego que me desse um bom dinheiro, eu ia pintar aos domingos. Eu ia virar um artista medíocre de final de semana. Eu não queria isso. Sabe, eu queria ter essa entrega total.*

*Eu percebo que as pessoas acham que o pintor, o ato de fazer arte não é trabalho.*

*As pessoas ainda não respeitam a profissão do pintor. Como posso dizer ...*

*‘Ah, você não está trabalhando, você está pintando’, você não está trabalhando.*

*Mas, nessa minha disciplina de trabalho, não de operário, porque operário até tem direito de 13º e as férias, de lavrador, que não tem direito a nada nesse país, que trabalha mesmo; eu não tou dizendo que operário não trabalha, mas que, realmente, sem nada de ninguém.*

*Eu acordo muito cedo, seis horas da manhã, e vou para o atelier, e trabalho até às sete, oito horas da noite. Paro um pouquinho para comer uma salada, uma coisa leve, para não sentir sono e vou até às oito horas da noite, todos os dias e isso me dá muito prazer, não é.*

*E é trabalho, porque é compromisso com galerias, com exposições, quer dizer, é uma coisa fisicamente pesada.*

*Esses dois meses que eu passei pintando esse painel, quando eu falei dessa equipe, eu fiquei dois meses de quatro, num frio curitibano, dentro de um galpão gelado, de quatro, me arrastando em cima de mil e poucos azulejos, pintando. Chegava no hotel, completamente*

*dolorido, compreendeu, tinha uma massagista me esperando para botar a minha coluna em ordem.*

*Com joelheiras de jogador de futebol que, no final, a pele saiu toda do joelho e, dobrado à perna, o elástico do joelho atrás abriu feridas, chagas nas minhas pernas, compreendeu?.*

*Sufrimento físico; cabeça a mil.*

*Eu estava navegando naquele espaço de 100 m<sup>2</sup> de azulejo com aquelas tintas e, enjoado, com ânsias de vômito o tempo todo, não conseguindo comer por causa do cheiro da tinta, não é e não adiantava usar máscara, não adiantava nada.*

*Então, fisicamente, foi um trabalho árduo, agora, a cabeça a mil.*

*Quer dizer, tá pintando de gravata. Quando eu pinto, pinto de gravata, em cima de um tapete, muito elegante, tapete persa, tomando meu champagne e minhas ostras. Mas, estou trabalhando. Mas, eu estou botando essas ostras, esse champagne e esse tapete para enfeitar este ato do trabalho, de concentração, tudo isso é para enfeitar. As ostras e o que me dá prazer, tal.*

*Mas, esse trabalho lá do painel, se arrastando pelo chão e, realmente, chegava às nove horas da noite, eu estava podre, ia para uma banheira, ficava dentro da água quente para aliviar e tomando remédio contra dores musculares, e de osso.*

*Aqui, na mão, ficou um calo dessa altura, de apoiar a mão. Vou te mostrar as fotos.*

*Mas, me deu muito prazer. Me deu prazer. É uma coisa meio sado-masoquista, me deu prazer”.*

Para o artista, orgia é começar a pintar trinta ou quarenta quadros ao mesmo tempo.

Após andar de metrô, ir ao supermercado, volta ao atelier para mudar algum detalhe dos quadros.

Então, fica a tinta molhada em cima da seca; é o requinte da pintura, espera secar para raspar.

Comparando com a culinária, as lembranças, necessárias à sua pintura, são temperos de um prato gostoso.

Normalmente, o tema muda, mudam as cores, mas não muda o artista; é somente um outro enfoque.

Em suas palavras: “quando vou para um cavalete e vejo uma tela em branco, o quadro já está pronto”.